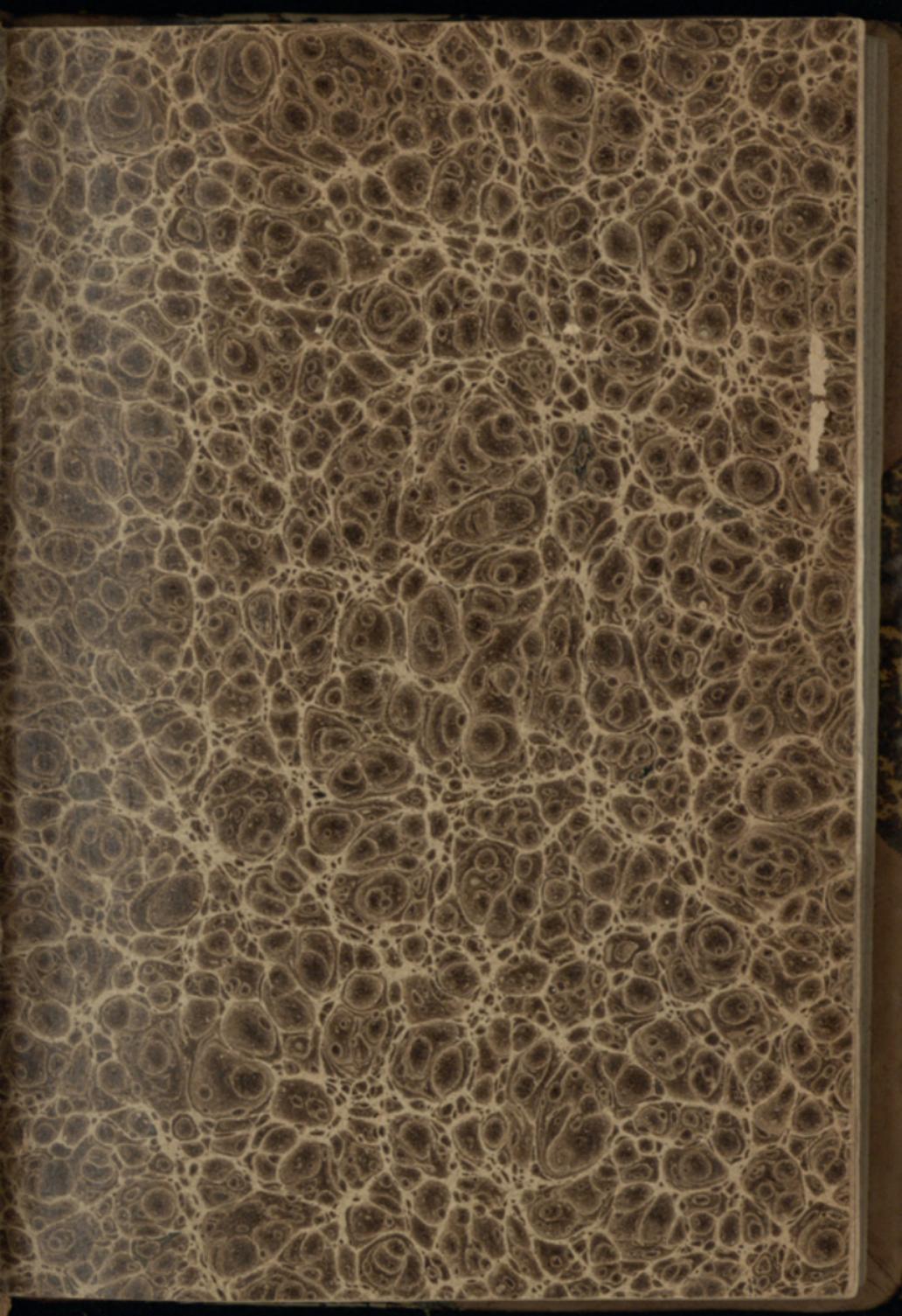


LIVRARIA
DE
FIALHO DE ALMEIDA

1912





~~FA 7849~~

Res

4995

IV

A MORGADA DE ROMARIZ

1871

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

CAMILLO CASTELLO BRANCO

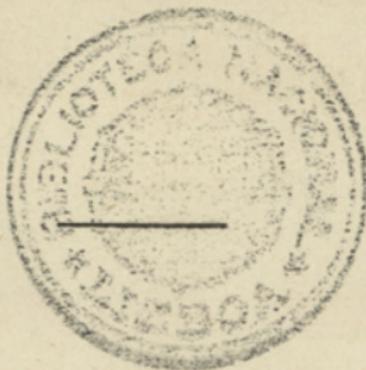
FIALHO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

IV

A MORGADA DE ROMARIZ



LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68, Praça de D. Pedro, 68

1876

Res
4995

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique
d'Araujo Gedinho Tavaras, súbdito brasileiro.

A

FRANCISCO TEIXEIRA DE QUEIROZ

AUCTOR

DA

Comedia do Campo

POR

BENTO MORENO

Sauda com superior admiração e indelevel reconhecimento

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A MORGADA DE ROMARIZ

I

Vi esta morgada, ha tres annos, em Braga, no theatro de S. Geraldo. Estava em scena *Santo Antonio*, o thaumaturgo. A commoção era geral. Tanto a morgada, como seu marido, o commendador Francisco José Alvarães, choravam, ás vezes; e, outras vezes, riam-se.

Era uma senhora de espavento, avermelhada, com as frescuras unctuosas e joviaes dos quarenta annos sadios, seios altos e aflantes, pulsos roliços e averdugados pela compressão das pulseiras cravejadas de esmeraldas e rubis.

Riu-se a morgada quando aquelle santo Antonio do seculo XIII recitou ás raparigas uma poesia madrigalêsca de Braz Martins,—bom homem que esteve quasi a regenerar o theatro nacional como elle deve ser. A poesia resava assim n'esta proza innocente:

*Mimosa nasce a flor e vive linda,
Se arrancada não foi logo ao nascer ;
Assim a virgem nasce e vive pura,
Se o vicio não trabalha p'ra perder.*

Et caetera, com a mesma uncção e musica.

A morgada sorrira-se para o marido; e elle, para lhe provar que tambem percebera o chiste, formou um tubo com os beiços carregados de chalaças mudas, e disse com atticismo velhaco:

—Versalhada . . .

Ora, a morgada de Romariz, lagrimando com intelligencia na proza da oratoria, assim que algum personagem pegava de rimar, ria-se. Persuadira-se de que a missão dos versos era como a das coegas. A natureza dera-lhe ao espirito aquelle feitio.

Remirei-a de esconso por sobre a espadua do esposo.

Ella bocejava nos entre-actos, até mostrar as campainhas; elle tosquenejava, e ás vezes, espriguiçando-se, grunhia:

—Estou massado.

—Podera . . . — obtemperava a esposa — a comedia bonita é . . . mas não ha nada como estar a gente na sua cama, Zézinho!

E dava tons lubricos ao diminutivo.

—Quem me lá dera . . . — volvia Alvarães deslocando as botas e dando folga e frescór aos pés no aprazivel *tunel* dos canos — O polimento estorcéga-me os calos . . . — queixava-se com azedume — Comedias . . . Ora adeus! Patranhas . . .

—Modos de vida, homem . . .

E abriam juntos as boccas spasmodicas.

—Ao menos se eu viesse ceado . . . — dizia elle.

—Fizesses como eu . . .

—Não me cabia cá . . . — e batia com os de-

dos dobrados no alto ventre como se faz ás melancias suspeitas.

—Já agora hemos de vêr a *scena da gloria* que é o mais bonito. . . — opinava a esposa.

N'este comenos, visitou-os um meu conhecido de Famalicão. Ao erguer do panno, sahiu de lá, e entrou no meu camarote. Foi elle quem me disse o nome das duas pessoas, accrescentando:

—Ali, onde a vê, tem romance; dá materia para dois tomos. . .

—Picarescos? Não me servem. . . Eu quero philosophia: os meus leitores querem philosophia, percebe o senhor?

—É o que ella tem mais que dar.

—Ora essa! . . . O senhor sabe que ella tem isso? Queira apresentar-me. . .

—Deus me defenda. . . Eu disse á morgada que vossê era romancista. . .

—E ella que disse?

—Riu-se.

—Riu-se!? É boa! . . . E o marido. . .

—O marido disse: Arreda!

II

Vejamos a philosophia que elles tem.

Melhor que uma estirada narrativa, desfigurada talvez pela imaginação do informador, li um processo que o sujeito me emprestou. Correra o pleito entre partes que litigavam em materia de casamento. Figurava uma donzella depositada judicialmente. O pai da nubente impugna, e allega que o pretendente a sua filha é um birbante de vilissima relé. O noivo, contrariando, expõe que o pai da sua futura é de origem tão canalha que, apesar de ser fidalgo da casa real, é filho de um salteador de estradas, *como é publico e notorio*, dizia o noivo, e accrescentava: «que não havia ainda vinte annos que o seu contendor exercitára officio de fogueteiro em Villa Nova de Famalicão.» N'este conflicto, a depositada trancára o pleito vergonhoso accetando outro ma-

rido que o pai lhe inculcou. A menina questionada era aquella morgada de Romariz, e o marido o commendador Alvarães.

Quanto a philosophia, este acontecimento pareceu-me assás chôcho; eu pelo menos não lh'a encontrei, por mais que virasse do carnoz os personagens do processo. Louvei o procedimento da moça injuriada na pessoa do seu progenitor; mas o fermento de tal philosophia não me dava para levedar massa de cincoenta paginas. Abri mão do assumpto, e larguei-o ás imaginações florentissimas da minha patria. Porém, transcorridos dois annos, em um livro impresso por 1815, li uns nomes que tinha visto nos autos escandalosos. Examinei de novo o processo, e trasladei certas passagens que, alinhavadas a outras do referido livro, deram esta novella em que, por felicidade do leitor e minha, não ha philosophia nenhuma, que eu saiba.

III

Quando Villa Nova de Famalicão era um burgo de cem vizinhos com um juiz pedaneo, sahiu d'ali para a côrte, em 1744, um rapaz de quinze annos, que principiára com seu pai officio de pedreiro. Assignava-se Antonio da Costa Araujo, escrevia limpamente e era esperto. Chamara-o a Lisboa um tio, mercador de pannos, estabelecido na Rua dos Escudeiros, que até ao terremoto de 1755 occupava parte do terreno hoje comprehendido na rua Augusta. Mathias da Costa Araujo, irmão do pedreiro, engraçou tanto com o sobrinho que, apesar dos poucos meios, mandou-o ás aulas dos jesuitas no pateo de Santo Antão, afim de o habilitar para clérigo, contra a propensão mercantil do moço. Mathias havia sido infeliz no commercio, e dizia

que era máo modo de vida aquelle em que a prosperidade se desavinha da honra.

No 1.º de novembro de 1755, o constrangido destino do estudante transtornou-lh'o a catastrophe em que seu tio pereceu debaixo da abobada da egreja de S. Julião, onde assistia ás missas dos fieis defuntos. Os seus medianos haveres armazenados devorou-lh'os todos o incendio. Ficou portanto em desamparo grande o estudante, e cuidou de amanhar sua vida, deixando arder sem saudade a grammatica latina do padre Alvares com os cartapacios correlativos.

Nicolau Jorge, mercador abastado, visinho e amigo do defuncto Mathias, condoido do sobrinho, chamou-o, ouviu-o discorrer a respeito da especie de mercadoria em que mais seguro negocio deveria tentar-se na crise do terremoto, e, applaudindo-o, emprestou-lhe duzentas moedas de ouro. Leiloavam-se então, nas ruas e praças, fazendas avariadas por agua e fogo. Antonio da Costa Araujo arrematou por preço infimo fardos

equivalentes ao seu avultado capital, pagando-os no mesmo acto com grande espanto do desembargador Torcilles, presidente das arrematações. Estabeleceu-se Costa Araujo no Campo de Santa Anna, e ganhou, no primeiro anno, com estas fazendas avariadas, doze mil crusados.¹ Volvidos seis annos, era um dos mercadores mais opulentos da côrte; morava no primeiro quarteirão da rua Augusta, á esquerda, indo do Rocio, e era geralmente conhecido pela alcunha de *Joia*. Tinha camarote effectivo na opera, banqueteara personagens de alta condição, recebia nos seus armazens a mais luzida sociedade de Lisboa com fidalga cortezia; chamava «joias» ás damas, e d'ahi lhe pegou a elle a alcunha desmaliciosa. Conflua ao seu balcão a flôr da cidade, por que ninguem o excedia na fina escolha dos atavios,

¹ Vou condensando estas noticias colhidas em um livro do coronel Francisco de Figueiredo, escriptor coevo dos successos. É um tomo que fórma o 14.º da obra intitulada *THEATRO de Manuel de Figueiredo*. Este livro raro, malissimamente escripto, é precioso repositório dos costumes portuguezes do decimo oitavo seculo. A proposito do negociante Araujo, informem-se os curiosos desde pag. 632 até 640.

no primor do gosto e em probidade de contractos. «Ali vinham — diz o coronel Francisco de Figueiredo — comprar-se os enxovaes para os grandes casamentos, o vestuario para todas as grandes funcções, de que houve muitas, entrando n'este numero os casamentos dos nossos soberanos, nascimentos de principes, os dias de annos de toda a real familia, e os trez dias das funcções da inauguração da estatua equestre do sr. rei D. José, o 1.º de tão gloriosa memoria.»

Costa Araujo não compellia os devedores a pagarem-lhe judicialmente; que o infortunio dos que não podiam gosar a honra e o prazer da pontualidade fazia-lhe dó. Quiz o marquez de Pombal nobilitar-o como fizera a outros commerciantes, mais para abater a fidalguia historica do que para levantar a burguezia industriosa. O *Joia* nunca pediu nem acceitou distincções. Foi toda a vida mercador, sempre ao balcão, ou encostado á hobreira da porta como hoje o não faria um caixeiro com a cabeça cheia de socialismo e oleo de amendoas dôces.

Á volta dos sessenta annos, Antonio da Costa Araujo enfermou de paralytia. Era solteiro. Chamou para sua companhia um irmão que tinha na terra natal, pedreiro como seu pai, e que nunca deixara de trabalhar, posto que o irmão rico lhe dêsse boa mezada, sem todavia lhe aconselhar officio menos grosseiro, por intender que são muitos os pedreiros felizes e pouquissimos os grandes do mundo que a inveja dos pequenos não perturbe.

O paralytico fez testamento em que repartiu o seu capital por diversos amigos, e deixou a seu irmão Bento da Costa tres mil peças de 7\$500 réis.

Fallecido o *Joia*, appareceu em Famacião Bento pedreiro, envergando um tabardo velho de briche, que exhibia com visagens consternadas, dizendo que não herdára outra cousa do irmão, o qual, tudo gastára e morrera pobre. O pedreiro, suppondo que o acreditavam, era boçal á proporção de avarento; faltava-lhe a velhaca finura que hoje em dia illustra os minhotos. Verdade é que

não havia ainda gazetas que assoalhassem as verbas testamentarias; mas a noticia da herança de Bento chegára a Famalicão primeiro do que elle. Cincoenta e seis mil crusados e tanto! Quem poderia herdár secretamente riqueza tamanha n'um tempo em que bazofeava por Lisboa um argentario a quem chamavam *O tresentos mil crusados*, por que elle, vindo do Brazil, manifestára aquella colossal e quasi fabulosa quantia! Cem contos de réis, hoje em dia, é quasi uma vergonha possuil-os; e quem não fingir que tem essa somma quadruplicada, é um homem que, se souber governar-se com muito prumo, poderá talvez dispensar-se de ser recolhido a um asylo de mendicidade.

O pedreiro era viuvo, vivia só, e tinha um filho soldado de artilheria do regimento do Porto, aquartelado em Valença. Quando a noticia chegou ao quartel, o rapaz, insano de alegria, desertou, confiado na herança. Entupiram-n'o, porém, o espanto e a consternação, quando encontrou o pai á orla da estrada a brócar uma pene-

dia por conta de um lavrador. Recobrado do assombro, perguntou-lhe se não herdára tres mil peças de ouro. O velho poz os olhos espavoridos no céo, abanou a cabeça como os personagens da Iliada, desfechou contra o filho um esgar desabrido, e bradou :

— Tres mil peças?! tres mil diabos que te levem a ti e mais a quem levantou essa aleivosia! O que eu herdei foi um reguingote de saraçoça já no fio. Se o queres, vai buscal-o, que elle lá está pendurado n'um gancho. . . . Com que então, Joaquim, vinhas ao cheiro das peças?

— Vinha pedir-lhe, senhor pai — respondeu o moço com tristeza e respeito — que me livre de soldado, porque já não posso com o serviço. Estou doente, e preciso de mudar de vida.

— Trabalha, faze como eu, que tambem não posso, e estou aqui a furar este calhau. Quizeste ser soldado. . . lá t'avém.

— Senbor pai, olhe que eu sahi da praça sem licença. . . sou desertor. . .

— Não me digas isso segunda vez, que te *regeito* esta broca á cabeça! ¹

— Faz-me vossemecê uma esmola — replicou serenamente Joaquim — que eu antes quero a morte que as chibatadas. . . . Sabe que mais, senhor pai? — proseguiu o desertor limpando o suor e as lagrimas — ou vossemecê me livra, ou eu vou juntar-me á quadrilha que anda na Terra Negra.

— Capaz d'isso és tu, alma do diabo! Sai-me da vista dos olhos que eu já te não enxergo, ladrão!

E, arrojando a broca e o maço de ferro pelo respaldo do penedo, sentou-se com os cotovellos fincados nas pernas, e scismou alguns segundos com a cara tapada pelas mãos esfoliadas e negras de terra.

¹ Em provincia nenhuma, salvante o Minho, ouvi ainda empregar este verbo *regeitar* (de *rejicere*) como quem diz *arremessar*. Arma que fere de arremesso, em bom portuguez, chamou-se antigamente *regeito*. O povo usa o verbo que é excellente e onomathopaico. Os minhotos, que fizeram exame de bachareis, e de instrucção primaria (o que é mais difficil), riem-se quando o gentio analfabeto diz: «*regeitou-lhe uma pedra*».

O filho esperava, indeciso entre o odio e a compaixão. Se cogitava que o pai herdára as tres mil peças, e o deixava optar entre a chibata e a malta de ladrões, Joaquim sentia-se tremer de raiva; se, porém, a herança era uma invenção, o ar afflicto do velho sujo, roto e quebrado de trabalho, compungia-o.

N'esta vacillação, ergueu o pedreiro o rosto menos descomposto, e disse:

— Vai para casa que eu vou d'aqui fallar com teu padrinho . . . Ahi tens a chave; procura as peças, e leva-as, que eu dou-t'as . . .

Esta zombeteira liberalidade incutiou logo em Francisco duvidas da herança. Entrou em casa e examinou toda aquella antiga e conhecida pobreza. Na lareira, entre cinzas, a panella de barro desbeijada, e duas tigellas na trempe; o escabello corroido de caruncho, e a espaços espumado de gorduras lustrosas; o catre de bancos, e a enxerga rota e arripiada de palhiço: a candeia de ferro inganchada na parede; por baixo, pingada de sail, uma banca de pau santo com

pés torneados, mas com as roscas esborcinadas, e gavetas de pinho em bruto com puxadores de corda. Sobre a miseria dos trastes, o lixo, a sordicia que o filho do pedreiro nunca assim vira, por que sua mãe ainda vivia, quando elle assentou praça. Aos pés da cama havia uma rima de cascabelho, grabatos de lenha, ferramentas quebradas, rodilhas e cacos. Em uma furquilha de quatro esgalhos pregada na trave mestra, pendia, coberto da fuligem da lareira, o albernoz poído que o irmão do *Joia* dizia ter herdado.

O desertor sentou-se na arca de pinho, contemplou aquella indigencia, e pensou consigo:

— Acho que me mentiram... Meu pai não herdou nada... D'antes ainda n'esta casa havia uns lençoes lavados e pão á farta, quando recebiamos todos os mezes a moeda que o tio nos dava... E agora que hade ser de mim?... Estou perdido!...

N'este comenos, assomou ao limiar da porta um visinho, que vira entrar o soldado.

— Estás por aqui, Joaquim Faisca?! — perguntou o Luiz Meirinho.

Convém saber que o filho de Bento ganhára alcunha de *Faisca*, desde que mostrou aos dez-oito annos extraordinaria destreza em ferir lume no phosphoro dos ossos dos adversarios. O outro chamava-se o *Meirinho*, porque o havia sido do corregedor de Barcellos, e na opinião publica passára de quadrilheiro da justiça a capitão da quadilha que infestava a Terra Negra. Continuava o officio, diziam alguns, ganhando na carreira tres postos de accesso.

— Vieste com licença? — perguntou o Luiz Meirinho.

— Não, senhor. Pedi-a, e não m'a deram — respondeu Joaquim, com o proposito de se acolher ao valimento do visinho, se o pai lhe não acudisse. — Eu estou doente do peito, e não posso com esta vida de soldado. Ouvi lá dizer que meu pai estava muito rico com a herança de meu tio. Desertei, cuidando que elle me livraria com dinheiro; mas agora mesmo o topei no Vi-

nhal a quebrar pedra, e elle me disse que herdára um albornoz velho que ali está.

— E tu acreditaste? — atalhou o outro velhamente.

— Á vista da miseria em que eu encontro esta casa . . .

— Pois fica sabendo que teu pai herdou tres mil peças. Sabes quanto fazem tres mil peças?... Cincoenta e seis mil e tantos crusados. Sabe toda a gente da villa que teu pai está riquissimo. Posso mostrar-te a copia do testamento. Teu pai é um miseravel, é a vergonha dos homens! Mata-se á fome, come duas tigellas de caldo por dia, e diz mal do irmão, porque lhe deixou um albornoz cossado, quando toda a gente sabe que o deixou rico . . .

— E o dinheiro? — acudiu Joaquim circumvagando os olhos pelos cantos da casa e lareira.

— Dizem uns que o deixára em Lisboa a render, e outros querem que elle o tenha enterrado ahi n'esse chiqueiro; mas a minha opinião é que teu pai, se trouxe o dinheiro, não o tem em ca-

sa. Metteu-o debaixo de alguma fraga ahi da serra por onde elle anda sempre a quebrar pedra.

— E que heide eu fazer, se elle me não livrar? — perguntou Joaquim.

— Eu sei lá, rapaz! Se o teu livramento depende do dinheiro de teu pai, não quizera eu estar-te na pelle! Levas as chibatadas da lei tão certo como eu quizera valer-te e não posso. Conheço-te desde rapazito, e nunca me hade esquecer que vai agora em dez annos, na romaria das Cruzes de Barcellos, me acudiste n'um aperto, e quebraste tres cabeças em quanto eu quebrei duas. Olha, Faisca, se te vires em apuros, procura-me; livrar-te de desertor, isso não posso eu; mas das chibatadas e da farda eu te livrarei...

— Como?

— Isso são contos largos... Ahi vem teu pai ao fundo da rua. Vou-me embora, que não posso encarar aquelle sordido aorento! Se eu soubesse que elle tinha o dinheiro no bucho, tirava-lh'o pelas guelas, e dava-t'o, rapaz!

IV

O pedreiro ainda vira o visinho a safar-se da sua testada.

— Que fazia aqui o Luiz Meirinho? — perguntou elle carranqueando.

— Nada: conversavamos...

— Eu cá á minha porta não quero conversas com ladrões, ouviste?

— Ladrões!... O Luiz não me consta... que...

— Passa tu na Terra Negra com dinheiro de modo que elle t'o bispe, e lá verás quem é o Meirinho. Hade haver tres annos que deixou o officio que rendia pouco; e, desde que não tem officio, comprou casa, tem cavalgadura, traía-se á regalona, come carne do açougue, e bebe da companhia. E eu, que trabalho ha bons qua-

renta annos, custa-me a amanhar para uns fei-
jões, e bebo agua da fonte.

—O sr. pai assim o quer...—atalhou Joaquim
entre receoso e risonho—Perca o amor ás peças...

—E tu a dar-lhe!...—volveu iracundo o
pedreiro—Já te disse que as procures!...
Nao herdei nada! não herdei nada!—e berra-
va convulsionado freneticamente, sacudindo os
braços.

—Não grite assim que não faz mingua bar-
regar!—atalhou o filho—A gente está conver-
sando... ás boas... ein?

No aspecto do Faisca resumbravam sentimen-
tos pouco filiaes. A ironia franzia-lhe os cantos
dos beiços, ao mesmo tempo que a ira lhe avin-
cava a testa. No ar com que se sentara na arca,
dobrando o corpo e bamboando as pernas em
gingações de tarimba, denotava quebra de res-
peito, e disposição a questionar faceiramente com
o velho.

—Com que então...—proseguiu Joaquim
—Vossemecê não herdou tres mil peças?

—Não!—bradou o pai — Não! com mil diabos (Deus me perdôe), não!

—E se eu lhe mostrar a copia do testamento...—volveu Joaquim esbogalhando os olhos, abrindo a bocca, e pondo fóra a lingua em todo o seu comprimento—Que me diz vossemecê, sr. pai? se eu lhe mostrasse a copia do...

—Tu acho que vieste cá para dar cabo de mim!—interrompeu Bento, desentalando-se da sua afflicção por aquella estúpida replica—Amaldiçoado sejas tu!...—E, com os dentes cerrados, e as mãos na cabeça, ia e vinha da lareira para a porta, considerando-se o mais desgraçado homem que Deus criara.

—Sr. pai!—continuou mansamente o filho—isto não vai a matar. Tome fôlego, e escute o seu Joaquim. Lembre-se que não tem outro filho a quem deixar os seus cincoenta e seis mil cruzados...

—Olha o diabo!—regougava o velho.

—O que eu lhe peço pouco monta. Livre-me de soldado, e dê-me alguma coisa para eu casar

com a Rosa de S. Martinho. O pai d'ella decerto m'a dá, se eu levar mil crusados. Vou ser lavrador, terei saude e alegria, e nunca mais lhe peço nada, sr. pai.

Joaquim, desde que proferira o nome de Rosa de S. Martinho, mudára de tom e gestos. Os olhos imploravam, e a voz tinha as modulações do respeito. O seu amor de dez annos, golpeado de saudades, quebrara-lhe os pulsos. Se o pai n'aquelle instante abrisse no rosto uma tenue claridade de esperança, Joaquim acabaria a supplica de joelhos.

—Mil cruzados!—resmuneava o pedreiro—onde queres tu que eu os vá roubar?

Esta interrogação varreu do semblante do Faisca os signaes da boa reacção.

—Eu não quero que os vá roubar, valha-me Deus!—respondeu Joaquim—Mas, a fallar verdade, quem tem tres mil peças de seu tambem pode ser ladrão da felicidade de um filho que ainda lhe não custou seis vintens desde que pode trabalhar... Olhe, sr. pai, repare bem no que

vou dizer-lhe... Eu para a Praça não torno. Sou desertor.

—Venho de casa de teu padrinho — acudiu o pai menos tórvo—o sr. coronel Lobo da Igreja dá-te uma carta para o commandante, e diz que tudo se hade arranjar.

—Não torno para o quartel, já lhe disse. Estou doente, preciso mudar de vida.

—Que te leve a breca... Não quero saber de contos. Lá t'avem. Dinheiro não tenho; só se queres que eu venda a casa, e me vá depois pedir um eido nos palheiros dos lavradores á beira dos cães.

—Está bom—concluiu Joaquim erguendo-se e espreguiçando-se—vou ouvir a opinião do Luiz Meirinho, que d'um modo ou d'outro prometeu livrar-me da farda e da chibata...

—Vaes fallar com o Meirinho para isso, ó alma perdida?

—Pois então? Aquelle é amigo do seu amigo, e, se me fôr necessario dinheiro...

—Ensina-te a roubal-o...

—E elle que sabe onde o ha...— respondeu Joaquim bocejando, e fazendo tres signaes da cruz na bocca escancarada.

—Eu te deito a minha maldição!—bradou o velho com solemnidade bastante para a scena final d'um acto; porém insufficiente para abalar o 32 da 7.^a companhia do regimento de artilheria do Porto.

O Faisca sorriu, e murmurou:

—Vossemecê parece que tem mais maldições que pintos... Pois eu cá vou com a sua maldição, e depois... veremos se ella nos impece a ambos.

Bento, ao pular-lhe o coração em saltos de ruim presagio, ainda deu tres passos para chamar o filho, e avençar-se com elle mediante a quantia necessaria ao livramento; mas a imagem de um pote de ferro cheio de peças bateu-lhe rija no peito. Quedou-se como empedrado a olhar para a soleira da janella de peitoril, cujas portadas quatro travessas de castanho esfumado immobilisavam.

V

Poucos dias depois, o juiz de fóra de Barcellos incumbia ao ordinario do julgado de Vermuim a prisão do desertor Joaquim da Costa Araujo, d'alcunha o *Faisca*. A gente mais grada de Falmicão, convencida da riqueza do avarento sem entranhas, advogou a favor do infeliz moço, rodeando o pedreiro com rogos e até com insultos e ameaças. O pedreiro, assustado, foi ter-se com seu compadre o coronel Lobo da Igreja Velha; e, bem aconselhado pelo fidalgo, cujo credor era, deu o dinheiro necessario para abafar o processo militar, comprar a baixa e substituir a praça no regimento.

Em seguida, quando se viu esbulhado das economias que amealhara antes de herdar as trez mil peças, entrou-se de tamanha paixão — espicassaram-no tantas saudades do seu dinhei-

ro, que morreria abafado, se não desafogasse no odio ao filho. As vinte e quatro moedas de oiro que lhe custara a liberdade de Joaquim, representavam fomes e sêdes, desconfortos de frio em noites de inverno, muitos suores em dias de estio no trabalho da serra a horas de sesta. E lembrava-se com bastante remorso que sua mulher padecera sem cirurgiãõ e morrera sem botica, e fôra indigentemente enterrada, tudo isto assim desgraçado e infame, porque elle não quizera bolir n'aquellas vinte e quatro moedas.

No entanto, Joaquim, bem que muito grato ao pai, não se mostrou tão penhorado que prescindisse de o julgar obrigado a dar-lhe modo de vida. O velho mostrou-lhe um ferro de monte, um pico, um camartello, e disse-lhe :

—Se queres modo de vida, segue o meu. Anda d'ahi brocar uma fraga, e saberás quanto me custaram a ganhar as minhas vinte e quatro . . . — E, ficando entallado, esfregava os olhos debruados de rôxo com o encodeado canhão da jaqueta.

O filho não se compadecia d'aquellas lagrimas; antes se sentia bravejar de condição com remoques e até com odio á avareza do pai. Mão foi convencer-se Joaquim da herança, e suppor que o velho podia morrer sem testamento nem declaração do escondrijo do thesouro.

Debalde lhe espiava os movimentos, os olhares, as caminhadas no monte, afim de farejar a lota das tres mil peças. Bento d'Araujo ia frequentemente quebrar esteios de pedra nos penhascaes de Vermuim e vendia-os aos lavradores para especar parreiras. As desconfianças do filho seguiam o velho entre fragoedos, chamados o *Castello*; e o pai, que se julgou espreitado, alegrava-se secretamente, e não se mostrava offendido.

Entretanto, continuára Joaquim a sua velha affeição a Rosa de S. Martinho; e, confiando que a fama da riqueza do pedreiro seria bastante a que o abastado lavrador, esperançado na herança, lhe cedesse a filha, pediu-a affoitamente; mas o pai de Rosa tinha mediana confiança em *sapa-*

tos de defuncto, e disse que só daria sua filha, se o noivo trouxesse mil crusados em dinheiro ou terras. O moço namorado abriu de novo o seu peito ao pai, que parecia apertar os cordões da bolsa á medida que o coração do rapaz se abria. Joaquim, bem aconselhado pelo seu amor, soccorreu-se do padrinho, o coronel da Igreja Velha, pedindo-lhe que movesse o velho a dotal-o.

Era o fidalgo a unica pessoa que exercia influencia em Bento de Araujo, e tamanha que podera arrancar-lhe alguns mil crusados a juro, sob juramento de não dizer a alguém que lh'os devia. Mandou-o chamar, e aconselhou-o a que dêsse dote a Joaquim. Avultou-lhe as funestas consequencias da sua teimosia em querer passar por pobre, quando toda a gente estava convencida do contrario; pintou-lhe os perigos em que elle punha o filho sem officio que o salvasse da camaradagem de vadios suspeitos com quem patuscava nas tavernas da Lagoncinha e outros lugares infamados. A final, como o velho insistisse

desaforadamente em dizer que não tinha senão o dinheiro que seu compadre lhe devia, o coronel rendeu-o com esta honrada deliberação :

— Pois bem : tudo se arranja, querendo Deus e tu. Devo-te trez mil crusados; não t'os posso pagar, em quanto algum dos meus filhos não trouxer esposa com dote; mas irei tirar quatrocentos mil réis a juro em alguma Confraria, e esse dinheiro vais tu dal-o a teu filho para casar com a rapariga, que é de boa gente, e hade ter dobrado ou mais do que elle tem.

As ultimas palavras de Bento, n'esta pendencia, definem cabalmente a sua natureza. Quando o compadre lhe disse :

— Tu virás de hoje a oito dias receber os quatrocentos mil réis para os dares ao teu Joaquim no acto da escriptura de casamento—Bento acudiu impetuosamente :

— Eu não quero vêr o meu dinheiro ! Arranje v. s.^a cá isso, de modo que eu não veja o meu dinheiro ! . . .

Elle sabia que, no acto da contagem dos mil

crusados, seria capaz de agarrar a sacca e fugir com ella do escriptorio do tabellião.

Assim mesmo, o pedreiro, se tinha muitas maldades de avarento, possuia tambem algumas bellas qualidades de pai; e uma, digna de bastante memoria, é que, tendo elle em casa arsenico para matar os ratos, não o administrou ao filho.

VI

Joaquim de Araujo entrára na vida por má porta. Oito annos de caserna bastariam a degenerar-lhe as boas qualidades: mas, com certeza, o *Faisca* já tinha ganho esta alcunha á custa de turbulencias, quando assentou praça, e não se regenerára, como é de suppôr, no officio de soldado.

A sua nova posição de lavrador não lhe qua-

drava; a pesada rabiça do arado dava-lhe engulhos ao estomago, quando a sacudia do rêgo aberto para romper outro; o cabo da enxada empolava-lhe as mãos; de çafaras não sabia nada; ignorava todo o trafego da lavoira; e, em vez de aprender, como queriam a mulher e o sogro, ia bandarrear por feiras, quatro vezes por semana, na sua egua rabona, de pau de choupa debaixo da perna, mão direita á cinta, chapéu braguez na nuca, e besta travada que não havia outra d'aquella andadura.

A's impertinencias do sogro respondia que não precisava de labutar sujamente na terra, porque seu pai tinha o melhor de cincoenta mil crusados em peças; e aos queixumes da mulher amante e ciosa voltava as costas enfastiado. O lavrador de S. Martinho, a fim de se desfazer do genro, repartiu a casa por tres filhos, resalvou uma pequena reserva, deu em terras o dote estipulado a Rosa, e mandou-os viver onde quizessem.

A libertinagem do Faisca foi até onde os dois mil e tantos crusados da mulher chegaram; e,

n'aquelle tempo, quem os desbaratasse em seis annos alcançava a reputação dos que em nossos dias derivam á miseria sobre ondas de ouro. Antes de conhecer as primeiras necessidades, Rosa morreu na flôr da idade, deixando um filho de seis annos entregue ao avô, porque o marido havia muitos mezes que demorava pela Galliza, amaltado com jogadores de esquineta, seus antigos camaradas, uns com baixa, outros desertores.

O filho de Rosa breve tempo viveu da caridade do avô, que falleceu pouco depois. Quando Joaquim de Araujo voltou a S. Martinho por saber que estava viuvo, encontrou o menino de sete annos esfarrapado, sem amparo de parentes, a esmolar o pão e o gasalhado dos visinhos, por que seu pai não tinha casa propria, e todo o patrimonio de sua mãe estava vendido. Quem recolhera o rapazinho era um fogueteiro, o mais remoto e desprezado parente de sua mãe. O pequeno ajudava-o a afeiçoar as canas e encher os canudos para os foguetes com bastante geito

e disposição para o officio. Perguntara-lhe o pai porque não fóra procurar o avô a Famalicão. O fogueteiro respondeu que lá fóra com elle quando a mãe morreu; mas que o avô dissera que estava tambem muito pobre, e apenas lhe déra estopa para umas calças, e um chapéu de Braga mais rapado que a escudela de um cão. Lembrou-se Joaquim do padrinho; mas a morte cortara-lhe esse recurso. Foi ter-se com o filho successor na casa, a vêr se quereria protegê-lo como seu pai. O fidalgo da Igreja recebeu-o com furiosas declamações contra o Bento pedreiro, a quem chamava ladrão, por que lhe pedia dois mil crusados e juro que o pai lhe ficara devendo.

N'este tempo, o irmão do honrado Joia já não podia trabalhar. Passava os dias sentado ao sol no degrau da porta, e dava alguns chorados vintens por semana a uma vizinha que lhe levava as couves e a broa.

N'esta situação o achou o filho, quando voltou da Corunha, trajando á castelhana, mas delatando na jaqueta safada e suja a miseria que

o trazia á porta do pai. Pediu-lhe dinheiro com supplicante brandura, com muitos actos de arrependimento e promessas de reformação de costumes.

— Se poderes reformar os teus costumes, fazes bem; eu é que não posso desfazer-me em dinheiro — dizia o velho. — Tudo o que eu tinha estava na mão de teu padrinho; elle morreu, e o ladrão do filho não me paga.

— O que o padrinho lhe devia — disse Joaquim — são dois mil crusados; mas vossemecê herdou cincoenta e tantos . . .

— Não sei o que herdei — replicou o pedreiro — tudo o que eu tinha dei-o a guardar ao coronel, Deus lhe falle n'alma, e tudo lá ficou.

— O meu padrinho não era capaz de o roubar, senhor pai! Vossemecê está mettendo a sua alma nas mãos do diabo! Hade morrer para ahi como um mendigo, e o seu dinheiro hade ajudal-o a cahir nas profundas do inferno! . . .

No calor da discussão figurou-se ao velho que o filho seria capaz de praticar alguma violencia.

Teve medo — o medo que devia ser-lhe uma agonia fulminante, se o goso de sentir-se rico não prevalecesse ás angustias de recear-se em perigo na presença do filho. Abriu com as mãos tremulas a arca, tirou um pé de meia, atado pelo calcanhar com uma guita, deu-o ao filho, e disse-lhe com a voz cortada de soluços :

—É tudo quanto tenho. Recebi hontem esses vinte crusados novos dos esteios que vendi. Se queres dar-me metade, dá; senão queres, leva tudo.

Joaquim ficou-se alguns minutos a olhar para o pai com piedoso aspecto; e, depois de pensar na repartição dos pintos, ouvindo filialmente a consciencia e a rasão, deliberou... não repartir nada. Sahiu com mais duas maldições tacitas, e foi relatar o caso ao Luiz Meirinho.

N'este tempo, o antigo aguazil do corregedor de Barcellos andava muito acautellado das justicas da comarca. A sua reputação de salteador de estradas estava feita; mas as provas que legalisassem a captura eram insufficientes. Os la-

trocínios de encruzilhada amiudavam-se na Terra-Negra, na Lagoncinha, e nas serras distantes do Ladario e Labruja. Algumas casas afamadas de dinheiras eram assaltadas por quadrihas que venciam pelo numero a resistencia; e, quando esses roubos estrondeavam, Luiz Meirinho e outros sujeitos da sua familiaridade nunca estavam em Famalicão ou nas aldeias circumvisinhas. Era sabido que as maltas se reuniam em um grupo de cabanas n'uma cafurna de pinheiros chamados os *Ribeirões*, não longe da vetusta egreja dos templarios de S. Thiago de Antas. Ainda hoje estão empé, mas ninguem as habita, essas choupanas execradas pela tradição de serem ahi enterrados os ladrões que voltavam mortalmente feridos dos seus assaltos.

Como quer que fosse, a maledicencia não calumniava Luiz Meirinho, nem elle por modestia escondeu do Faisca a superior cathegoria de capitão de ladrões a que o promovêra a voz publica.

Joaquim ouviu estas confidencias intimas sem

pavor nem se quer estranheza. A esquineta era-lhe bastante iniciação para ser admittido aos mysterios da Terra-negra. O Meirinho encareceu-lhe as vantagens, e desfez nos perigos do officio. Principiando pelo argumento mais insinuante a favor dos ladrões, offereceu-lhe de uma grande sacca dinheiro que elle affiançava ter adquirido sem escandalo nem effusão de sangue. Uma das suas regras de bem-viver era (dizia elle ao Faisca) matar sómente em ultima necessidade: talvez a «justa defeza» que a lei indulta. Romulo, o salteador que fundou Roma, não exhibia idéas mais benignas.

A grangearia de um bravo para a jolda foi facil. O Faisca, em uma das proximas noutes, foi apresentado na estalagem da Lagoncinha aos seus irmãos d'armas, e achou-se em melhor sociedade do que elle previra. Condecoravam a cáfila alguns sujeitos que pareciam andar n'aquella vida aventureosa por amor das impressões rijas: eram artistas, como hoje diriamos. Filhos segundos de casas honradas e coutadas desde

os reis da primeira dynastia, recrutas foragidos, desertores, jornaleiros, individuos barbaçudos vindos de longes terras, facinorosos escapulidos das cadeias ou dos degredos, gentes varias, como se vê, mas todos alegres, chalaceadores, bem-quistos nas aldeias por onde residiam temporariamente, liberaes nas tavernas com conhecidos e desconhecidos, armados até aos dentes, e, segundo a excellente maxima do capitão, matando sómente em ultima necessidade. A malta, por espirito de imitação, chamava-se *Companhia do olho vivo*. Florecera outra, com egual denominação, na côrte, capitaneada por José Nicós Lisboa Corte Real. Quarenta annos antes haviam sido inforcados os mais graduados da companhia, salvante o capitão, por que era protegido pelo infante D. Antonio, tio de el-rei D. José I. Um dos mais novos d'essa horda de ladrões, que teve um periodo de esplendor, fugindo á perseguição, ainda funcionou na malta do Minho, á qual legou o saudoso nome da outra.

A «Companhia do olho vivo» não prosperou no anno em que o filho de Bento de Araujo se alistou. O terror afastára os passageiros dinheirosos do transito por serras infamadas, e os proprietarios das povoações sertanejas mudaram para as villas e cidades as suas residencias.

No programma de Luiz Meirinho estava desde muito inscripto Bento de Araujo; mas, como ainda ha pessoas de bem, ao capitão repugnava-lhe propor em conselho que se planeasse o expediente mais plausivel na exhumação das tres mil peças do pai do Faisca. Os socios mantinham entre si estes decoros, o que não succede em todas as companhias com estatutos legalizados.

Entretanto, como a necessidade apertava, e á noticia do Faisca chegara a má nova de que seu pai, acariciado por uns sobrinhos de Gondifellos, tratava de se passar para a companhia d'elles, o capitão, forte de rasões aconselhadas pela prudencia e applaudidas por Joaquim, poz em discussão a materia, quanto ao modo de

obrigar o pedreiro a confessar a lura do thesouro. O Faisca tirou a salvo, porém, que o haviam de dispensar de assistir ao assalto, porque, em fim, o homem . . . sempre era seu pai, e o sangue gritava. Ninguém se riu na assembléa da sentimentalidade d'aquelle filho: é que as ideias grandes e fundas abalam toda a casta de alma. Foi apoiado calorosamente Joaquim, e até abraçado por um socio de Felgueiras, processado por parricida.

VII

N'aquelle tempo, Famalicão, ás nove horas de uma noite de novembro, negrejava silenciosa e rodeada de pinheirões e carvalheiras. Aquelles palacetes brazonados com seus titulares campeam hoje onde então rebalsavam extensos nateiros de lama, a espaços habitados por caba-

neiros. A quadrilha de Luiz Marinho podia manobrar sem temor e desassombradamente no centro da villa como nas Rodas do Marão.

Em uma d'essas noites, o chefe, com uma duzia de escolhidos, entrou na Congosta de Enxiras, onde morava Bento de Araujo. Elle, com mais dois, acercaram-se da porta; os outros, postaram-se de atalaias nas extremidades da viella.

O pedreiro estava ainda sentado á lareira. Desde que lhe disseram que o filho pernoitava ás vezes em casa do Meirinho, velava até ser dia claro. O receio de ser assaltado era tamanho que já tres vezes, em noites tempestuosas, gritára á d'el-rei. Os visinhos, á primeira, acudiram vozeando das janellas com invulneravel intrepidez, e viram d'essa feita que um porco vadio, attrahido talvez pelo cheiro de possilga, foçava contra a porta de Bento. Depois, ainda que elle gritasse, ninguem se mexia, attribuindo a porco as aggressões incommodas ao avarento.

Foi o que aconteceu n'aquella noite de no-

vembro. O pedreiro sentiu o abeirar-se gente da sua porta, e deu tento do raspar de ferro entre a hobreira e o batente. Gritou; mas parecia já gritar com os colmilhos apertados. A lingua da fechadura estalou, e a porta foi diante de dois possantes hombros tão rapidamente que os homens, como duas catapultas, entraram de roldão, e só pararam filando-se á garganta do velho empedrado. Por entre elles, e á luz do canhoto que flammejava, o pedreiro viu lampejar o aço de uma navalha, e ouviu, atravez dos lenços com que os hospedes cobriam as caras, uma voz disfarçada:

—Se grita, vossê morre aqui já. Se quer viver, entregue as tres mil peças que herdou, e ande depressa. Não nos conte lérias, nem faça lamurias. É decidir: o dinheiro ou a vida.

Bento erguera as mãos supplicantes, e pedira soluçante que o não matassem.

—Onde estão as tres mil peças?—perguntou o Meirinho.

—As tres mil peças?!—gaguejou o velho

como tolamente espantado de que lhe perguntassem por tres mil peças não tendo elle de seu tres moedas de seis vintens.

—Mate-se este diabo!—acrescentou o Meirinho—e vamos levantar o soallo.

—Eu não tenho aqui o dinheiro, meus senhores...—acudiu o pedreiro desfeito em lagrimas.

—Então, onde o tem vossê?

—Enterrei-o debaixo de uma fraga...

—Perto d'aqui? Avie-se.

—Não, senhor, muito perto não é. São tres quartos de legua... em Vermuim.

—Bem—concluiu o capitão.—Salte para diante de nós, e venha desenterrar o dinheiro. Mexa-se!

O homem sentiu certos alivios n'esta mudança de situação como se expor a vida, salvando o dinheiro, lhe fosse uma consideravel melhoria de fortuna.

A malta, precedida do velho, embrenhou-se nos matos, atravessou o outeiro que toca nas fal-

das da serra de Vermuim, e por S. Cosme do Valle trepou ao espinhaço de penhascos que lá chamam o *castello*.

—Vossê não vá afflicto—dizia-lhe o Meirinho—por que hade ter o seu quinhão com que pode viver regaladamente. O necessario não se lhe tira; nós o que queremos é o que lhe sobeja. Somos honrados ou não, seu velhote?

E dava-lhe palmadas nos hombros.

—Sim, senhor—dizia o Bento, e recolhia-se a scismar na situação perigosa em que se via, e no modo de a esconjurar.

—Ande depréssinha—tornava o chefe empurrando-o brandamente.

—Será bom ajudal-o com alguns pontapés—alvitrava outro, receando que a manhã lhes viesse tolher a empreza.

Chegados ao cabeço da serra, espigado de rochas, disse o Meirinho:

—Cá estamos. Onde é a fraga?

—Não enxergo bem... Só quando fôr dia é que eu conheço o sitio—respondeu Bento.

—Temol-as arranjadas...—tornou o Meirinho com um sorriso agoureiro de más coisas. — O' Freiamunde, petisca lume, e faze ahí um archote de codêços para este tio ver onde está o arame.

—Parece-me que o melhor seria alumial-o com a luz da polvora...—observou Freiamunde, bebendo alguns tragos de aguardente de uma cabaça que trazia a tiracollo.—Quer lá, capitão? Se lhe parece, dou dois goles ao velho como se faz aos perús...

—Tio Bento—insistiu Luiz Meirinho—vossê acha a pedra ou não acha? O dinheiro ficará enterrado; mas vossê tambem fica de papo ao ar á espera que o enterrem. Veja lá no que ficamos; lembre-se que está tratando com homens de palavra.

No entretanto, um da companhia petiscara fogo, e communicara o lume da mecha á manada de fetos sêccos apanhados de baixo de uma rocha que figurava um dolmen.

—Ali tem luz que farte—disse Luiz.—Veja lá agora qual é a pedra, tio Bento.

—Parece-me que é aquella. . .—respondeu elle a tiritar, já convencido de que estava chegado ás ultimas.

—Parece-lhe ou é?—instou raivoso o Meirinho.—Ande. Mostre lá o sitio. O' Zé Landim, se fôr preciso desenterrar o morto serve-te da tua faca. Patrão, estamos ás suas ordens, diga lá onde quer que se cave; a cova hade fazer-se ou para sahir o dinheiro ou para entrar vossê.

Bento cahira sobre os joelhos como ferido de subita apoplexia, e começou a gaguejar uns sons inintelligiveis.

—Este alma de dez diabos que está a mastigar?—disse Freiamunde.

N'este momento, o pai de Joaquim cahiu de borco, batendo com a face na pedra; e, quando dois homens o levantaram de repellão e o viram á luz dos fetos, estava morto.

Este incidente nem levemente impressionou aquelles homens fortes. Ninguem fez a minima reflexão ácerca do lance em theatro tão lugubre. Os mais preocupados bebiam aguardente a

froixo, dizendo que o homem morrera de frio. Nem uma ideia philosophica, nem se quer um dito elegiaco! Luiz Meirinho discorreu brevemente sobre a certeza de que o morto os tirára de casa para os desviar do logar onde tinha o dinheiro. Decidiu que se aproveitasse o restante da noite, indo a casa revolver a terra quanto se podesse; e, no caso de lá não apparecer o dinheiro, viriam na seguinte noite escavar debaixo da rocha, no castello.

Assim se fez. Bento de Araujo ficou deitado de costas sobre uma moita de codeços, com os braços hirtos e abertos em cruz, os punhos cerrados, e os olhos envidraçados de lagrimas. Ao alvorecer do dia, uma nuvem pardacenta, que ondulava pela crista da serra, rasgou-se em sa-raivada glacial, que lhe batia no rosto e saltava pelo peito nú e descarnado. Chovera e nevara depois, durante muitos dias. Nenhum pastor subira com o rebanho áquellas cumiadas, sempre escondidas na negridão da nevoa, e perigosas, se o lobo uiva faminto.

Quando o tempo estiou, quem denunciára o cadaver já disforme no rosto fôra uma revoada de corvos que crocitavam pairando sobre os restos do seu banquete disputado ás feras.

VIII

Contava-se assim o caso em Famalicão:

Que o Bento de Araujo, receando os ladrões seus visinhos, desenterrára as suas riquezas que tinha debaixo da lareira, e indo escondel-as nos montados de Vermuim, em uma noite de grande inverneira, morrêra tolhido pelo frio e traspasado da neve. Fundavam-se os d'esta versão em que a pedra da lareira estava deslocada, e no seu logar uma cova funda; e debaixo dos bancos da cama outra excavação, e no entulho uns cacos de panella, onde com certeza estava porção do thesouro, e a outra porção debaixo da lareira.

Outro boato:

Que a malta da Terra-negra assaltára o pedreiro, roubara-o, matara-o, e levara o cadáver ao castello de Vermuim. Não se dava a rasão d'este sahimento a tres quartos de legua; mas tambem não era necessaria a logica para explicar tal coisa.

A versão, porém, mais popular e que tinha o suffragio das pessoas mais rasoaveis, era que Joaquim assassinára o pai na serra, quando o velho voltava do seu trabalho de brocar pedra; e, depois, deixando-o morto, viera a casa desenterrar o dinheiro. Em confirmação do boato, allegava-se o facto de elle ter apparecido em Famalicão a procurar o pai, e a indagar dos visinhos se tinham dado conta do arrombamento da casa—isto no dia em que o pai já estava morto.

A voz publica forçou a authoridade a prender o Faisca; mas, na noite seguinte á da prisão, algumas duzias de homens armados arrombaram a cadeia de Famalicão, e tiraram de ferros o innocente.

Esta fuga completou a ruina de Joaquim de Araujo. Acreditou-se geralmente no roubo e no parricidio. As aldeias do julgado de Vermoim, com Famalicão á frente, deram montaria á quadrilha da Terra-negra, com o reforço militar de Guimarães e Braga. A malta dispersou, mortos alguns dos mais audazes; e os dispersos engrossaram, na Povia de Lanhoso, a celebrada quadrilha que tem a sua historia em um livro dignamente esquecido.¹

O filho de Bento pedreiro morreu em 1809 no Carvalho-d'Este, defendendo a patria da invasão franceza commandada por Soult. Bateu-se com o heroismo do suicida, ao cabo de dezoito annos de salteador, arrostado a todos os perigos, mas fugindo a que o filassem vivo, por que tinha grande horror á forca. Afinal, inscreveram-no entre os valorosos defensores da nossa autonomia, e o seu cadaver foi mais acatado que o do general Bernardim Freire, assassinado por outros patriotas da laia do Faisca.

¹ *O Demonio do ouro.*

IX

Hão de lembrar-se que Joaquim de Araujo tinha um filho, que aprendera em S. Martinho do Valle o officio de fogueteiro com o parente de sua mãe.

Aos vinte e seis annos, quando seu pai acabou, estava elle ainda na companhia do velho bemfeitor e mestre, ganhando alegremente o seu pão. Fallecido o parente, alguém lhe disse que elle tinha em Villa Nova de Famalicão a casa, boa ou má, de seu avô, que ninguem lhe podia disputar.

Facilmente se habilitou herdeiro de Bento de Araujo e tomou posse do casebre, deshabitado desde 1790. A's vezes os mendigos, nas noites quentes, levantavam a aldraba, que era um cavaco de castanho, e albergavam-se no sobrado

podre, contando os casos horrendos que ali passaram—o parricidio e o roubo. As covas estavam ainda abertas, e o desentulho em monticulos de redor.

Silvestre de S. Martinho, o filho do Faisca, não usava dos paternos appellidos: do pai aproveitára sómente a casa, transigindo com a honra o necessario sem prejuizo seu.

Apossado da casa, deu-lhe um geito para poder habital-a, e pendurou meia duzia de foguetes e bombas reaes á porta. Era habilidoso, principalmente para as bonecas de polvora. Gaba-va-se de haver inventado o barbeiro a amolar navalhas na roda, e levára á perfeição da indecencia a velha que despedia contra a cara combustivel do barbeiro um repucho de chispas pela parte posterior, tudo com uma graça portugueza que era um estoirar de riso o arraial!

Corria-lhe bem a vida, e já tinha casado com uma rapariga dura e trabalhadeira, quando o descuido de um apprendiz, na ausencia dos patrões, deixou pegar o lume em um feixe de

bombas. Houve explosão que sacudiu em estalidos o tecto da casa, e abrasou todas as madeiras. Quando Silvestre voltou com a mulher da romagem da Santa Eufemia, nas terras da Maya encontrou quatro paredes denegridas, e o interior da casa a fumegar, cheio da brilhante claridade da lua. O apprendiz, carbonizado, estava já na cova.

Tiveram compaixão do pobre fogueteiro os villa-novenses. Diziam-lhe que contruisse uma cabana com as esmolas que lhe iam tirar pela freguezia; mas que a fizesse n'outra parte, por que n'aquella casa, onde um filho matára seu pai para o roubar, pezava a maldição de Deus. Um visinho comprava-lhe o terreno da casa amaldiçoada para acrescentar á sua; mas deixava-lhe a pedra que era boa para o fogueteiro edificar n'outra parte. Silvestre acceitou, convencido de que o sangue de seu avô funestára para sempre aquelle theatro do grande crime.

Recebido o terreno de esmola, principiou Silvestre a demolir as paredes da casa queimada.

Fazia elle este serviço, com ajuda da mulher, em quanto o carreteiro ia carreando a pedra.

A's tres da tarde de um sabbado, o carreteiro, consoante o costume, despegara do serviço; mas Silvestre e a mulher continuaram a desfazer o ultimo lance de parede que lhe restava, com o fim de na proxima segunda feira acabarem o trabalho da demolição. Observára o fogueteiro que este lado da parede quadrilatera era mais grosso um palmo que os outros que formavam o recinto, reintrando para o interior o excedente da grossura. Estava coberta de pasta de barro e caleada como as outras. Divisava-se ainda no barro gretado o risco traçado pelo atrito de qualquer corpo que se encostára á cal ainda fresca.

Por esta raspadura, conjecturou Silvestre que ali devia estar o banco da cama do avô, até porque ouvira dizer que parte do thesouro estivera enterrado debaixo da cama; e elle, quando tomara posse da casa, ainda vira a cova aberta, dois palmos distante d'aquella parede.

—A pedra aqui é mais larga—disse o fogueteiro á mulher.

—Ágora é!—emendou ella—o que a faz parecer mais larga é a camada de barro; se não, olha.

E começou a picar ao longo da parede com a extremidade aguda da alavanca, e o barro, esboroando-se e desacamando a pedaços, deixava descobrir a superficie da pedra que não era mais grossa que a outra.

—Dizes bem, é isso—approvou o marido.—Vamos apeando a parede por esse lado, que o barro elle se despegará.

E, dizendo, pegou d'outra alavanca e começou a derribar as capas da parede, em quanto a mulher, para não estar com as mãos debaixo dos braços, ia descaliçar a camada barrenta. Quando atirava rijamente com a ponta da alavanca á parede, notou que o ferro batera e se cravara em páo.

—Aqui ha madeira—disse ella.

—E' alguma cascaría que tinha mão no barro—explicou Silvestre.

A mulher repetiu os golpes em diversos pontos na circumferencia de dois palmos, e tirou sempre o mesmo som.

—Parece que bate em vão...—notou ella.

—O quê?!—acudiu o marido, descendo do andaime em que trabalhava.—Bate em vão! que dizes tu?!

—E' o que te eu digo... Olha... Ouves?

—O' mulher!—exclamou elle, cravando-lhe os olhos cheios de palpites que a lingua não ousava formular.

E como n'esse comenos passasse gente, e parasse a olhar para as ruínas, o fogueteiro fez um tregeito á mulher, que ella entendeu, calando-se.

—Ajunta a ferramenta, Maria, e vamos embora que já mal se enxerga—disse elle.

—Lá vai a casa do Bento pedreiro, Deus lhe falle n'alma!—disse o mais ancião dos curiosos.

—Que dinheirão aqui esteve n'este pardieiro! Cincoenta e seis mil cruzados! Era o homem mais rico da villa e seu termo, e tanta necessi-

dade passava aquelle alma do diabo, Deus lhe perdôe, para a final o dinheiro ser repartido pela quadrilha do Luiz Meirinho, que tambem o levou berzabum com duas balas que lhe metteram na barriga ali á ponte de S. Thiago!

—São fadarios, tio Simeão! . . .—disse Silvestre.

—Vossê podia a esta hora estar rico como um porco, se tivesse outra casta de pai. . .—tornou o velho.

—Assim é; mas não o quiz Deus. Desgraças...

—Ora faça vossê de conta que tinha achado ahi o dinheirame do seu avô!

—Ainda venho a tempo! . . .

—Pois sim; mas faça de conta que o topava! Vossê que fazia, ó sôr Silvestre?

—Eu sei cá, tio Simeão!

—Foguetes é que vossê não fazia mais! aposto dobrado contra singelo!

—Não fallemos n'isso. . . Foguetes é que eu heide fazer toda a minha vida, e Deus me dê saude para os fazer.

—Amen; mas vossê, se se pilhava com as tres mil peças, mettia a villa toda n'um chinello, e pintava ahi o diabo a quatro!

—Está enganado! não pintava nada . . . Comprava uns bemzinhos, e havia de trabalhar n'elles, como trabalho nos foguetes.

—Vem d'ahi, homem—disse Maria já aborrecida das impertinentes perguntas do Simeão que, encostado á sachola, parecia jubilar nas pachorrentas hypotheses, e nas delicias de cossar uma perna com a outra alternadamente.

Simeão foi seu caminho com os outros; e o fogueteiro e a mulher seguiram para casa; mas, assim que as portas e janellas se fecharam na rua, ahi estavam elles outra vez sobre o cascalho, raspando com ferramentas pouco ruidosas a parede no espaço em que o som do vacuo respondia ao toque do ferro.

No termo de curta fadiga, tinham descoberto uma superficie liza de madeira, invasada na parede como a portada de um postigo. Facilmente desencaixilharam a tábua do invasamento de

pedra, por que não tinha dobradiças nem outra firmeza alem da que lhe dava a espessa camada de barro. Silvestre introduziu a mão, e topou um corpo frio.

—Que achas?—perguntou Maria offegante com as mãos postas.

—É uma panella de ferro...—balbuciou elle.—O' mulher!... tem mão em mim, que não sei o que me dá pela cabeça!...

—Nossa Senhora!—exclamou ella—Nossa Senhora!...

E, em vez de ter mão no homem, metteu ambos os braços até achar a panella, em quanto Silvestre abria e fechava a bocca em tregeitos de tão estúpida felicidade, que só a suprema desgraça os poderá fazer iguaes.

N'isto, a rija mocetona arrancava da lura o peso enorme de ouro; e, cahindo de cocoras com o pote no regaço, exclamou suffocada:

—Ai Jesus! que eu morro de alegria!...

Silvestre apertava o ventre com as mãos. Esta postura não é ridicula nem inverosimil para os

que sabem que os intestinos quasi nunca são estranhos ás commoções grandes.

Aos primeiros assomos da seguinte aurora, a parede estava arrazada. Os visinhos ouviram o ruido da assolação, e cuidaram que a derribára um pegão de vento.

Mas, na proxima semana, a obra da casa nova parára. O fogueteiro dizia aos seus bem-feitores que ia mudar de terra, e talvez mudar de vida.

X

Por esse tempo, um fidalgo da côrte de D. João VI mandou vender as suas vastas propriedades na provincia do Minho. Nos arrabaldes de Barcellos demorava a principal das quintas, que havia sido paço senhorial. Chamava-se a *Honra de Romariz*, e já fôra dote de D. Gené-

bra Trocozende, no seculo XII, casada com D. Fafes Romarigues, filho de D. Egas, que gera-
ra D. Fuas, e tão copiosa e compridamente se
geraram uns dos outros que a final degenera-
ram na pessoa do fidalgo que mandou vender a
casa solarenga, para cruzar ricamente uma dan-
çarina sobre os leões rompentes do seu escudo.

Chamava-se Silvestre de S. Martinho o com-
prador, que contára na mesa do tabellião de
Barcellos vinte e cinco mil cruzados em peças
de 7\$500 réis. Quantos casaes e leiras o filho
de Joaquim Faisca pôde comprar á volta da
Honra de Romariz incorporou-as no cinto de
muralha que foi alargando a termos de arredor-
dar a mais vasta e formosa vivenda do coração
do Minho.

Em 1826, quando Silvestre já desesperava
da fecundidade da esposa, em annos bastante
serodios, deu-lhe ella uma menina que se cha-
mou Felizarda. Aos oito annos, a moça, filha
unica, e conhecida pela morgadinha de Roma-
riz, já bastante espigada e gorda, levava folga-

da infancia. Aos dezoito annos, compozeram-se-lhe as feições com proeminencias grandes, mas esbeltas. A fertilidade do peito dizia com a curva tumecente das espaduas. Felizarda tinha uns archejos de cansaço que lhe alindavam o carmin do bom sangue.

Um bacharel formado que aspirava de longe, os olores d'esta flôr de gira-sol, queixando-se da demora que ella posera em chegar a uma festividade de igreja, fez-lhe o seguinte improviso, depois de trabalhar trez dias a rima :

*Eu, que sou fogo, não tardo,
ella, que é gelo, é que tarda,
Se eu, que amo, feliz ardo,
FELIZARDA feliz arda.*

Ella deu pulos a rir como se tivesse a crytica de mad. Girardin.

Por esse tempo, 1846, Silvestre de S. Martinho estava muito rico, mas muitissimo aborrecido na diluente occiosidade de tantos annos. Ás vezes, mandava comprar polvora bombardeira, furava canudos, apertava-os com guita

alcatroada, e fazia foguetes para se distrahir. Felizarda, bastante entretida com a arte, pedia á mãe que lhe ensinasse a fazer valverdes e bichinhas de rabear.

A sr.^a D. Maria, excellente matrona e mãe, não se enfastiava, como o esposo, por que moirava sempre na casa e na quinta, fiava ou dobava nas noites grandes com as creadas á lareira, e envergonhava os servos calaceiros batendo as meadas no lavadouro, ou padejando as broas na cosinha.

Mas o marido que, tirante as diversões pyrotechnicas, não fazia nada, andava dispeptico e clorotico, quando teve de optar entre fogueteiro e politico.

Era no tempo da patulea. Silvestre manifestara-se progressista nas bellicosas eleições de 1845 em Barcellos, e sentiu-se invadido pela paixão sociologica por causa do canibalismo dos fuzilamentos de Alvaraens. No anno seguinte, influiu no movimento de maio, e manteve-se nas déas avançadas até outubro em que os agentes da

junta do Porto lhe embargou, no Largo da Aguardente, duas cavalgadas que iam á praia da Foz buscar a mulher e a filha. N'este conflicto, oscillou politicamente entre os irmãos Passos que amamentavam a republica nos seios dessorados da liberdade cachetica, e o padre Casimiro José Vieira, o *Defensor das Cinco Chagas*, que proclamava D. Miguel 1 no Bom Jesus do Monte.

Alliciaram-no ao seu partido alguns sectarios da realza absoluta, que viam desde a ponte de Barcellos a politica europea, e traçavam com as bengalas no Campo das Cruzes as evoluções militares e triumphaes dos exercitos russos. Silvestre não subia n'estas comprehensões tão alto como os seus foguetes de tres respostas, mas intendia que, tendo as coisas de dar volta, não lhe seria máu adoptar o partido vencedor. Offereceu dinheiro ao doutor Candido de Anêlhe e ao advogado Francisco Jeronimo para se enviar á *Lua*.¹

¹ Os realistas usavam nas suas correspondencias termos convencionaes. *Lua* era o general em chefe Macdonnell.

À sua generosidade respondeu magnanimamente a assembléa realista, condecorando-o com a commenda de S. Miguel da Ala. Elle já era Rosa cruz, graduado na hoje extincta viella da Neta, por José Passos. Abriu-se um pleito de liberalidades entre Silvestre e a cabeça visivel de el-rei absoluto. Boa porção das peças intactas do defunctissimo *Joia* passaram para o cinturão do aventureiro escocez Macdonnell, e depois para os

Este general, quando foi batido pelo conde de Casal em Braga, deixou ali um volumoso dictionario manuscripto, curiosamente elaborado pelos realistas de algum vulto lexicologico, com bastantes documentos que hoje estão esquecidos, e mais tarde a historia não saberá onde procural-os. N'este dictionario cryptographico os vocabulos mais engenhosamente disfarçados são estes:

Inimigos — BESTAS.

Inimigos em movimento — BESTAS DESINQUIETAS.

Inimigos em marcha contra nós — BESTAS DE JORNADA.

Os liberaes, se interceptassem a correspondencia, não suspeitariam decerto que os miguelistas chamassem aos seus adversarios — *bestas*.

Leia-se a *carta dirigida ao cavalheiro José Hume, membro do parlamento sobre o ultimo debate havido na camara dos communs a respeito dos negocios de Portugal etc.* Lisboa, 1847.

O traductor e annotador anonymo d'esta obra, a mais noticiosa que temos da revolução chamada da *Maria da Fonte*, foi Antonio Pereira dos Reis, notavel escriptor politico, fallecido em 1850.

burnaes dos soldados de caçadores que o espingardearam em Sabroso. O' fados do dinheiro! Que estremeções não daria na cova o cadaver do Bento pedreiro, se os corvos e os lobos o não tivessem comido na serra!

Extinctas as facções politicas, Silvestre, por insinuações da mulher, entrou a desconfiar que era tolo, e que o sr. D. Miguel não o conhecia. Retirou-se da politica, cheio de desenganos, e ridiculo. Os funcionarios administrativos e judiciaes de Barcellos zombavam d'elle, e no *Periodico dos Pobres*, um *Amigo da verdade* escreveu que o Silvestre de Romariz, no auge da sua dor, fabricava *foguetes de lagrimas*. Allusão perfurante que elle soletrou na folha.

A respeito de soletrar, a morgada recebia cartas de um amanuense da camara de Barcellos; mas só abriu sete que ajuntára quando uma costureira lh'as leu. Felizarda creara-se sem letras, e vivia, a respeito de litteratura, como as raparigas gregas antes de Cadmo, filho de Agenor, introduzir na Grecia o alphabeto phe-

nicio; mas, em compensação, tinha muita flôr nativa e fresca de acres aromas n'aquelle afflante seio, e folgava de ouvir trovas de chula e desafios de cantares em que ás vezes a phrase estava pedindo a intervenção da policia.

Direi do amanuense da camara municipal de Barcellos.

Era um sujeito que perlustrara as regiões da sciencia por toda a extensão do *Manual Encyclopedico* do sr. Emilio Achylles de Monteverde. Era author de charadas impressas. Só a *Felizarda* 6. Tinha este moço, José Hypolito de nome, immensa fé na briza, no paul, na junça, e no archanjo da poesia de 1840. Os duendes das suas visões nocturnas nas margens do Cavado sangravam-no. Era melancolico e magro como um galgo doente. A sua paixão grande, não fallando na falta de dinheiro, era Felizarda. Ganhava tres tostões na escrivaninha da camara, e devoravam-no aspirações a ter cavallo e carrinho. Entretanto, andava pelas casas a recitar a poesia de Palmeirim:

*Que poeta que não era
Da linda Ignez o cantor;*

ou da Lua de Londres, o

*É noite; o astro saudoso
Rompe a custo o plumbeo ceo, etc.*

E chorava quando os versos toavam funebres.

Felisarda não parecia talhada (sem calemburgo) para este homem; elle, porém, talhara-se para ella. Far-se-hia boi, como Jupiter, para arrebatá-la, bem que os seus instinctos volateis o levassem para cysne, se Felisarda tivesse, além dos proprios, os instinctos um tanto bestiaes de Leda.

Escreveu-lhe sete missivas profuzas e tristes como os sete peccados mortaes. A costureira que as leu debulhava-se em lagrimas, e decorava períodos para responder ás cartas de um furriel do 43 de infantaria. Felisarda ouvia aquellas coisas com a attenção de uma rã que imerge á flôr do lago os olhos espantadiços e escuta um rouxinol. Como as prosas levavam recheio de quadras, assim que a morgada dava tento da ri-

ma, espirrava um froixo de riso, tal qual como no lyrismo de Santo Antonio, no theatro de S. Geraldo. Tinha aquellé aleijão ! Era—quem sabe ?—a preexistencia d'esta enorme gargalhada que hoje atabafa os golphos da poesia subjectiva.

A costureira interpretou-a, e respondeu, vestindo a ideia de Felizarda, com palavras innocentes, mas facinorosas em orthographia. O amanuense amava-a deveras : leu a carta, em que era chamado *Bem* da menina com *V* ; e, dando os pezames ao seu Monteverde, fez votos de educar Felizarda nas quatro partes da grammatica, se um dia conjugassem o verbo *amar*, que só é verdadeiramente regular quando o matrimonio o defeca.

Trocaram-se cartas assiduas. Felizarda começava a ser um pouco séria, pouzeira e semsaborona. Amava. Entre a *psyche* e a *outra* abriram-se as valvulas de communicação. Tinha morbidez de Ophelia e indigestões por falta de exercicio. Não sahia do mirante que olhava para o

caminho do carro. José Hypolito passava por ali aos sabbados de tarde; e, se a solidão era absoluta, perguntava-lhe como passou. E Julieta, debruçada sobre o barandim do miradouro, com a face rubra e o seio ondulante, dizia-lhe que passou bem.

Nas cartas, fallou-lhe em matrimonio, o amannense. Ella respondeu que sim. José Hipolito, esporeado pelo amor, abalançou-se á interpeza de que os amigos o dissuadiam. Pediu-a ao pai, e arrependeu-se. Silvestre perguntou-lhe quem era e quanto tinha. Ouvida a resposta, disse gesticulando um esgar de desprezo:

—Ora adeus. . . O senhor, se não é tolo, parece-o.

Despediu-o apontando-lhe para a porta. Depois, chamou a filha e perguntou:

—Que diabo é isto? onde conheceste o pelintra que te veio pedir para mulher?

Ella contou ingenuamente o caso, mostrou as cartas, confessou quem lh'as lia, quem lles respondia, e concluiu:

—Assim como assim, já agora quero casar com elle.

O pai expediu berros cortados de interjeições brutas. A filha fugiu, a soluçar, e não appareceu ao jantar nem á ceia.

E a mãe, a mulher laboriosa que nunca pensára nas soberbías implacaveis da riqueza, dizia ao marido :

—Se ella gosta do rapaz, deixa-a casar. . . . Bem me prégava meu pai que não casasse contigo porque tu eras filho de quem eras. E d'ahi? Casei e nunca me arrependi.

—Queres dizer na tua que dê a minha filha com oitenta mil cruzados a um troca-tintas que não tem casa nem leira nem. . . .

—Tem-no ella, homem. A riqueza chega para os dois. Trata de saber se elle é bom rapaz; e, se fôr, deixa-a cazar que tem vinte annos.

XI

José Hipolito creára protectores esperanças no bom exito da tentativa. Os inimigos politicos de Silvestre de Romariz coadjuvaram-no a tiral-a judicialmente.

O juiz prestou-se a interrogar a morgada, visto que ella não podia requerer por seu pulso. Suppridas legalmente as formalidades, Felizarda foi depositada em Barcellos, no seio da familia Alvaraens.

Trava-se então a lucta nos tribunaes. O pretensor, mal dirigido pelo seu advogado, responde com retaliações pungentissimas a insultos que o argentario lhe dirige ao seu nascimento obscuro e á sua pobreza. A pugna passara a ser um asanhado pugilato dos dois causidicos.

Um dos membros da familia Alvarães era

moço, chamava-se José Francisco, e estudava o quinto anno de latim a ver se aprendia o necessario para conego da collegiada barcellense. Tinha quatro reprovações conscienciosas em Braga; mas ao quinto anno já distinguia o verbo do complemento objectivo, e traduzia com poucos erros a Ladainha.

A familia Alvarães era antiga e abastada; contava muitos frades bernardos na prosapia, e um governador em uma praça da Azia, d'onde trouxera navios de especiarias que formaram o casco da riqueza. A casa tinha pedra d'armas, e uma liteira brazonada que antigamente ia a Alcobaça buscar os frades a rusticar nas pescarias do Cavado, e a encher as roscas da caluga balofas pela inercia do claustro.

José Francisco, o estudante, era sanguineo, nedio, com as maçãs do rosto vermelhas, e os olhos enfronhados nas palpebras somnolentas. Felizarda, a noiva depositada, pareceu-lhe bem, ao passo que o amanuense da camara lhe era um antipathico bandalho, desde que em plena

praça o enxóvalhára perguntando-lhe, no terceiro anno de latim, o accusativo de *Asinus*. Oppozera-se José Francisco á recepção da morgada para haver de casar com José Hipolito, filho do Manuel Colchoeiro; mas força maior obrigara os Alvarães a protegerem o amanuense.

Ás vezes, o futuro conego pasmava-se a contemplar Felizarda, e sentia em si as suaves dôres da natureza em parto do primeiro amor. Se ella, a morgada, olhava para elle a fito, produzia-lhe no rosto o effeito do sol que aponta em dia de calma — avermelhava-o até aos globulos das orelhas; e José cossava-se a disfarçar, ou esbofeteava as moscas que lhe passeavam sobre a epiderme oleosa, e faziam titilações incómodas nas fossas nazaes.

A morgada achava-o bonito, e dizia ás irmãs que era pena fazerem-no padre. José, quando soube isto, creou umas esperanças que o tresnoitavam, e tinha as sentimentalidades doloridas de Jocelin, e d'um ou outro clerigo de Barcellos que deixava vingar-se a natureza.

Procurava José Francisco Alvarães modos de conversar com Silvestre de Romariz, e contava-lhe o que a filha dizia a respeito do Hypolito. Levava á depositada cartas do pai, e lia-lh'as ás escondidas da familia. O amanuense suspeitara-o, e tratava de remover o deposito, allegando subornos que a lei não facultava.

Ora, n'aquellas confidentes leituras, estabelecera-se intimidade bastante entre a morgada e o interprete das lastimas de seu pai. D'uma vez que Felisarda enxugava as lagrimas, ouvindo ler o adeus que o pai enfermo lhe enviava, José Francisco, transportado n'um raptó inconsciente de enthusiasmo, pegou-lhe da mão e disse com ternissima meiguice :

—Não case contra vontade de seu pai... Tenha pena d'elle, que está tão acabadinho. . .

A morgada poz-se a torcer e a destorcer o seu lenço branco, e a lamber uma lagrima que lhe pruía no beijo superior; mas não respondeu.

Alvarães foi contar isto ao velho. Silvestre

pegou do processo que o seu advogado lhe enviara, e disse-lhe :

—Faça-me o sr. Josésinho o favor de levar estes autos, e ler a minha filha o que o tal patife, que quer ser seu marido, aqui diz de seu pai; leia-lhe isto, e veja o que ella diz.

O leitor já sabe, por eu lh'o haver dito nas primeiras paginas d'este livrinho, que o indiscreto amanuense consentira que se escrevesse que o pai de Silvestre fôra salteador de estradas, e que o pai de Felizarda exercitara o baixo mester de fogueteiro em Famalicão.

Tudo isto era expellido na tréplica de José Hypolito com grande lardo de zombarias e sarcasmos em estylo piccaresco. A morgada ouviu ler as injurias entoadas com vehemencia por José Francisco, que as declamou como se estivesse traduzindo um periodo de Eutropio.

Concluida a leitura, Felizarda, antes que o leitor a interrogasse com os olhos, exclamou:

—Quero ir para casa de meu pai, e hade se

já. O Josésinho vai commigo. Mande dizer a meu pai que me mande a burra.

José foi dar parte á familia da subita resolução da morgada; o depositario foi dar parte ao juiz, e o juiz respondeu que a lei não podia empecer á vontade da depositada. Quando estas altercações chegaram á noticia de José Hypolito, a filha de Silvestre ia já caminho de casa, acompanhada pelo estudante e pelas irmãs.

O pai e a mãe receberam-na nos braços, offegantes de jubilo, a pedir-lhes perdão da sua dou-dice. Silvestre abraçava José Francisco Alvarães, chamando-lhe o salvador da sua filha e da sua honra. A santa mãe de Felisarda olhava para o estudante com os olhos cheios de riso, e dizia:

—Não queira ser padre, sr. Josésinho. . . Olhe que o meu homem já disse que se vossa senhoria quizesse a nossa rapariga, que lh'a dava, e eu tambem.

José olhou estupefacto para o velho; Silvestre entendeu o espanto, e disse-lhe:

—Não olhe para mim, que eu não sou o

que caso; olhe para a minha filha, e veja o que ella diz. Felisarda, queres casar com o sr. José Francisco?

—Se o pai quizer . . . tambem eu.—E escondeu o rosto no seio da mãe com umas visagens que pareciam de entremez; mas que eram da maior naturalidade.

As irmãs de José Francisco rodearam-na a beijarem-na soffregamente, em quanto o noivo, alumiado por aquelle improviso e inesperado lampejo de felicidade, achou no coração estas phrazes que balbuciou, abeirando-se da morgada:

—Se a menina casasse com o outro, eu acho que morria de paixão, e mais nunca lh'o disse.

Conclusão

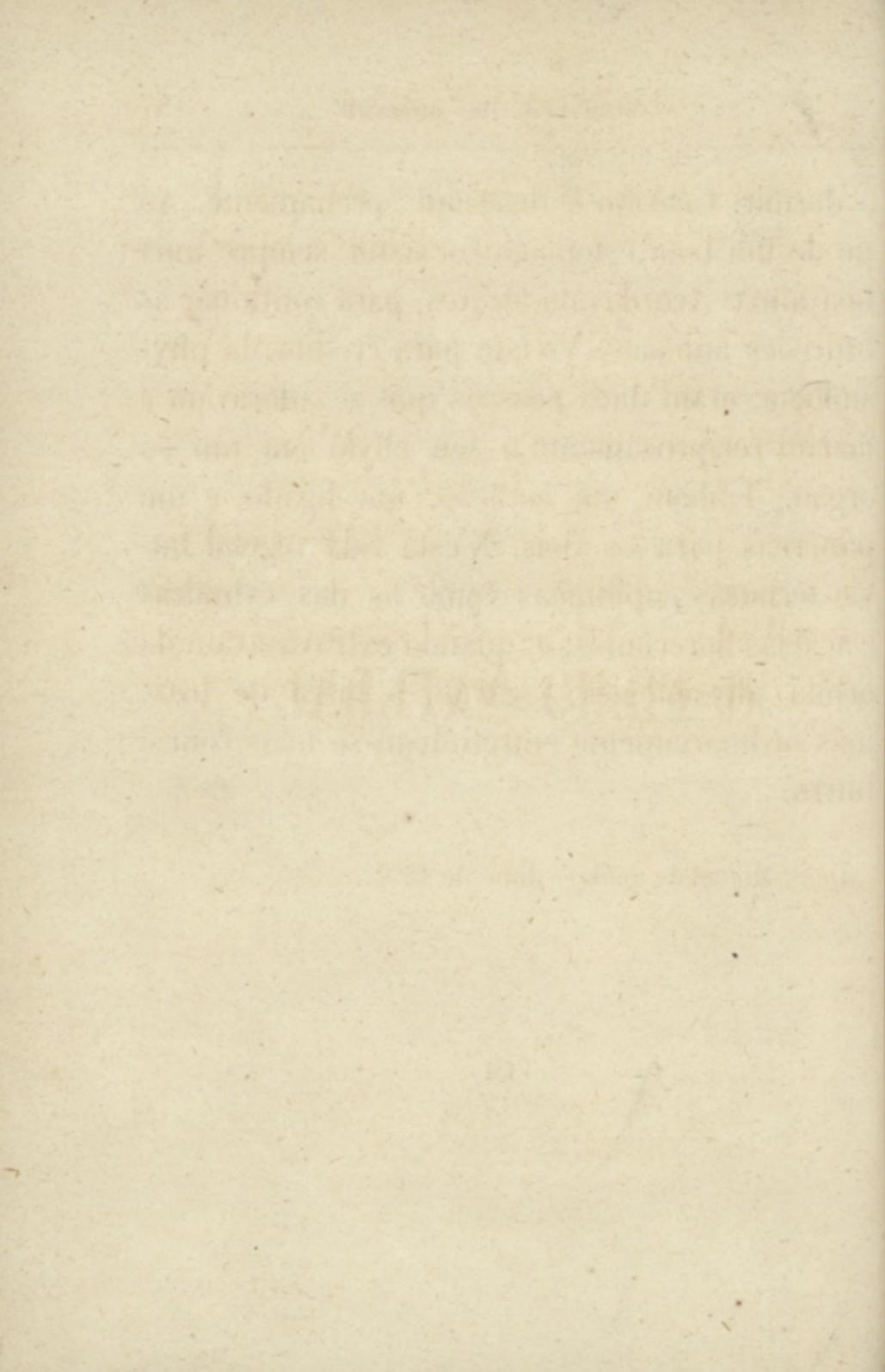
Quando os vi em Braga, no theatro de S. Geraldo, estavam casados havia já vinte e cinco annos. Na casa de Romariz, durante essa temporada, apenas pezaram dias funestos, quando se fecharam as sepulturas de Silvestre e sua mulher.

José Francisco Alvarens era um modelo raro de continencia conjugal. Em Portugal só se conhecem dois exemplares: el-rei D. Affonso iv e elle. As diversões da vida, convencionalmente chamadas prazeres, não perturbaram a suave monotonia de Romariz. D. Felizarda apenas conhecia na arte dramatica o «Santo Antonio» de Braz Martins, e a «Degolação dos innocentes» por onde entrou na vida infame de Herodes. As noites de dezembro aligeiravam-se em Romariz

a dormir. Ceavam e digeriam serenamente. Ao pé de um bom estomago coexistiu sempre uma boa alma. Acordavam alegres, para continuar as funcções animaes. Viviam para credito da physiologia: eram duas pessoas que se adoravam e faziam reciprocamente o seu chylo em um só orgão. Tinham um coração, um figado, e um pancreas para os dois. N'esta vida vegetal havia ternuras cupidineas como as das cylindras e acacias florecentes; e, quando extravasavam da orbita physiologica, jogavam a bisca de trez; mas ordinariamente entretinham-se mais com o burro.

De S. Miguel de Seide—julho de 1876.

FIM



V

O FILHO NATURAL

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

V

O FILHO NATURAL

PRIMEIRA PARTE

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^ª

68-Praça de D. Pedro-68

1876

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique
d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

A

Custodio José Vieira

Nada de modestias.

Offereço-te este livro para que haja na tua grande bibliotheca um livro aproveitavel, se não tens os **Contos** de Gonçalo Fernandes Trancoso.

O FILHO NATURAL

PRIMEIRA PARTE

Os direitos do filho de outro são os mesmos que do pai. Tanto para a sucessão, quanto para a aquisição das coisas, tanto para a defesa, quanto para a reivindicação. O filho natural tem os mesmos direitos que o filho legítimo, e os mesmos deveres. O filho natural tem o direito de herança, e o dever de sustento. O filho natural tem o direito de nome, e o dever de honra. O filho natural tem o direito de educação, e o dever de respeito. O filho natural tem o direito de casamento, e o dever de fidelidade. O filho natural tem o direito de propriedade, e o dever de conservação. O filho natural tem o direito de liberdade, e o dever de obediência. O filho natural tem o direito de igualdade, e o dever de justiça. O filho natural tem o direito de fraternidade, e o dever de caridade. O filho natural tem o direito de paz, e o dever de harmonia. O filho natural tem o direito de verdade, e o dever de sinceridade. O filho natural tem o direito de justiça, e o dever de equidade. O filho natural tem o direito de liberdade, e o dever de responsabilidade. O filho natural tem o direito de igualdade, e o dever de respeito. O filho natural tem o direito de fraternidade, e o dever de caridade. O filho natural tem o direito de paz, e o dever de harmonia. O filho natural tem o direito de verdade, e o dever de sinceridade. O filho natural tem o direito de justiça, e o dever de equidade. O filho natural tem o direito de liberdade, e o dever de responsabilidade.

O FILHO NATURAL

PRIMEIRA PARTE

Os fidalgos de terras de Basto vão-se acabando. Tenho pena e saudades. Aqui ha trinta annos, com os brazões e appellidos das familias heraldicas d'entre Vizella e Tamega recompunha-se a historia lendaria de Portugal. Quem soubesse ler a symbolica das arrogantes armas encimadas nos portões das quintas, podia leccionar um curso de historia patria com tanta philosophia como fr. Bernardo de Brito e o sr. João Felix Pereira, o das varias faculdades. Em redor d'aquelles paços senhoriaes pezava um silencio triste e torvo. Era o lucto de Portugal de D. João II e de D. Manuel.

Cada portal bojava os seus granitos folhados de acanthos, entre dous cyprestes; as legendas dos escudos denegridos e musgosos pareciam inscripções tumulares; por sobre os paquifes dos elmos desgrenhavam suas madeixas os chorões, escurentando as avenidas d'aquelles solares car-rancudos, como se por ali se entrasse para as catumbas da Ordem 3.^a de S. Francisco, na, sobre todas, honrada e pia cidade do Porto.

Não era assim melancolico o viver intestinal d'aquellas baleias de pedra que pareciam esmoer de papo acima as familias em soporosa digestão. Se lá dentro as tradições historicas apenas se conservavam em alguns pires e jarras esbeçadas de louça, que um sétimo avô trouxera da Azia, a Idea Nova, que esvoaça na athmosphera como os aromas de todas as flores e os effluvios de todas as podridões, chegára a terras de Basto, aninhára-se brincando nos açafates das meninas como as andorinhas alegres nas cornijas dos seus palacetes sombrios. A Idea Nova, que brincava no açafate da costura e no bastidor, eram as tra-

duções da *Bibliotheca Economica*, em que a velha virtude e a velha linguagem portugueza soluçavam os ultimos arrancos, nos braços do *Feliz independente* do padre Theodoro de Almeida. O romance deu aos corações das senhoras de Basto feitios e geitos novos, ensinando-lhes o que diz a aurora, o que segredam as transparencias setinosas do arrebol, o que se deve scismar quando as fontes trépidas murmuram, e tudo o mais respectivo a flores, brizas e passaros.

Desde a fundação da monarchia até el-rei D. João VI, o Minho não florejara poetisa conhecida, salvo a viscondessa de Balsemão D. Catharina; porém, d'esde 1848 a 1860, contam-se por duzias as cantoras que poisaram gorgeando nos periodicos do tempo com grande riqueza de charadas e muitissimos *Suspiros* dignos dos circulos mais lagrimosos do Dante. O amor, que até então fôra de fructos, fez-se de flores; a mulher entrou na idealisação; obrigou o cavalheiro de Basto a ser psychologico, e a sujeitar-se nos

sêus desejos amorosos um pouco ao metro e á rima. Foi ella, pois, quem refez o homem, descascando-o, adelgaçando-o, cepilhando-lhe as rudezas, obrigando-o a cantar a chacara dos *Dois Renegados*. Por este tempo entrou em terras de Basto a caixa de muzica, e logo depois o manicordio. Faz agora vinte annos que ali se inaugurou a perfectibilidade lyrica: ouviu-se um piano forte em Cabeceiras e outro na Rapozeira. Era o ultimo ponto da craveira nos avanços do progresso. Como Babylonia e Carthago, Basto, refinando em civilisação, começou a desandar. Não houve em Refojos nem em Mondim um Catão-Censorino que se levantasse, como em Roma, contra a inoculação pestilencial das bellas-artes e letras. A poesia e o piano tinham corrompido a terra de Santa Senhorinha.

A degeneração do fidalgo de Basto promoveu-a o systema representativo. O acto eleitoral foi a rampa traiçoeira por onde aquelles partidarios do throno absoluto escorregaram á democracia. Verdade é que o suffragio cedido aos seus corre-

ligionarios era um sincero suffragio pelos fieis defuntos. Os seus enviados ao parlamento sentavam-se venerabundos, cheios de Phebo Moniz, com ares de senadores romanos em frente das zombarias d'aquelles Brennos, que tinham as linguas de Cunha Souto-Mayor e José Estevão, corantes como as hachas gallo-celtas. Não pediam estradas nem abbadias, nem campanario, nem commendas: estavam ali com os ouvidos attentos à espera do que vinha da Russia. Afinal, o temperamento sanguineo dos cavalheiros de Basto borbulhou em comichões de novas ideas, e todos elles se cossaram mais ou menos com a carta constitucional. A liberdade vencêra; mas as proeminencias congenitas d'aquella pleiade de Bayards, quasi todos capitães-mores, desvaneceram-se nas brumas da epopeia, que nunca mais terá pessoa em que pegue n'aquella região onde já não ha tradição da velha tyrannia dos patibulos, excepto o vinho que ainda é de inforcado.

*

* *

Um dos mancebos mais completos por patrimonio, nascimento e gentileza, no concelho de Celorico, era o fidalgo de Agilde, Vasco Pereira Marramaque, vigesimo terceiro neto de Gonçalo Mendes, o Lidador. Se eu tivesse de ir, ao arripio, na piugada genealogica d'este sujeito, encontrava-me com o macaco de Darwin. É familia muito antiga a dos Marramaques—são anteriores á historia e talvez aos macacos. E, se me não falha a conta dos avós apurados n'esta linhagem, o diluvio universal está desmentido.

Vasco era um rapaz moderno então. Em 1846 tinha 23 annos, e trocava costaneiras genealogicas encadernadas em vitella por canastras de romances de Arlincourt e Eugene Sue. Não era caçador nem potreiro: era um scismador trigueiro familiarisado com certas estrellas, hypocondriaco, olheiras, fastio, um grande abor-

recimento de tudo e principalmente do estylo dos parentes que lhe chamavam magico:

Elle tinha dado á luz no *Periodico dos Pobres* uma poesia na qual declarava que era um anjo cahido em lodaçal de javardos. Alludia aos primos. Isto fez sensação em todo o Basto. Um poeta de Refójos mordeu-o com uma satyra que começava assim:

Ó bardo de Celorico,
Quem te deu tamanho bico?

Vasco Marramaque enviou-lhe o seu cartel por dois intrepididos ex-officiaes de Milicias de Braga. O outro, que era discipulo de Alceu e de Horacio no lyrismo e no amor de seu corpo, fugiu de Basto como seu mestre fugira dos legionarios de Octavio. Poetas, por via de regra, não querem nem devem morrer em batalhas: o seu officio é dar a immortalidade aos bravos. O de Refojos pensava assim; e o de Celorico ia mais para os cytaristas das cruzadas, que morriam como Raul de Coucy entre duas rimas e trez cutiladas.

Este incidente deu ares heroicos a Vasco. Fize-
ra fugir o versista de Refojos, que satyrisava as
auctoridades nas gazetas, assignando-se *Juvenal*
em Cabeceiras.

As senhoras amaram-o quasi furiosamente.

As mulheres das terras frias e regadas pelas
torrentes das montanhas amam os trovadores
valentes. Querem que o poeta lhes diga :

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

Vasco provou a mão nos soláos, e dizia sem-
pre que ia afinar o arrabil. Era o instrumento de
1848, o arrabil. Mas, de vez em quando, no *Ecco*
Popular do Porto, apparecia uma pergunta ano-
nyma:

Ó bardo de Celorico,
quem te deu tamanho bico?

*
* *
*

Vasco Marramaque viveu do amor das castelãs dos seus soláos com exemplar castidade por espaço de seis mezes. Os fructos d'estas innocentes mancebias eram umas trovas em redondilha, quasi todas aleijadas. Procurava uma menina accommodada ao molde da sua imaginação; mas terras de Basto não lh'a forneciam. Alli as meninas eram cheias como as aboboras — aboboras-meninas. Elle queria a mulher vaporosa. N'aquelle tempo era moda o vapor nas senhoras como encanto; hoje os poetas realistas malsinam-as de anemicas e chloroticas. Nós, os rapazes que tinhamos alma e lyra, queriamos que as nossas amadas, por varias razões, se alimentassem do aroma das finas flores, como Camões refere de certas familias visinhas do Ganges; ora os poetas da ultima hora, com o zelo de correto-

res de restaurantes, argüem, acaudilhados pelo sr. R. Ortigão, as senhoras magras por que não digerem uns tantos kilos de boi com mostarda, nem bebem cerveja preta, nem barram de manteiga fresca o seu pão.

Não era assim que o fidalgo de Agilde anhelava a mulher que lhe prelusia d'entre a poeira de ouro das suas visões.

Procurou-a no jardim de S. Lazaro do Porto. Se vai no domingo anterior, encontrava cinco meninas de transparencia cristalina, bastante lidas no «Telemaco», sabendo de cór as passagens mais sentimentaes do «Eurico» e a *Vivandeira*, de Palmeirim. Eram as cinco joias do Porto em delicadeza de espirito e de cintura—tão subtis que pareciam almas deplorativas da «Divina Comedia» envoltas em tarlatanas. Estas meninas, de familias diversas, davam cuidado aos pais; porque, em materia de matrimonio, diziam todas á uma que não achavam no jardim de S. Lazaro, nem na Philarmonica, nem na missa das onze, homens que as comprehendessem. Cada uma

d'ellas, portanto, devia ser a visão realisada de Vasco Marramaque; infelizmente, porém, elle chegou oito dias tarde; porque as cinco *incomprises* tinham casado n'aquella semana com cinco brazileiros.

Percorreu o paiz, farejando todos os centros, todas as constellações de senhoras n'este nosso systema planetario de terra a terra. Esteve em Cintra, em Cascaes, no circo Laribau, nos gyneceus doutos das excellentissimas Kruzes e nos celebrados bailes dos srs. marquezes de Vianna. Ouviu de perto o rugido das leoas, e o metalico frescor da phrase sacudida das damas aristocratas. Apertou na sua mão fria os dedos febris e opalisados das filhas dos marquezes; sentiu no rosto, em polkas vertiginosas, as doces crispacões dos *boucles*, que descobririam o galvanismo no homem, se Galvani o não tivesse já achado nas rans. Pois não sentiu nada! pela palavra nada! Quando sahiu a barra de Lisboa, com o coração a disputar á algibeira primazias do vacuo, conta-se que, pendido o rosto para o peito,

chorára copiosamente; e que, em frente das Berlingas, perguntára ao destino surdo se a mulher dos seus sonhos estaria n'aquelles penedos.

Voltou para a sua casa de Agilde, aprendeu a jogar o gamão com o pharmaceutico Macario Affonso, e enfronhou-se em politica com o juiz ordinario. Este magistrado, galopim condecorado com habito de Christo, incitava-o a ir ao parlamento, assegurava-lhe a urna, contando-lhe os rombos que fizera n'ella sempre que foi preciso fazer triumphar a justiça.

Entretanto, Vasco, em quanto o boticario manipulava os seus basilicões, namorava-lhe a filha, com uns geitos cynicos de quem vinha de Lisboa. Era ella uma rapariga fresca e perfumosa como o rosmaninho, e secia de alegres côres como a flor da hortensia. Chamava-se a Thomazinha da botica. Lia novellas, que o fidalgo lhe emprestava, traduzidas do francez. A «Salamandra» de E. Sue fez-lhe estranhos abalos no organismo. Aquelle personagem chamado Saffie, por quem as mulheres morriam de amor, en-

xertou-o em Vasco. Assimilava capitulos como quem ingere cabeças de phosphoros. O pai gostava de a ouvir declamar os dialogos dos romances; e, moralizando aquellas historias com bastante juizo, dizia:

—Thomazia, isso parecem-me petas!...

E, a respeito do Saffie, accrescentava:

—Dá-me vontade de dar dois pontapés n'esse *saffie*!

Elle bem via que a filha desatremava no governo da casa; não pegava em meia nem fazia peruas de missanga; dava-lhe as piugas esboracadas e as ceroulas sem nastros. Trauteava as chacaras da «Moura» e do «Pagem de Aljubarrota» com o lacerante sentimento das enormes desgraças. Ás vezes chorava sem saber porquê. Punha a mão na testa, afastava com phrenezi os cabellos, e murmurava: «anathema!» como Claudio Frólo. E o pai dava-lhe chás de tilia e de valeriana para o nervoso, e oleo de mamona de quinze em quinze dias para o flato.

Thomazia, medicada com diluentes energicos,

esmaiou-se e desmedrou; mas alindava-se com a pallidez doentia do sangue empobrecido, afilaram-se-lhe os dedos, desceu a cinta dos vestidos quando os quadris abaixaram, tinha um languir, um desfallecer tão senhoril que o pai, ao vel-a morbidamente reclinar-se no escabello, dizia, sorrindo sobre-posse:

—Pareces-me a Ignez de Castro que eu vi representar em Amarante!

Este bom homem, noite alta, folheava a sua livraria copiosa em veterinaria; erguia-se para escutar a respiração da filha, e correr-lhe a vidraça nas noites quentes: porque ella, quando a aurora dealvava a curva do horisonte, estava ainda na janella a ouvir os ultimos gorgeios dos rouxinoes.

Contemplai uma victima dos romances, ó paes e mães de familias!

*
* *
*

Por uma noite de calma, o boticario acordou estrouvinhado com um aspero choque de raspão na face esquerda. Sentou-se espavorido no leito, e viu dois morcegos a esvoaçarem-se contra a vidraça com fortes pancadas, e voltearem pelo ar uns vôos estridentes que faziam oscillar a luz da lamparina. Pareceu-lhe agoiro; mas a reflexão levou-o a meditar no modo como os morcegos se lhe metteram no quarto, estando a janella fechada. Conjecturou que a invasão se fizera pela janella de Thomazia, ou pela porta do quintal, e affligiu-se na supposição de que a pequena adormecera exposta ao relento. Foi de mansinho, envolto no lençol, pelo corredor com um rolo acceso; parou á porta da alcova que estava aberta; ergueu a luz para projectar a claridade sobre a janella, e viu-a fechada. Fez com a mão direita um *abat-jour* a fim de não despertar a fi-

lha com o clarão, e quedou-se para ouvil-a resonar. Nem o leve ciciar das expirações lhe ouvia. Assustou-se; e, rossagando o lençol como os espectros dos *Mysterios de Udolpho*, transpoz o limiar do quarto. A cama estava feita; a dobra do lençol alvejava na colcha escarlate.

—Thomazia!—exclamou o pai, como se ella podesse estar n'aquelle pequeno recinto—Minha filha!

Assalteou-o uma suspeita angustiosa. Desandou, desceu á cosinha precipitadamente, e viu aberta a porta do quintal. N'este lance, assomou á porta do seu quarto a creada, que despertára com o rumor dos passos: mas, vendo o amo vestido tão insufficientemente como o poderia estar o nosso primeiro avô, se fugisse do paraizo depois de inventar o lençol, recuou trespassada de pudor.

—Onde está a menina?!—perguntou o attribulado pai.

—Onde está a menina?!—repetiu a creada com as costas voltadas para o escandalo.

—Sim... onde está?

—Onde hade ella estar? na cama.

—Não está!—bradou elle.

—Vm.^{co} está a sonhar... Faça favor de sahir d'ahi, que eu vou procural-a... Estará no quintal.

N'isto, deu tres horas o relógio da botica.

—No quintal ás tres horas?—observou elle menos alvoroçado.

—Pois então? Era a primeira vez!... Faz favor de sahir d'ahi, sr. Macario? Olha que feitio de homem! Que preparo! Quero sahir.

Foi então que o boticario, reparando em si, viu que estava quasi indecoroso. Voltou acceeleradamente ao seu quarto, e vestiu-se, enquanto a creada chamava Thomazinha do patamal da escada; e, como lhe não respondeu, correu ella o quintal com uma luz, e, vendo aberta uma porta que entestava com a rua, levantou um grande choro, chamando as almas bemditas.

O amo estava já encostado ao beiral do poço, porque não podia mover-se nem fallar desde que

ouviu o chorar da creada. Aquella dor nunca o ameaçara nos seus sobresaltos de pai. Atormen-tara-o o susto de a perder; mas nunca se lhe antolhava a filha deshonrada; morta é que elle a chorara e preferira.

—Eu estou acordado?!—dizia elle entre si. E friccionava com a mão o rebordo do poço, para se affirmar na consciencia da vigilia.

Nas arvores do quintal principiaram a chiar os passaros; ao longe soaram as nove badaladas das Ave-Marias; na rua passavam ranchos de moças que iam para as segadas cantando o S. João com acompanhamento de viola. Que formosa aurora de um dia de julho!

*

*

*

Illustremos o successo. Quando Macario chamou de rijo a filha na alcova vasia, estava ella com Vasco no quintal, e já tres vezes se haviam

despedido, e tres vezes reabraçado. Não me lembram agora uns versos maviosos de Ovidio que elle fez em conjuncção analoga; mas toda a gente que teve namoro em um terceiro andar—altura onde os suspiros exhalados desde a rua chegam em temperatura honesta—sabe quantos *adeus* se repetem, quantos juramentos se renovam, até que a patrulha vem chegando com a Moral e com a baioneta.

Thomazia, quando ouviu bradar o pai, encolheu-se como creança espavorida ao seio de Vasco e soluçou:

—Estou perdida! Não me deixes!

O lance era apertado—não havia tempo a reflectir. Se elle a amava cegamente, o expediente inquestionavel era a fuga; se elle a amava nos limites ordinarios da prudencia, tinha de ser uma de duas coisas—infame ou cavalheiro. Ora elle era da geração dos Marramaques: tinha brios.

—Vem commigo!—disse fidalgamente, e deulhe o braço.

E ella sentia-se feliz e invejavel ao transpor a

solleira da porta como se por alli se evadissemos ao desdouro. Aconchegava-se do braço do amante com estremecimentos de gratidão e vaidade. Na sua doce torvação, nem sequer a imagem do pai lhe azedou com uma lagrima a taça d'aquelle *hachich* das ebrias do amor. Vasco parecia contente do seu feito pundonoroso. A submissão amorosa da sua protegida a uma deshonra incondicional era-lhe agradavel ao orgulho. Como a paixão lhe não empoava já os olhos da alma, podia ver em si um homem extraordinario que, por simples impulso de cavalheirismo, dava em sua casa bizarra homenagem a uma rapariga da baixa condição de umas a quem a sociedade não costuma pedir contas . . .

Parece-me que estou a fazer phrases.

A fallar verdade, se Vasco, em vez de levar Thomazia, lhe fizesse um discurso admoestando-a a conservar-se na casa paterna, e ella transigisse, perdendo ao mesmo tempo a estima do pai, a estima de si propria e o amor do amante, nós os que temos em conta de infames aquel-

les que o mundo chama *finorios*, havíamos de pôr aquelle opprobrio dos Marramaques a tormento n'estas paginas cheias de coleras sagradas, e fustigal-o a elle e aos seus parceiros com os alexandrinos tartarisados do sr. Guerra Junqueiro :

..... Brutos sem b maiusculo,
A consciencia é um ventre e o coração é um musculo!
Cantai, gozai, bebei até romper a aurora !
Atirai o pudor pela janella fóra
Como um charuto mau que se apagou. Canalhas !

*
* *

Macario não abriu a botica n'aquelle dia, nem consentiu que se abrissem as janellas.

—Faço de conta que ella morreu. Está morta. Aconteceu o que eu esperava, mas d'outro modo. Tanto choro eu por ella assim, como choraria se lhe estivessem agora rezando os responsos na igreja.

E, dizendo, as lagrimas rolavam-lhe a quatro pelas faces, e pareciam sulcar-lh'as como se dez annos de vida amargurada se condensassem na tortura de algumas horas.

No fim de tres dias, o pharmaceutico appareceu vestido de lucto carregado. Se alguem proferia palavra a respeito do lucto ou da filha, elle, apertando os beiços com o dedo pollegar e o indicador, fazia um gesto de silencio. E, em seguida, sumindo-se na casa trazeira da botica, ia chorar. Passados oito dias, quem abriu a botica foi um caixeiro que viera de longe.

Macario sahiu de Celorico de Basto, e foi administrar outra pharmacia de uma viuva, d'ali quatro leguas, onde eu estudava latim. Alli o conheci. Teria cincoenta annos. Foi meu mestre de gamão e damas. Durante onze mezes nunca lhe ouvi fallar de Thomazia. No fim do anno, aliviou o lucto; mas, como não podera despil-o da alma, entrou a embriagar-se. E então fallava da filha, fazia-me confidencias, vociferava palavras brutaes e tinha arrebatamentos

de furia em que os olhos lhe offegavam e rompiam das orbitas. Estas crises terminavam, dormindo.

Thomazia devia conjecturar tamanhas dores que a Providencia lhe estava debitando no grande livro que um dia se abre diante do devedor. Que livro esse quando se abre! Parece que as pessoas, as coisas, as forças vivas e as impassibilidades mortas, tudo nos pede contas, tudo tem uma garra invisivel que nos arranca do coração as mais pequenas parcellas!

*

* *

Vasco Pereira Marramaque contava vinte e seis annos, quando a filha de Macario, ao cabo de dezoito mezes de incauta alegria na convivencia do fidalgo, lhe ouviu dizer:

—Esta vida não pode assim continuar. — E proseguiu enchendo o cachimbo. — É preciso ter

alguma utilidade. Não hei de ficar toda a vida mettido em Agilde...

Thomazia escutava-o com dolorosa estranheza, emquanto elle, com ares enfatiados, dizia que o viver das aldeias era estúpido; que envelhecia n'aquelle sequestro de gente com quem fallasse; que cortára as suas relações com as casas de Basto, para que o deixassem só, e que as não queria atar de novo. E concluiu:

—Arranja-se-me occasião de poder ser eleito deputado por Braga, e estou resolvido a fazer todos os esforços para ir á camara.

—Tomára eu ver-te fazer figura! —acudiu Thomazia com este sincero plebeismo; e accrescentou carinhosa:—Eu vou contigo, sim?

—Para Lisboa?... Ora essa! Nem os deputados casados levam as mulheres.

—Isso que tem?—replicou ella amorosamente—Eu não te deixo ir sem mim...

—De mais a mais, não vês que eu, se fór eleito, venho a ir d'aqui a tres mezes? Para esse tempo...

—Ah!—atalhou Thomazia—é verdade... E tu n'essa ocasião não has de estar ao pé de mim... e... do teu filhinho?! Serás capaz de me deixar sosinha...

—Com as tuas criadas...

—Ora!... tomaram as tuas criadas ver-me pelas costas... Tem-me um odio!...

—Imaginações tuas... De mais, eu venho de Lisboa assim que fôr tempo, menina. Está descansada, que eu hei de ser sempre o mesmo para ti...

—Já não és o mesmo, Vasco... Acho-te tanta diferença que... desde que estou contigo, a primeira vez que tenho vontade de chorar... é agora.

E, proferida a ultima palavra, as glandulas lagrimaes golpharam como se obedecessem á pressão de uma mola.

—Porque choras?—interrogou Vasco asperamente—Querias que eu ficasse estagnado n'esta aldeia?! Levas a mal que eu me eleve sobre esses fidalgos lorpas que ensinam bestas e passam as noites a jogar a bisca?

—Quem te diz isso? Vai, vai para Lisboa, que eu ficarei aqui, ou onde tu quizeres.

E engolia as lagrimas, provando o primeiro trago amargo do seu calix de expiação.

Elle ergueu-se sacudindo o residuo do cachimbo, mandou pôr o selim no alazão, e sahiu sem olhar para a sacada onde ella costumava ir dar-lhe o adeus saudoso.

N'este dia pensou Thomazia muito e com tristeza no pai.

Ao anoutecer, Vasco voltou mais agraciado de semblante. Ella cuidou que era o pezar de a ter magoado, remorso que se dilue em caricias quando o coração accusa; confundiu este sentimento, mixto de jubilo e dôr, com o sentimento da compaixão. O que elle sentia era dó — uma piedade preventiva que se condoe da mulher destinada ao abandono, piedade que não torna quando a final sôa a hora do tedio e do desamparo.

O candidato vinha de conversar com os influentes de dois concelhos. Revelou os primeiros en-

thusiasmos de homem publico. Parecia andar-se já ensaiando rhetoricamente. Explicava o que eram regeneradores, fallou do heroe de Almos-ter, desfez nos meritos do sr. Avila e João Elias, sarjou fundamente as carnes dos cabralistas, gesticulando e passeando, com as mãos no coz das calças como José Estevão. Thomazia escutava-o, seguia-o com os olhos fascinados n'aquellas energias desconhecidas. Nunca lhe vira mimicas tão vehementes, tamanhos assomos de colera politica, olhando ás vezes fixamente para um ponto elevado. Thomazia não sabia que elle erguia os olhos para a cadeira da presidencia, e ás vezes para a galeria das senhoras, *in petto*. Era uma vocação que estoirára de subito, imprevista e fatal. Elle mesmo, a só com a sua transformação, espantava-se de ter tido em sua pessoa uma incubação surda e tanto tempo apatica.

Nos dias seguintes, poucas horas passou em caza. Acompanhado dos homens notaveis de Basto, foi conferenciar com as authoridades a Braga. Oppozeram-se-lhe grandes obstaculos—*attritos*,

diziam os politicos no seu calão.—Vasco, beliscado no orgulho, jurou ser eleito á sua custa, comprando a consciencia aos eleitores. N'aquelle tempo uma consciencia de eleitor rural regulava entre dois pintos e quartinho, com jantar de cabrito guizado e vinho á descripção.

O abbade de Pedraça disse-lhe que seguisse o conselho de Luiz de Camões se queria vencer o candidato realista, seu competidor; que o seguisse á lettra, principalmente no artigo «regedores». E, como Vasco se risse do anachronismo de Camões com regedores no seculo XVII, o abbade tirou da estante os «Luziadas», e no canto VIII, estancia LII, apontou-lhe os dois versos finaes, que resam assim:

Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.

—Adquira-me os regedores com peitas—acrescentou o abbade de Pedraça, tocando-lhe com a lombada do poema no hombro.—Estes versos são de profetica e perpetua serventia em

Portugal. Tão preparados estamos hoje para o systema representativo como em tempo de Camões. Que anda V. excellencia ahi a desbaratar perolas de eloquencia por esses lameiros? Querer metter idéas sociaes na cabeça d'estes lavradores, é querer furar o badalo d'aquelle sino com uma verruma (e apontava para a torre). Isto aqui são varas de porcos que se movem para onde os puxa o instincto da bolota. Bolota, sr. Vasco, bolota, e nada de palavras! Pois v. excellencia persuade-se que pode haver um deputado escolhido pela intelligencia de eleitores que não tem um mestre-escola? Nós os minhotos d'esta corda de Basto démos fé de que não reinava D. Miguel quando os frades despiram os habitos e os capitães mores as fardas; porém, quando por aqui se alastraram os executores da fazenda, dissemos aos realistas que accendessem as luminarias, porque

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá, meu querido filho,
Não queiras constituição.

E cantarolava o folgasão abbade de Pedraça, batendo o compasso na capa dos «Luziadas».

*

*

*

Vasco Pereira Marramaque sahiu eleito... por novecentos mil réis, trinta e nove cabritos, e 2 1/2 pipas de vinho verde—vinho que devia ser um exagerado castigo d'aquellas consciencias corrompidas dos cidadãos. Graças a Camões e ao abbade de Pedraça, o fidalgo de Agilde foi proclamado contra os protestos de duas mezas eleitoraes que estavam vendidas ao competidor.

Thomazia chorou em segredo para não aguar o contentamento do representante do povo. Redobrou de affagos a Vasco, pedindo-lhe, em nome do filhinho, que a não esquecesse. Sentia-se descahida e desnecessaria na vida d'elle; fiava-se, ainda assim, nos maviosos enleios da porvindoura

criança. O egoismo não lhe dava lanço de recordar-se com angustia da causa que a fazia esperar tanto do amor paternal: devia ser o grande amor que seu pai lhe tivera, o insano mimo com que elle a creára, acalentando-a nos braços, desde os quatro annos em que ficára orphã de mãe. Era cedo. As disciplinas do remorso principiam a macerar quando a alma não tem evasiva por onde lhes fuja, nem alegria que lhes verta balsamo nos vergões.

Sahiu Vasco Pereira para côrtes, estadeando um apparatus condigno dos seus appellidos. Como não ia bem seguro na transcendencia dos seus discursos, e na distincção exequível por esse meio, fez-se preceder de cavallos e laçao, escudeiro e jockey preto. Conhecia o Chiado, e tinha sondado a indole de Lisboa. Conjecturou que dois cavallos o levariam mais depressa aos sonoros atrios dos palacios do que dois discursos a respeito das estradas concelhias de Gondiaes e Painzella, para os quaes levava apontamentos em que tencionava incravar Aristides, e

citar, a proposito de estradas decretadas pelos Cabraes e Elias, o *Timeo Danaos et dona ferentes*. E, dizendo isto, tinha dito todo o latim que se sabia nas duas camaras e no jornalismo, exceptuada a «Revolução de Setembro» onde o sr. Antonio Rodrigues Sampaio motivava latinamente invejas apopleticas ao sr. conselheiro Viale.

Os fastos parlamentares d'este deputado provincial não nos são mais conhecidos que os discursos de Hermágoras, rhetorico de Temnos. Ao entrar na sala de S. Bento, cada cabeça frisada dos seus collegas foi para elle uma cabeça de Meduza: petreficaram-o. Conhecia-se interiormente gravido de patriotismo, cachoavam-lhe as idéas no cerebro; mas sentia-se sem grammatica. Chegou, no delirio da sua allucinação a imaginar que no parlamento era necessario saber a lingua portugueza! Ouvia discursar alguns collegas, e não se convenceu que elles estavam alli authorisados pelo poema do abba-de Casti. Em caza repetia os dois sabidos discursos sobre estradas com emphase e modulações

um pouco demosthenicas e talvez imitadas do sr. Arrobas; porém, aberto o ensejo de pedir a palavra, não sabia por onde começar este peditório. Dir-se-hia que o presidente era Perseu que lhe mostrava no fundo do seu chapéu a cabeça da Gorgona; ou, para melhor o compararmos a sabor christão, o presidente impunha-lhe silencio como o conhecido frade do Bussaco que perfila o dedo na ponta do nariz.

Desistiu de fallar, reservando-se para as occasiões imperiosas em que a patria necessitasse das explosões dos seus Brutos:—alludia áquelle Bruto I que estivera calado até ao momento em que Lucrecia foi violada; e mais, o deputado por Braga estava já tão apestado dos miasmas do café Marrare, que não acreditava em Lucrecias.

Verdadeiramente corrompido, — diga-se isto com a breve energia de Tacito nos formidaveis lanços da historia—Vasco Pereira de Marramaque estava irremediavelmente corrompido pela convivencia de uns *leões* que sacudiam as crinas

ungidas das lagrimas das mulheres, nos seus divans do Hotel de Italia. O conde da Taipa, seu primo por Marramaques, Manuel Browne, José Vaz de Carvalho, D. Francisco Bellas, José Estevão, e outros que ainda vivem expiando o passado, eram seus intimos. Tambem era dos seus Almeida Garrett, que dourava o bordo do calix por onde se bebiam aquelles venenos diluidos nas palestras de uns homens que se vingavam do tedio dos prazeres, desfolhando com sarcastica e gentilissima *nonchalance*—era o termo—as flores em cujas petalas havia lagrimas. O poeta das *Folhas cahidas* relia e commentava ali os seus madrigaes com umas facecias juvenis tão congeniaes da sua alma sempre creança, que os mais novos do grupo lhe invejavam as reflorescencias do estylo e as mulheres que elle perpetuou até nós de parçaria com os fluidos transmutativos.

Pasmado das proezas d'estes homens, olhou para si, e achou-se miseravel nos seus amores sertanejos a uma obscura filha de boticario. Não

tinha façanha que contar quando lhe pediam casos da sua vida; via-se forçado a invental-os para não ser ridiculo, nem dar suspeitas que passára do seminario de D. fr. Caetano Brandão para o parlamento. Relatava então raptos e adulterios, pondo os maridos nas scenas grutescas das tragedias, e caricaturando as desgraças para não desafinar do tom dos seus amigos. Era um tartufo de patifarias—o que ahi ha de mais covarde e perverso no canalhismo das salas.

Entretanto, dava-se pressa em adquirir a certeza pratica de que tinha direitos a contar aventuras menos phantasticas. Ser-lhe-hia mais custoso ser honesto, se ensaiasse a fabula de Daniel na caverna dos leões, ali em Lisboa, onde mais tarde se perdeu outro deputado de melhor casta—aquelle Calisto Eloy de Sylos Benevides de Barbuda que eu chorei na *Queda de um anjo*.

Em breve prazo hombreou com os mestres. Não direi, todavia, que Vasco baldeasse pelas trapeiras a deshonna ao seio das familias. Es-

tavam já cheias d'isso. Elle, no seio d'essas gentes, entrava imperceptivel como um regato no bojo do mar-morto que esconde as reliquias de Sodoma. Algumas, com tal hospede ainda não carmeado inteiramente da lan minhôta, julgarse-hiam em via de regeneração. Vasco, na sua panoplia amorosa, tinha coroas de baronezas e condessas; mas Cunha Soutto-Mayor dizia-lhe que os taes tropheus pareciam arrançados na feira da ladra, ou roubados ao gabinete archeologico do abbade de Castro, Deus lhe perdôe.

*

* *

Nem tanto.

O deputado escondia ao exame dos seus amigos uma luva branca de 5 pontos e a medalha de um retrato. Sagrava estes dois objectos um amor incontaminado, uma paixão que se urdida com duas fibras puras do coração de Vasco. A menina amada era illustre, formosa, enviolada na sua reputação e pobre. Seu pae era conde, representante de condes que já o eram no reinado de D. Manuel. Seus irmãos eram dous fadistas, as melhores duas navalhas da travessa dos Fieis de Deus e arredores. Velaram as armas no sotão da Severa e remedavam o conde de Vimioso nas características farçolices do alto *banzé*. Mordia-os uma aspiração ardente: queriam ser bolieiros. Aquelle grande batedor *José*.

Mulato, em domingo de tourada, jantava com elles no *Penim* ou no *Colete-encarnado*; abraçavam-no, beijavam-no, estudavam-lhe os tregeitos na bebedeira, e atemperavam-se tanto ás suas gingaões que ainda no estado normal pareciam ebrios.

O conde resvalava vagarosamente á sepultura, carregado com a ignominia dos dous filhos. Amparava-lhe a cabeça branca uma filha. Era esta a mulher que Vasco Pereira vira em uma sexta feira de Paixão na capella de seu parente o conde de Redondo. Aquella capella, n'aquelle tempo e na semana santa, era o confluyente das familias de mais alta estirpe, que não reconheciam a soberania de D. Maria II. Vasco Pereira Marramaque, o representante dos castellões e ricos-homens de Lanhoso, tinha ali parentes; e em contacto com elles sentia-se abalado pelas reacções da raça e entorpecido por um magnetismo miguelista.

Sobejavam-lhe predicados agraciaveis, alem da prosapia e fama de rico. Vestia com primoroso bom-tom. Era perfeito homem na corpora-

tura, e naturalmente esbelto nas atitudes. Trigueiro-pallido, bigode farto e negro, a cara sentimental dos romances. O sorriso sincero, sem os vincos labiaes com que alguns artifices de chalaças se narcisavam ao espelho para se inculcarem medonhos frécheiros de sarcasmos. Era, em fim, a flor do Minho, e o querido de sua prima em gráo desconhecido, D. Leonor de Mascarenhas, filha do conde de Cabril.

O ideal, que o preocupava antes de se materialisar nas lides eleitoraes e na semsaboria das intimidades monotonas com Thomazia, reapareceu-lhe na angelica belleza de Leonor, na sanctidade do seu viver, na piedade filial com que lenimentava as acerbas dores do conde. Respeitou-a e adorou-a, como se a visse na candura dos dezoito annos, quando lia *O Menino na selva*. Retrahia-se acanhado, se lhe cumpria ser um agradavel conversador. Parecia ter perdido no commercio de amoríos despejados a moeda do fino ouro—a phraze san, simples e affectiva de que as almas singelas se contentam.

Leonor sabia que era amada; e o conde, fiado na probidade da filha, consentia que o rico e illustre Vasco Pereira a cortejasse, tirando a partido que o casamento se fizesse sem precedencias de cartas, *rendez-vous*, e outras frivolidades que deterioram a gravidade de tal acto. Systema antigo e bom. O conde havia assim casado. Não constava que na sua familia, muito mais antiga que a instrucção primaria, desde o seu trigesimo avô Leovegildo, rei wisigodo na Lusitania, alguém se matrimoniasse por cartas.

N'esta conjunctura recebeu Vasco a noticia de que era pai de um menino. Escrevêra o feitor a carta que Thomazia ditara e em um *P. S.* accrescentara por seu punho: *Ha treze dias que não me escreves!!! Não te esqueças do teu filhinho.*

O pai do menino achou exaggerados os trez pontos de admiração, e não pôde soffrear a zanga que lhe fazia aquella especie de violencia.—Com que direito se admirava a filha do boticario? Cui-

daria ella que era a balisa do destino de um Maramaque? Talvez se persuadissemos que o filho era o remate da sua felicidade! Imaginava certamente que elle, o esperançado noivo de uma Mascarenhas, ia logo, a jornadas forçadas, para caza, doido das alegrias de progenitor, acocorar-se ao pé do berço, e babar-se de risos paternalmente palermas!

Elle pensava isto pouco mais ou menos; mas não respondeu assim.

Dizia que ficára muito jubiloso com a noticia; recommendava á mãe que se acautellasse do frio por que a estação ia muito agreste; mandava que arranjassem ama e mandassem crear fóra o menino, que o baptisasse em nome d'ella e lhe pozesse o nome que lhe agradasse; ordenava finalmente ao feitor e á mulher que fossem padrinhos. Era uma carta em que não resumbrava sentimento amoroso de pai nem de amante, salvo a recommendação de que tivesse cuidado com as constipações.

Thomazia leu a carta por entre lagrimas, e

disse de si comsigo: «Está tudo acabado.» E, descobrindo o rosto da creança que aquecia sobre os seios, soluçou: «Que será de nós?»

Respondendo a Vasco, dizia que o menino seria baptisado sem nome de pai, e com os padrinhos indicados; quanto, porém, a mandal-o crear, declarava que a ama de seu filho havia de ser ella; mas, se Vasco instasse pela criação fóra, em tal caso teria ella de sahir com o filho. E accrescentava com uma serenidade que a dôr atabafada equalava a um raro heroismo no infortunio: *Recebo a tua carta na mesma hora em que recebi a noticia da morte de meu pai.*

*

*

*

A noticia enviara-lh'a o praticante e administrador da botica, perguntando se devia continuar a dirigir a pharmacia da qual ella era a herdeira

ra. E mandava-lhe inclusa uma recente carta de Macario Affonso em que approvava as contas do caixeiro, agradecendo-lhe, e louvando-o pela probidade com que fiscalisára a sua casa. Dizia mais que tinha tido ameaças de apoplexia, a que o cirurgião chamava febre cerebral; e concluia: «Se eu morrer de repente, o meu testamento está feito. A minha herdeira é essa filha que me matou. É herdeira de sua mãe, porque essa casa e tudo que está n'ella era da minha defuncta mulher. Tudo lhe deixo; mas não posso perdoar-lhe a ingratiidão com que me desamparou.»

As angustias mais cerradas deixam sempre clareira alumiada por uma réstea de esperança. A alma oppressa é engenhosa em achar fenda por onde se desafogue. Assim Thomazia, entre a carta de Vasco e a do pai, entre a desesperação de amante e o remorso de filha, amparava-se á certesa de ter uma agencia bastante á sua independencia.

O fidalgo não desgostou da expressão sêcca

e activa da resposta de Thomazia. Como receava lamurias e queixumes que complicassem o inevitavel desenlace, foi-lhe agradavel suppôr que ella transigiria com a separação sem violencia nem escandalo. Por outra parte, a sua vaidade sentiu-se da sobranceria de Thomazia, da hombridade com que ella o tratava como de equal para equal, com a facil transigencia da mulher enfasiada. Como quer que fosse, Vasco, sacrificando o seu amor proprio, antes queria ser aborrecido que importunado pelas lastimas.

Mas as lastimas appareceram na carta do correio immediato. Quebrantado o orgulho ferido, e applacado o despeito, affluiram as lagrimas ternas e supplicantes. Thomazia, com o filho no regaço, e ainda no leito, escreveu com eloquente paixão as suas saudades, as lembranças do que Vasco lhe dissera e lhe promettera n'aquellas noites em que ella, corajosa como a culpa sem pudor, descia ao quintal a recebê-lo nos braços, e a lançar-lhe aos pés a sua honra, e a honra e vida de seu pae. Implorava-lhe que não engei-

tasse o seu filho, que o baptizasse em seu nome, que o fosse vêr, se queria ficar preso ás azas d'aquelle pequenino anjo.

A dôr era sincera n'esta carta; mas a leitura de novellas fornecera-lhe bastantes phrases, não menos conhecidas do deputado.

Isto inquietou-o. Havia já pedido a mão de sua prima Leonor. Devia recebel-a passados dois mezes. Preoccupavam-no os presentes de noivado. Precisava ir a casa buscar as joias de sua mãe para engastar os diamantes em adereços de feitiços modernos. Queria vender a um brasileiro uma quinta em Lanhoso, e a outro brasileiro os seus foros de Felgueiras. Carecia de arredondar uma duzia de contos para estabelecer-se na côrte com cocheira e salão, com parelhas e amigos. Calculava, feitas as vendas, oito contos de renda, afóra umas presumptivas successões em vinculos e prazos. O futuro sorria-lhe como a todos os namorados e noivos com oito contos de renda; mas Thomazia era-lhe um estorvo irritante. Enquanto ella estivesse em Agilde, Vasco, se

ali fosse, expunha-se a grandes semsaborias.

N'esta urgencia, acudiu-lhe ao pensamento o seu velho amigo e mestre de logica, o já conhecido abbade de Pedraça.

Sentou-se e escreveu compridamente.

*

* * *

Thomazia não recebera resposta á carta das lagrimas humildes. Sentia-se outra vez em reacção de orgulho. Punha todo o seu coração nos labios que beijavam a creança, e pensava, outra vez, no contentamento de ter uma casa sua com uma pharmacia acreditada. Pesava já sobre ella esta atmospherica crassa e brusca do positivismo moderno. Gostava de ter de seu. Não lhe metiam medo os senhorios, nem a carestia dos comestiveis, nem o desprezo sovina de parentes. Tinha seguro o pão de seu filho. Começava a odiar

o pae d'essa creança tão linda; mas de subito marejavam-lhe as lagrimas, lembrando-se do prazer que sentiria Vasco se sentisse nas mãos o seu filhinho . . .

Em um d'estes lances, annunciou-se o abbade de Pedraça, que queria fallar á sr.^a Thomazinha.

Ella estremeceu. Aquelle padre nunca lhe fallára, nem a complimentára, tendo-a encontrado de passagem quando procurava o fidalgo. Era um clerigo severo, egresso da ordem de S. Bento, liberal, mas de costumes austeros, e talvez acintamente exaggerados para demonstrar que liberdade não é licença, e que sómente o clero estúpido é desculpavel de ser devasso.

Foi a tremula Thomazia á sala, onde o abbade passeava com estrondosos passos e rijas pontoadas da bengala no taboado.

—Viva, sr.^a Thomazia—disse elle quando a viu erguer o reposteiro de baeta escarlate com armas.

—Sr. abbade . . .—murmurou ella—passou bem?

—Graças a Deus, bem; e como está a menina?

—Muito agradecida . . .

—Com licença—e sentou-se.—Faz favor de sentar-se que temos que conversar. Por aqui não está nenhuma curiosa que nos escute? Veja lá...

—Esteja v. s.^a descansado que não está ninguém—e foi fechar a porta por onde entrara, recommendando para dentro que a chamassem, se o menino chorasse.

Esta recommendação sem reбуço escandalisou algum tanto o padre, severisando-lhe o aspecto.

—Ora, senhora—disse elle—já que fallou no menino, comecemos por ahi. O sr. Vasco Pereira não póde reconhecê-lo no acto do baptismo, isto é, não quer, porque, reconhecendo-o, prepara complicações e difficuldades aos filhos legitimos, se os tiver. E é natural que os tenha, por que o sr. Vasco é rapaz, é rico, é fidalgo, e, mais hoje mais amanhã, casa.

Rozou-se ligeiramente o rosto de Thomazia, e sentiu uma forte e subita oppressão no respirar.

O abbade, que por falta de vista não dera tino da commoção, agourou favoravelmente da apathia de Thomazia, e proseguiu:

—Devo ser franco, senhora; com meias palavras não fazemos nada: o sr. Vasco vai casar com uma sua prima, filha do sr. conde de Cabril.

Thomazia ergueu-se soberanamente, admiravelmente, e disse:

—Não tem mais nada que me dizer? Dê-me licença, e queira esperar um pouco, em quanto eu vou buscar as chaves das gavetas do sr. Vasco para lh'as entregar.

—A mim?

—Pois a quem? Eu vou sahir d'esta caza com o meu filho. O sr. abbade vem despedir-me, e portanto ha de ser testemunha de que eu saio d'esta casa como entrei. . .

—Eu não venho despedil-a, senhora!—volveu elle sentindo-se apoucado diante d'aquelle gentil e arrogante desprendimento—Faz favor de me ouvir. Sente-se. . .

Thomazia sentou-se, com os olhos entumecidos de borbotões de lagrimas, reprezadas pela força da vontade.

—O sr. Vasco Pereira—continuou, pausando as palavras que proferia e accentuava com inflexões mais respeitosas—quer que a senhora e seu filho tenham o necessario, e até mesmo o superfluo á sua subsistencia. . .

—Isso temos nós, sr. abbade—interrompeu ella—Tenho a minha casa e a minha botica.

—Não obstante, o sr. Vasco Pereira quer fazer á sr.^a Thomazinha doação do casal de Paços, que anda arrendado por dez carros de milho. . .

Levantou-se ella de golpe outra vez, e exclamou atropelladamente :

—Não dou direito a v. s.^a nem ao sr. Vasco a offenderem-me. Eu não me aluguei nem me vendi a esse senhor. Tambem não entrei n'esta casa como creada, e por isso não quero ordenado. Já lhe disse que tenho com que viver sem esmolas ; e, se precisasse d'ellas, não as pediria ao sr. Vasco. Emfim, eu vou sahir immediata-

mente d'aqui. Se v. s.^a quer tomar conta dos objectos de valor que ahi estão, receba as chaves; se não quer, vou entregar tudo com testemunhas ao feitor.

—A senhora destempera!—redarguiu o abbade—Ora venha cá, menina! Que necessidade temos nós de levantar ahi por essas aldeias uma poeira escandalosa que vai dar pasto aos dentes da calumnia? Lembre-se que tem um filho, e que esse menino pode ser que ainda venha a ser considerado por seu pai. Não regeite a doação, porque o casal de Paços é um bonito patrimonio para o seu filho, se o quizer ordenar; e, quer ordene quer não, é uma legitima que o habilita a casar-se vantajosamente. . . . Pense, sr.^a Thomazia, pense. . . .

—Tenho pensado, sr. abbade. . . . Tenho pensado. . . . Vou sahir. . . . Que sou eu aqui? . . . O' meu Deus! Quem me diria ha dois annos! . . . Como eu vivi enganada. . . . Que ingratidão. . . .

Estas palavras balbuciadas entre soluços romperam a repreza das lagrimas. Tomou-se de uma

grande convulsão, arquejando, debatendo-se como em ancias de estrangulada. Rasgava o decote do vestido, expedia gritos hystericos, e resvalava da cadeira ao pavimento quando o abbade a tomou nos braços, desmaiada, algida, e a recostou no espaldar de uma poltrona. Acudiu aos brados uma criada com a creança no colo. Thomazia cravara os olhos pavidos no filho; mas parecia fital-o com o iris immovel como na amaurose. A creada chegava-lhe a creança ao rosto, e com alto choro perguntava se a senhora tinha morrido.

O abbade, que só conhecia os ataques levemente nervosos de algumas confessadas, estava assustado, confuso e compadecido.

—Mal hajam os vicios, mal hajam as paixões!—murmurava o egresso, tomando-lhe o pulso, com o receio de ter sido o portador da morte áquella pobre mulher que deixava orfanado um filho de quinze dias.

A mulher do feitor, que havia sido creada da fidalga, mãe de Vasco, senhora hystérica, disse

que conhecia aquella doença que atacava a sua ama, quando se affligia com o fidalgo por causa das fêmeas. (Em Basto—permittam o parenthesis—as mulheres que motivam desmaios nas damas casadas chamam-se *femeas*. Parece que a intenção é aviltal-as á baixa condição das especies em que ha machos.)

—Vamos leval-a para a cama—disse ella—é preciso desapertal-a e pôr-lhe a cabeça bem alta. Janellas todas abertas, e vinagre na testa com agua fria, e sinapismos bem fortes nos pés. Ajude-me a leval-a, sr.^a Rosa.

—E o menino?—disse a criada.

—Dê cá o menino—acudiu o abbade.

—V. S.^a não o deixe cahir—recommendou Rosa.

—Vossê é tola, mulher! eu deixo lá cahir este passarico!

E, pegando d'elle, sem geito nenhum, sentou-se, em quanto as duas mulheres conduziam a desfallecida.

—Que é do meu pequerrucho?—dizia o ab-

bade com a creança de barriguinha ao ar nas palmas das mãos. O pequeno chorava franzindo a testa em refegos escarlates.—Que queres tu, meu chorincas? Parece que tens mau genio! *Psiiu, psiiu!* Cala-te. Quem tem um néné?—E cantava-lhe um improviso, que o pequenito parecia patear rabeando com pés e mãos.—Ora esta! a minha missão acabou por ficar eu ama secca do creanço do sr. Vasco! *Psiiu*, olha, engrimanço, pataratinha! *Oh-oh-oh*.—E acalentava-o, embalando-o nas mãos de cima para baixo, como quem padeja uma broa.

A creada veio buscar^o o pequeno, e disse alegremente que a senhora já fallava e perguntára logo pelo filho.

—Pois leve-lh'o, que já não é sem tempo. Apre! estou a suar! E, ouviu? diga-lhe que eu quero ser o padrinho d'elle; e que brevemente cá volto.

*

* *

O abbade informou o fidalgo dos successos occorridos; e, depois, accrescentava que no mesmo dia, ao anoitecer, recebera um molho de pequenas chaves de gavetas que Thomazia lhe remettera, offerecendo-lhe a humilde casa onde nascera, e agradecendo-lhe o favor de lhe baptisar o filho.

«Meu amigo—ajuntava o padre—V. ex.^a não conhecia com certeza os elevados espiritos d'esta mulher. Este caso prova que as acções excellentes não são privilegio das castas fidalgas. Vi que ella tinha alma de mulher porque chorou; porém, quando esmagava o coração debaixo dos pés da sua dignidade, era sublime! E porque o era, sr. Vasco, ousou dizer-lhe que v. ex.^a foi cruel com esta mulher, e lá pela vida fóra, se não encontrar outra semelhante, ha de

«recordar-se d'esta com pezar. Com que des-
«plante os homens atiram aos abysmos da irre-
«paravel desgraça umas creaturas que levam
«comsigo os escondidos thesouros de felicidade
«que lhes regeitaram! Quantos bens da vida in-
«tima v. ex.^a gosaria ligado honestamente a esta
«mulher e a esta criancinha! Veja que nobre co-
«ração! O que ella queria era que não a julgas-
«sem mulher vendida. O casal de Paços, que
«v. ex.^a lhe doava, pareceu-lhe uma injuria so-
«bre a ingratidão. O sr. Vasco, ou se enganou
«com ella, ou me quiz enganar a mim. Devia
«dizer me que esta mulher do povo tem brios
«que não são communs: dissesse-m'o, se o sa-
«bia, para eu me esquivar a mensagem tão
«alheia dos meus deveres de padre, e até de
«amigo que fui, e desejo continuar a ser, de v.
«ex.^a Mas, olhe, senhor meu, se o mundo lhe
«não condemna esta ruim acção, condemno-lh'a
«eu, que sou da religião de Jesus, que sanctifi-
«cou Magdalena. Escute o que lhe diz o ecco da
«divina justiça que nos repercute na conscien-

«cia. O que eu lhe assevero é que a justiça está da parte d'esta infeliz mãe; e os que fazem iniquidades não são decerto os bem aventurados...»

Proseguia n'este estylo, algum tanto de sermonario, e concluia dizendo que ia ser padrinho do menino »porque o tivera cinco minutos nas mãos; e lhe parecia que, se a mãe lh'o desse, o levaria comsigo, aquecendo-o entre o seio e a batina, debaixo da qual só é permittido sentir pulsar no coração a piedade que Jesus Christo sentira pelas creancinhas.»

*

*

*

Esta carta não commoveu profundamente Vasco Pereira Estranhou que o abbade de Pedraça, nascido em uma das mais nobres casas do Minho, filho de capitão-mór, e neto de um chanceller, alvitrasse o casamento de um Marrama-

que com a filha do pharmaceutico Macario! Os topicos religiosos da epistola pareceram-lhe jesuiticos, e incompativeis com o espirito liberal do egresso, que fôra o primeiro a abandonar o mosteiro de Tibães. Aborreceu-lhe a hypocrisia caturra do seu velho mestre de philosophia moral, que em assumptos de metaphysica citava, sorrindo, uma phrase de Protagoras: «A respeito de deuses, não sei se elles existem nem se não existem.»

Quanto a Thomazia, sinto dizer, em deshonra do meu sexo, que o noivo de D. Leonor de Mascarenhas viu em tudo aquillo que maravillára o padre uma simples reminiscencia de certa «Augusta» — personagem de um mau romance que então se lia, chamado *Onde está a felicidade*; e até lhe quiz parecer que o abbade de Pedraça se metterá nas romanescas veleidades de imitar o outro personagem piegas que lá se chama *o poeta*. Com esta interpretação das agonias de Thomazia e das austeridades equivocadas do egresso, Vasco Pereira ficou satisfeito.

Escreveu entretanto ao abbade agradecendo-lhe os conselhos, e admirando-lhe o sentimentalismo—isto com uns periodos facetamente arredondados, e umas agudezas de espirito-forte que deram em resultado passar a carta feita pedaços das mãos do padre ás azas do vento. Mas, como o fidalgo dizia vir na proxima semana a Basto, e ir por Pedraça receber as chaves, deu-se pressa o abbade em avisal-o que procurasse as chaves em casa do seu reitor. Ás graçolas não redarguiu. O egresso, como era de nobilissima linhagem, olhava sem preconceito para fidalgos, e no de Agilde não achava resalva que o estremasse do commum dos homens indignos da sua estima.

Do que elle curou foi de baptisar o filho de Thomazia. Deu-lhe o seu nome, o sobrenome de seu avô boticario e o appellido de sua avó materna. Chamou-se o menino—Alvaro Affonso da Granja.

A mãe assistiu á cerimonia, por instancias do compadre, que a levou a casa em companhia de sua irmã, madrinha do menino. Dizia esta senhora que em quanto se não demonstrasse que

as mulheres seduziam os homens, havia de ser indulgente com as seduzidas. Tinha amado, tinha chorado e encanecido aos vinte e cinco annos. Captivou-se tanto da resignada paixão de Thomazia que a visitava a miudo, e a levava comsigo para Pedraça.

*
* *
*

O noivo queria as joias da mãe, queria vender a quinta de Lanhoso e os foros de Felgueiras. Era forçoso ir.

Entrou por uma noite feia em Agilde. Recebeu do reitor as chaves das commodas e dos contadores. Encontrou o feitor no patamal da larga escadaria com uma lanterna de luz mortiça: parecia um vulto de granito a alumiar a porta de um jazigo enorme. Quando entrou na sala de espera sentiu-se incommodamente impressionado. Por aquella vasta quadra zuniam nos forros as correntes da ventania.

—Accendam velas!—exclamou elle com desabrimento—Que é das creadas?

—Minha mulher está doente. . .

—E as outras?

—Quando a senhora se foi embora, ellas foram tambem—respondeu o feitor.

—Quem me ha de servir?

—Se v. ex.^a mandasse dizer que vinha, eu teria arranjado creadas; mas só já de noite o sr. vigario me mandou avisar. Amanhã se arranjará tudo.

Passando de sala em sala chegou á saleta do seu quarto de dormir. Á entrada, tropeçou em um movel.

—Que é isto? alumie, Antonio!

Era um berço de mogno, suspenso em columnatas com docel e cortina de *mousseline*. Este berço enviara-o elle de Lisboa, logo que ali chegára, promettendo ser o primeiro que embalasse o seu filho. Deteve-se dois segundos a olhar para o berço. Recordava-se; mas não saberia dizer o que recordava; talvez estivesse escutando o sibilar do vento que parecia um concerto de gemidos.

Entrou no quarto, accendeu as velas dos cas-

tiças e fechou a porta. Atirou-se para uma das camas. Sobre uma banquetta proxima do leito, em que se reclinára, estava papel, tinteiro e duas cartas abertas; uma, era a ultima que elle escrevera a Thomazia; e a outra carta inclusa nas duas paginas era a primeira que Vasco lhe escrevera, jurando-lhe por alma de sua mãe ser ella o primeiro, o infinito amor da sua vida. Esteve alguns minutos como absorvido na contemplação da luz da vela, com as duas cartas entre os dedos. Parecia contrariado. Ergueu-se, fez um gesto de repugnancia, sacudindo com a mão o que quer que era que lhe fazia pressão na testa. Abriu as gavetas de um contador preto com labores metalicos. Tirou um cofre de joias, cuja tampa de prata dourada tinha brazão esculpido. No concavo dos relevos do escudo estavam dois anneis de diamantes miudos, que elle dera a Thomazia. Examinou-os um momento, abriu o cofre e juntou-os ás outras joias, que não examinou. Relançou os olhos em redor. Pendentes de cabidos de pau estavam dois vestidos de Thomazia. A sua guarda-roupa era modestissima.

Como não pozera pé fóra d'aquella caza desde que entrára até que saíra para sempre, recuzara-se a acceitar atavios inúteis. Levára comsigo os vestidos que o ajudante da botica lhe remettersa, quando o pai se retirou.

Perguntam-me se Vasco Pereira Marramaque já enxugou tres, ou ao menos duas lagrimas?

Quando chamou o escudeiro e lhe perguntou se estava prompta a ceia, tinha os olhos enxutos; mas isto nada prova contra as suas qualidades sensitivas. O querer cear tambem não demonstra insensibilidade nem mingua de afflicção. D. Fernando, duque de Bragança, quando passou do oratorio para o cadafalso, pediu figos e vinho. Comer é uma brutalidade physiologica independente da alma. Deixar-se morrer de fome para extinguir os elementos da dôr moral é hoje impossivel. Só se morre de fome nas condições de Ugolino. A mythologia tem muitos casos como o do marido de Andromeda; na historia da Roma Imperial ha muitos como o de Diocleciano e de Julia, mãe de Caracalla, e na historia lendaria alguns como Gabriella de Vergy. Ora

Vasco era nosso contemporaneo. Ceou, dormiu, e, ao outro dia, mandou avisar os brasileiros, com quem tratou os seus negocios, e, realisadas as vendas, foi para a côrte.

*

* *

Nos salões do conde de Cabril pezava desde 1833 o lucto silencioso de uma sociedade extincta. Os estofos de damasco haviam desbotado debaixo das lonas aprezilhadas de laços escarlates; o oiro dos tremós-João V tinha a côr esmaiada dos velhos altares. O conde fugia d'aquellas salas onde se lhe representavam á pugentissima saudade os phantasmas de tantas mulheres formosas que instantaneamente se sumiram na obscuridade e envelheceram na pobreza; de tantos homens illustres que, n'um lance de desfortuna politica, resvalaram da altura de sete seculos. D. Leonor lembrava-se de ver ali, na cadeira de um throno movel, D. Miguel, e de brincar entre os braços das serenissimas infantas que a beijavam. Os filhos do velho cama-

rista de D. Carlota Joaquina, mais edosos que a irmã, memoravam a ida de D. Miguel á sua cavallariça, e estar encostado ao hombro do conde a ver marcar a ferro na anca um cavallo de Altér; lembravam-se tambem de o ver jogar a barra com uma alavanca em Salvaterra, segurar um touro pela cauda, etc., e cheios de saudade do seu rei, exclamavam: «Era um grande pandigo!» Contavam então as brincadeiras predilectas d'aquelle senhor, e lá vinha o caso de sua alteza real em pequenino furar a barriga das galinhas com um saca-rolhas, facto restabelecido e auctorizado pelo sr. dr. bispo Antonio Ayres de Gouveia, no seu livro da *Reforma das prisões*.

D'estes casos e tempos felizes parecia estarem-se carpindo na vasta *sala*, euphonicamente chamada *d'armas*, os lugentes retratos, todos authenticos como o de Leovigildo, primeiro rei wisigodo na Lusitania. Fitavam os seus olhos pavidos nos guadalmecins esflorados e puidos, onde a espaços se viam os heroes do assedio de Troia, Priamo e Achilles, e os mais, com os olhos furados e as bocas rasgadas até ás orelhas — re-

creações infantis dos meninos do conde, quando se exercitavam no jogo da navalha.

Eis que, um dia, abertas de par em par todas as janellas e portas do vasto palacio, o sol, o ar, a alegria, as decorações modernas entraram n'aquellas salas, com grande faina de estuadores, de estofadores e de marceneiros.

Dir-se-hia que tinha chegado á Ajuda o sr. D. Miguel I, e que o conde de Cabril levantára do cofre da fazenda—que os liberaes deixaram cheio, como era de esperar—os primeiros cem contos por indemnisações, authorisando-se com os illustres exemplos de seus primos Terceira e Saldanha.

A causa d'essa transformação não pertencia ao numero das calamidades sociaes. Tudo aquillo era obra do amor conjugal e de doze contos de réis.

Vasco Pereira Marramaque estava em Cintra com sua esposa, com seu sogro, e com seus cunhados, em quanto se preparava o palacio de Andaluz para os bailes de inverno.

Fim da primeira parte.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

PUBLICAÇÃO MENSAL

VI

O FILHO NATURAL

SEGUNDA PARTE

LISBOA

LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.^a

68-Praça de D. Pedro-68

1876

A propriedade d'esta obra pertence a Henrique
d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

O FILHO NATURAL

SEGUNDA PARTE

As apparencias, que deixavam suppor em Thomazia uma alma ou muito briosa ou muito despegada, eram fingimentos que secretamente lhe custavam asperas pelejas. Em quanto a saudade não cedesse ao odio, qualquer ostentação de desprezo ou de submissa conformidade devia ser-lhe uma frecha, tanto mais entranhada no coração, quanto a offendida abafava em si o desafogo dos queixumes. Nas doenças de amor, a peçonha do ciume supurando pelas palavras desabridas, deixa muitas vezes a alma curada.

Thomazia velava as noites á beira do berço do filho. Aconchegava-se d'elle como se a creança lhe fosse allivio e defeza de uns pavores que a estremeciam n'aquelle quarto onde, pela ultima vez, ouvira a voz afflicta do pae que a chamava. O administrador da pharmacia, que dormia por baixo, applicava o ouvido, e escutava soluços. Erguia-se de pé sobre o leito, e ajustava a orelha á parede, por onde se lhe coavam os rumores do pavimento.

Esta curiosidade tresnoitava Dyonisio José Braga.

Era um sujeito entre trinta e trinta e quatro annos. Praticára na botica do hospital de Braga, e tinha o curso pharmaceutico na escola do Porto. Sabia a preceito a sua arte, e estava inventando pastilhas para molestias incuraveis, quando foi despedido do hospital de S. Marcos por ter desencaminhado a filha da enfermeira, uma rapariga de bons costumes, como são todas as raparigas antes de terem maus costumes. Foi ser ajudante de botica no Porto, em casa do Januario da rua

Chan, que o despediu, porque elle lhe seduzia epistolarmente uma sua comadre e commensal. Passou para casa do Euzebio da rua de Cedofeita, d'onde sahiu por motivos igualmente eroticos. Era um fragil; mas o seu vicio não procedia do despotismo do temperamento, nem da materialidade irreligiosa. Era, pelo contrario, muito espiritualista, constellava no azul as mulheres todas, e conversava-as licita e mysteriosamente com a lua cheia por medianeira. Construia uns ideaes ratões, e tinha nas alamedas da Lapa e Fontainhas, por noite morta, umas apparições alvas como a *Dama branca* de Walter Scott. Até certa altura, este boticario, posto que não fosse bonito, era um anjo; mas de certo ponto para diante degenerava para homem trivial. Parece que as mulheres dos seus amores—quasi todas formadas nas indelicadezas da cosinha—faziam-lhe ás azas de anjo o que faziam ás azas dos patos; e elle ahi ficava o *homem* de Platão «um animal implume que ri.»

Quanto a rir, nem sempre. Passou por des-

gostos serios. As mulheres amadas e os crédores perseguiram-no. As pharmacias fechavam-se-lhe, cortando-lhe a carreira da sciencia e o exito de varias pilulas inventadas. A mão gélida da pobreza amarrara-o ao caldo negro de Sparta, que chamam *verde* no Minho, em casa de seu pae, pequeno lavrador de Villar de Frades. Ahimesmo, era sensivel ás noites perfumadas e serenas, ao murmurio dos ribeiros, e a todas as provocações da rica natureza de maio. Aquelle amor pantheista envolvia toda a creatura de merinaque de molas de aço, ou de saia de estopa com barra escarlata. As moças da sua terra consultavam-lhe a sciencia medica; e elle, compondolhes o estomago, desarranjavalhes o coração. Estas felicidades pagam-se caras. Chegou a levar pancada. O sr. Guerra Junqueiro deu cabo do ultimo D. João com um poema; porém os lavradores de Villar de Frades principiaram a obra com estadulho na pessoa de Dyonisio José Braga. Systema muito peor para os Dom Joões.

N'esta conjunctura, propiciou-lhe a sorte a

botica de Macario Affonso. Foi de animo feito a estrangular o ideal que lhe infernára a existencia, enforcando-o na costella que levava fracturada.

Dois annos e meio de exemplar comportamento asseveravam uma reforma radical. O archanjo S. Miguel da balança não era mais serio que elle com as freguezas. Dir-se-hia que Dyonisio pizava no almofariz o grão da mostarda e as proprias fêbras do coração. Nem uma chalaça, nem um beliscão em polpa de mulher! Sentava-se na testada da botica em um mocho, lendo e annotando a lapis a *Pharmacopea geral* do dr. Agostinho Albano. Se alguma moça o saudava passando, elle respondia sem erguer os olhos do livro, como se fosse o beato Pacomio a meditar os santos evangelhos. E nem por isso grangeára grandes sympathias no sexo feminino: é por que tinha ares de neutro.

—É um trombelas! — dizia a Rosa do Cruzeiro.

—Não olha direito para a gente, o casmurro!
—invectivava a Josefa da Fonte.

—Aqui ha tempos a Maria do Moleiro quiz-lhe mostrar uma nascida que tinha n'um joelho, e vae elle, disse-lhe: «Menina, vá ao cirurgiãõ; que eu avio remedios e não vejo pernas.»

—Credo! o homem é tolo! Olha o santatoni-nho, que lhe não fosse dar volta o estamago!—acudiu a Rosa, cruzando os braços e balançando os seios sobre o largo decote do collete amarello. E escarneciam-no com palavras deshonestas e casquinadas de riso com lardo de equivocos torpes.

É como é o mundo, em cima e em baixo.

Vá de historia. Havia em Roma dois sanetuarios consagrados ao Pudor. Em um dava-se culto ao «pudor das senhoras» (*pudicitia patricia*); no outro ao «pudor do mulhero» (*pudicitia plebea*). Não sei qual dos dois pudores era menos envergonhado. Hoje é difficil estremar duas cousas que não existem; porquanto, ponho os oculos, tomo rapé, e leio em Ovidio, e na Theogonia de Hesiodo, que a Pudicicia, assim que viu lavrar o cancro da corrupção no seio do genero humano, fugiu

para o ceo com sua irmã a Justiça. Que fosse para o ceo, duvido; não me parece que seja lá necessaria; mas em Celorico de Basto é que ella realmente não estava, quando aquellas raparigas, a meia voz, e com estridentes gargalhadas, commentavam o pudor do boticario, respectivamente ao joelho da Maria do Moleiro.

*

* *

Oito dias estivera Thomazia em sua casa sem que Dyonisio a visse.

Mandou-o chamar á saleta, e agradeceu-lhe a probidade e zelo com que administrára os seus interesses. Pediu-lhe que a desculpasse de tão tarde cumprir aquelle dever, e a não julgasse grosseira.

Respondeu elle com a voz tremula que muito se honrava em ter correspondido á confiança que em si depositára o finado sr. Macario; que

sentia infinitamente os seus dissabores . . . que sentia infinitamente os seus dissabores . . .

E engasgou-se.

Thomazia tinha-o encarado fita e penetrante como um tiro. A vaidade picou-se-lhe d'aquelle ar de atrevida paixão. O aspeito de Dyonísio tinha uns tons de ternura equivocada, nos olhos principalmente, onde se transverberava a doçura de uma alma apaixonada. Esta expressão escandalisára Thomazia, por duas causas; primeira, ser lastimada, quando se reputava heroína na queda e no desprezo de indemnisações; segunda, ser olhada d'aquelle feitio por um caixeiro de botica — ella que embalava nos braços um filho de Vasco de Marramaque, e cerrava ao coração o perpetuo luto do unico homem que vingaria perdê-la! Por isso, o sensitivo amador das familias dos Januários e Euzebios ficou entalado quando Thomazia, levantando o rosto, avincou a testa, e lhe arremessou de flecha os olhos rutilantes.

Aquella mulher era então mais linda que no tempo em que as graças lustram mais no pudor

que na plastica. Dois annos antes, inspiraria Lamartine; dois annos depois teria o seu logar de honra ou de deshonra entre as mulheres refeitas e perfeitas dos poemas de Alfred de Musset. O boticario estava na comprehensão das boas cousas, e não era hospede na materia sujeita. Cinco annos de pousio deram-lhe ao coração rebentos luxuriantes. O molosso da natureza sacudiu a mordança, e deu aquelles grandes latidos interiores que se chamam a paixão.

Thomazia evitava-o desde a primeira e curta conversação em que elle, aturdido pela arrogancia d'aquelle olhar, se retirára tartamudeando algumas palavras insignificantes; Dyonisio José Braga, porém, ia offendido no sentimento generoso e virgem, que lhe entrára no peito á primeira vez que a vira. Pensára em cazar-se com ella, *assentar de vez*, e *arranjar-se*, dizia elle no lyrismo das suas meditações. Por quanto, ella possuia a botica bem afreguezada, posto que as drogas fossem revelhas e substitutas das que não havia; possuia a casa e o quintal, casa envi-

draçada, e quintal curioso com pomar, parreiral, hortas, mirante com trepadeiras de maracujá, bancos de cortiça em uma gruta de madre-sylva á maneira de cubata. As arcas estavam cheias de bragal, peças de linho e meadas antigas, tudo anterior á invasão dos romances n'aquelle recinto de ignorancia e bom senso. Estas concommitancias cooperavam talvez no proposito honesto do pharmaceutico; mas, descascada a idéa, lá está dentro a candida pevide como semente das acções nobres, — a bonita idéa de casar-se e rehabilitar aquella menina.

O seu amor medrou nas surdas raivas como as bellas flores nos residuos immundos. Thomazia, todavia, não o estremava do jornaleiro que grangeava o quintal. No fim do mez, mandava-lhe entregar o seu ordenado, e examinava a escripturação singela das linhaças, dos citratos e das mostardas.

Dyonisio denotava profundas alterações organicas na parcimonia dos alimentos. O seu jantar volvia quasi intacto. Dizia a criada á ama que o

patricante estava escanifrado como um étego, e não comia tanto como isto; e, dizendo, mostrava a unha gretada das ulcerações d'um panaricio erysipelatoso.

Thomazia adivinhava-o, aborrecia-o e quasi que o odiava. Algumas vezes por entre as cortinas da janella, quando contemplava cheia de lagrimas os sitios do quintal mais predilectos de Vasco, via o boticario reclinado no escabello da gruta, com a face na palma da mão, e os olhos na vidraça do seu quarto. Retrahia-se como se elle a visse, e dava um estalo tirado com a lingua do ceo da bocca,—a trivial expressão com que se esconjura um estafador e se enchotam os cães.

A criada velha que conhecia o animo da senhora, e sagazmente penetrára na causa do fastio de Dyonisio, já quando o via no pomar, ia dizer á ama:

—Lá está o estupor.

Esta mesma criada foi inconscientemente a portadora de uma carta inclusa no rol mensal das drogas entradas e sahidas.

— Que é isto?! — exclamou Thomazia, vendo a carta fechada com tres obreias amarellas, symbolicas de desesperação.— Elle deu-lhe esta carta?! e vossê recebeu-a? . . .

— O' menina, mal haja eu, se sabia que o diabo do homem. . .

E justificou-se plenamente.

Ao primeiro assomo de raiva, quiz rasgar a carta; depois, resolveu devolver-lh'a fechada e despedil-o; mas n'este conflicto entrou o abbade de Pedraça que ia convidar a comadre para assistir ao jantar de annos de sua irmã.

A mãe de Alvaro, em quanto o padrinho acariciava o pequeno, referiu-lhe o caso. O padre sorriu-se, deu pouco pezo á calamidade, e aconselhou que, em bons termos, devolvesse a carta fechada com as seguintes palavras escriptas no verso do sobrescripto: *Em quanto lhe servir o emprego que honradamente occupa na minha casa, peço-lhe que me respeite.*

E, motivando esta conceituosa e laconica intimação, o abbade allegou que Dyonisio era um

optimo pharmaceutico, o unico que sabia chimica e botanica n'aquelles sitios; que muita gente o preferia ao medico Ferreira—hoje famoso clinico do Porto, e então medico de partido em Basto—que as suas pastilhas das lombrigas estavam acreditadas em toda a provincia, e que tinha curado as alporcas a varias pessoas. Disse mais o abbade que sabia que um cirurgião da Ponte-de-Pé lhe offerecera 200\$000 réis, cama e meza e roupa lavada para lhe administrar a botica paterna, e além d'isso o quinto nos interesses, e metade nas invenções, obrigando-se o cirurgião a propagal-as. Posto isto, concluia que, se Dyonisio, irritado pelo desabrimento de Thomazia, se despedisse, a botica se devia considerar perdida, por falta de tão habil pharmaceutico.

—Não me dá outras rasões mais fortes, meu compadre? — perguntou Thomazia.

—Ainda as quer mais fortes? . . .

Ella então chamou a criada, e disse:

—Entregue esta carta a esse homem, e diga-lhe que eu o despeço.

—Que faz, comadre! — atalhou o abbade.

—Se eu não fizesse isto—respondeu ella moderadamente, sem attitudes—devia ter accedido o cazal do Paço que me dava o pai de meu filho.

—Mas . . . — volveu o compadre — a senhora tem a certeza de que essa carta lhe faz alguma affronta ?

—Pois que é isto, senão uma affronta? Á mulher, na minha posição, abandonada, com um filho, que dirá a carta de um homem?

—Pode ser, e é talvez certo, que elle queira ser seu marido . . .

—Olha o estupor! — interrompeu a criada com o mais desdenhoso engulho.

O abbade surprehendido pela exclamação, abriu uma rizada inopportuna, em quanto a criada continuava:

—Que procure fôrma do seu pé! . . . Sempre é muito asno! um moço de botica atrever-se...

—Vá! — ordenou Thomazia com intimativa; e, voltando-se para o compadre; — Não lhe dê

cuidado a minha sorte, meu amigo; mas peço-lhe que tenha em vista a de meu filho. Confesso-lhe que sou mais fraca do que eu pensava. Olhe... tenho chorado muito; passo aqui noites tão crueis, tão atormentadas, que se não fosse esta creança... eu conheço os venenos... tinha descido á botica, e a trôco de uma agonia de poucos minutos, descansaria d'esta horrivel batalha com que não posso... Não posso mais... É o amor e o remorso a despedaçarem-me. Vejo o pai d'este infeliz, vejo a sombra de meu velho pai...

E, afogada pelos soluços, arquejava com o rosto apertado nas mãos.

*

* *

O abbade previra com juiso.

Dyonisio José Braga, recebido o recado pela creada, que se excedeu—por estar offendida

na insidiosa recovagem da carta — enfardelou a sua roupa em um caixão de lata, e exigiu uma declaração abonatoria de sua honradez. Lavrou-a o abbade, e Thomazia assignou-a.

Depois, o padre desceu á botica, e disse ao pharmaceutico, por entre coisas agradaveis, que elle devêra ter respeitado o melindroso infortunio de uma senhora que inspirava mais compaixão que amor.

E então Dyonisio, n'uma explosão de raiva ironica, perguntou ao abbade :

— E que lhe inspira ella a v. s.^a ?

— A mim ? amizade e respeito : o que póde inspirar a um sacerdote dos meus annos.

— Conte-me lerias, sr. abbade — retorquiou o outro com sarcastica brutalidade.

O padrinho de Alvaro, que tinha cincoenta e sete annos fortes e sangue turdetano nas veias, sentiu na espinha dorsal um formigueiro extraordinario, e ainda olhou para a mão do almofariz; porém, sotopondo o brio do fidalgo á paciencia de padre christão, disse-lhe com violenta brandura:

—Vá com Deus; e... vá com Deus!

Dyonisio, nos lances apertados de sua vida de amores perigosos, só levou pancada quando não pôde esquivar-se pela porta da prudencia, e até pela janella, conforme a necessidade. O semblante do clérigo e o tregeito diagonal dos olhos ao almofariz tocaram-lhe na costella fracturada em Villar de Frades; pelo que, abafando as coleras, prometteu esvurmal-as com resalva das costellas sans.

N'esse mesmo dia funcionou na pharmacia da Ponte-de-Pé, e divulgou que sahira de Agilde em consequencia dos ciumes do abbade de Pedraça. Os cavalheiros da localidade, sequiosos de escandalos, propalaram a calumnia, e confirmaram o boato de que elle, o hypocrita, já havia mandado para o Brazil um filho, que lá na Residencia era conhecido pelo *Alvaro engeitado*.

—Que eu conheço perfeitamente — disse um cavalheiro do Arco — Esse rapasola esteve em Pedraça no anno passado, e ouvi dizer que ca-

sara muito rico no Rio de Janeiro; mas lá diziam que o padre era padrinho.

--É pai — confirmaram todos.

E cada qual fez o seu relatório de devassidões de padres. Um dos relatores era o já celebrado poeta de Refojos que, na ausencia de Vasco Pereira, podera repatriar-se, e reassumir as funções de Juvenal em Cabeceiras. Elle esfregava as mãos, arregaçava um sorriso cheio de ameaças e dentes cariados, e dizia, trincando o charuto, que ia escrever um romance fulminante contra os padres. Foi muito applaudido, e arranhou logo cinquenta assignaturas. Tecendo o enredo, explicou que o ex-frade de Pedraça seria o protagonista, e Thomazia a heroína.

Se os padres escrevessem romances contra os novellistas, quantas obras de execução prima e de primeira verdade nos não dariam! Faça-se o clero romancista, e descreva os padres levados á desmoralisação pelo exemplo das altas capacidades seculares que os arguem de ignorancia. Quando vierem a medir-se n'esse torneio de armas iguaes,

então saberemos quantos devassos verosimeis e não tonsurados correspondem a um PADRE AMARO que prende o filho a uma pedra e o afoga com suas mãos. Em quanto, porém, o romance urdir crimes descommunaes, sendo tantissimos os vulgares, não se receia que a litteratura amena faça grandes males.

*

* *

Thomazia fechou a pharmacia, em quanto o abbade contractava no Porto quem a dirigisse. O boticario que veio não tinha mais habilitações que o commum dos praticantes analphabetos. A pharmacia administrada por Dyonisio era nova, fornecera-se de remedios francezes, tinha fundas de camurça, seringas de bomba, e frascos variegados na vitrine de páo-oleo. Os facultativos re-commendavam-na. A botica de Agilde restavam só os freguezes da mostarda, das malvas e da flor de sabugueiro.

O praticante era imberbe e lorpa; e, como tinha tempo, fazia gaiolas para grilos, e tambem fazia ratoeiras, por não saber fazer colheres. A receita não dava para o ordenado do caixeiro.

Aconselhou o abbade á comadre que traspas-sasse a botica, alugasse a casa, e fosse para Pedraça. Annunciou-se o negocio nas gazetas do Porto. Dyonisio dava gargalhadas na pharmacia da Ponte-de-Pé, quando leu o annuncio, e disse que não queria a botica pelo carrêto, asseverando que as drogas eram anteriores á invasão dos francezes. Não mentiria muito.

O abbade já sabia que o calumniavam, e dif-famavam a pobre mulher á conta d'elle. Queria soccorrê-la, mas com delicadeza, e cautella. Não sabia, porém, como tirar-se d'esta difficuldade.

Um dia, Thomazia, resolveu-a: foi á Villa do Arco, onde tinha um parente. Allugou uma ca-zinha, e annunciou-se mestra de meninas. Quan-do o compadre o soube, já ella estava installada, e exercia o professorado com seis educandas. O abbade, com os olhos humidos de lagrimas, dis-

se-lhe que ella era uma alma rara, e que tinha virtudes tamanhas que até a sua fragilidade parecia um acto meritorio, por que da queda procediam tão nobres procedimentos. O que elle fez, melhorando-lhe a vida, foi conseguir-lhe a nomeação de mestra-regia.

Tinha muitas prendas de bastidor a filha de Macario, escrevia bem e orthographicamente, aprendêra historia nos compendios de Vasco e nos romances. Deu-se zelosamente ao magisterio, e chegou a tocar o summo bem de uma vida conformada e serena. As familias do Arco estimavam-na, recebiam-a e presenteavam-a liberalmente. A mancha estava delida. Alvaro, o pequenino anjo, parecia pedir indulgencia para a mãe. A calumnia de Dyonisio sumiu-se na obscuridade das grandes infamias. A miudo, o abbade e a irmã visitavam a comadre, e a levavam consigo nas ferias para Pedraça.

*

* *

N'este tempo, Vasco Pereira Marramaque visitou com a esposa as quintas do Minho. Traziam consigo a primeira filha de poucos mezes. O fidalgo soube em Agilde que Thomazia fechára a botica; e, obrigada pela necessidade, abria escola no Arco. Teve pena, e más recordações. Lembrou-se da innocente alegria d'aquella rapariga; do bom Macario Affonso, que o recebia em sua casa e consentia que a filha lhe dêsse as mais raras flôres; da docilidade e abnegação com que ella o amara; do jubilo com que lhe fallava do filho; a morte do velho longe da filha e do seu leito, desterrado voluntariamente; o desinteresse da mulher sem reputação nem bens da fortuna; em fim, estas imaginações ali, n'aquella casa, onde Thomazia estivera, não lhe seriam muito afflictivas, mas eram incommodas. E, com quanto estivessem cortadas as relações com o

abbade, não se dedignou de lhe escrever, pedindo-lhe que convencesse Thomazia a receber uma mezada bastante á sua independencia. E, feito isto, ficou contente comsigo, como quem diz: «Sempre sou um Marramaque! Dou-lhe alguns pintos que me não fazem falta, e honro o meu nome.» O ser fidalgo tem isto de bom: quando a consciencia não obriga, obriga o appellido. Peor é quando não ha appellido nem consciencia.

O abbade respondeu com tres palavras: *Thomazia está independente.*

Casualmente encontrou Vasco o primo Abreu de S. Gens. Fallou-se das mulheres conquistadas na mocidade de ambos.

—E a boticaria?—perguntou o bacharel de Refojos.—Já sabes que está abbadessa?

—Abbadessa!

—Sim: passou da botica para a egreja, mas em melhores condições que muitas que vão da botica para a cova.

—Não te entendo—volveu o de Agilde.

—*Monsieur, ce n'est pas ma faute*, dizia o Boileau a quem o não percebia. Então não sabes que a Thomazia é mestra de meninas, e é menina do abbade de Pedraça?

—Isso é calúnia!—acudiu Vasco.

—Olha o vaidoso!. . . Repugna-te crer que na herança de uma mulher educada pelo teu amor gentilissimo succedesse o velho frade de Tibães!. . . Pergunta por essa historia ao boticario da Ponte-de-Pé. . .

E contou-lhe o que sabia, convencendo-o. Vasco riu-se muito d'aquelle rir que está todo no machinismo dos queixos e da larynge. Lá por dentro mordia-o o despeito de ver que um homem de cans e barriga proeminente vingára estancar os prantos de Thomazia que não podia consolar-se do apartamento de Vasco.

—Fortes asnos somos nós, a final!—dizia elle ao primo Abreu—A gente a cuidar que tem grande responsabilidade porque faz voar estas andorinhas d'um telhado para outro!. . .

—Ainda ahi estás!. . . Eu é que me consi-

dero sempre o seduzido e me lastimo sinceramente porque ando a fazer saltar da cama as lebres que os outros abocam.

E, discorrendo largamente n'este estylo methaphoricamente venatorio, concluíram que Thomazia, em remate de cantiga, era a filha de boticario *pur sang*.

*
* * *

A mestra regia ensinava o filho; e, á custa do esforço que faz prodigios, aprendeu quanto ignorava e Alvaro devia saber. Quanto á carreira do educando, estava destinada. O padrinho deliberou envial-o a um afilhado que tinha rico no Brazil.

— Foi um engeitado — contou o abbade — que aqui me trouxe a Maria Moisés para eu baptisar. ¹ Com aquella labia que ella tem, foi-m'o mettendo em casa, e cá ficou o rapazinho. Foi

¹ A proxima *Novella* dará ampla noticia de Maria Moisés.

á escola, tinha muita habilidade, e queria ser doutor o meu engeitado. As minhas posses não davam para tanto. Mande-o para o Rio. O rapaz sahi tão honrado, que parecia querer começar em si briosamente a sua geração, visto que não tinha antepassados. O patrão deu-lhe a filha e grande dote. Infelizmente morreu-lhe a esposa e um filho. Está rico, mas vive triste. Queria que eu fosse para o Rio, e eu quero que elle venha para a minha companhia. A isto responde que tem medo á ociosidade; que precisa trabalhar e fatigar-se para dormir e esquecer-se. O meu Alvaro irá para o outro que tambem é Alvaro; eu direi a ambos que se amem como irmãos.

Thomazia escutava-o lagrimosa; mas não contrariava o alvitre do abbade. Alvaro era pobre. A casa de Agilde nem inquilino tinha. A botica era um foco de cheiros maus e aziumados a vaporarem dos velhos frascos de louça amarella desvidrada. Nos gavetões medicavam-se impune-mente os ratos roendo as hervas, e olhando com

o maior cynismo para o frasco do arsenico. O archanjo S. Miguel com as côres perdidas, envolvia-se em filagranas da teia de uma aranha de barriga preta, que prendia uma das orlas da telilha nas pontas do diabo, e a outra no capacete do anjo. Nos pratos da balança haviam-se passado phenomenos execraveis. As aranhas fêmeas, depois de acariciadas, comiam alli os maridos, consoante o seu mau costume: viam-se nas conchas de latão os restos mortaes dos aranhões. A botica esquecera, excepto aos garotos que enfiavam calhaus por uma fresta, e regalavam-se de ouvir lá dentro o tinir das pedras no bojo das garrafas.

Portanto, o filho de Vasco Pereira Marramaque era um menino pobrissimo, que o amor maternal não devia esquivar ao trabalho e ao destino que o padrinho lhe talhára. Aos doze annos, o pequeno abraçava-se na mãe, e pedia-lhe que não o deixasse ir para o Brazil. Dizia elle que ia morrer, porque era muito fraco. Na verdade, aquella creança bebera no leite da mãe as lagri-

mas que ella reprezára. Crescera tolhiço, magrinho e pallido, como os filhos das casas opulentas e velhas raças. Fatigavam-no os estudos, tinha escuridões subitas de entendimento, e cahia em somnolentas abstracções. Dizia então a mãe ao compadre :

—Este menino vae morrer.

O abbade não fazia cabedal d'estas prophecias, mas prophetisava tambem :

—Alvaro, dentro em poucos annos, virá rico para a patria.

—Rico ! para que ? . . . Trouxesse elle o bastante para a sua subsistencia . . . Com tão pouco se vive ! E se lhe dessemos um officio ?

—Sapateiro ? É natural que fosse o primeiro na geração dos Marramaques, posto que dizia meu avô que conhecera a trisavó d'este senhor de Agilde palmilhando chinellas em Lanhoso. Ainda assim não se renove a vergonteia dos sapateiros n'este illustrissimo tronco. Bem bastam os que hão de vir quando os vinculos forem abolidos . . .

O abbade de Pedraça, sobre ser genealogico de farpada lingua, era discursivo em cousas sociaes quando a comadre se mostrava complacente em ouvil-o; mas, n'este caso, a sua manha era distrahil-a das lastimas, e ir contemporisando com o amor de mãe.

Escrevera elle ao afillado do Rio prevenindo-o de que estava educando um outro Alvaro para lh'o entregar, e contava-lhe sentimentalmente a historia d'esta creança sem pae. O brasileiro não respondeu; veio pessoalmente buscar o seu promettido filho. «Sê tu pae d'elle» dissera-lhe o padrinho.

Thomazia ganhou animo quando viu o protector do seu Alvaro. Era um homem de vinte e seis annos, com o rosto carregado das sombras de uma tristeza maviosa, dulcificando as palavras amargas com o sorriso da resignação.

—Sou muito doente—dizia elle—mas, se eu morrer, seu filho, minha senhora, voltará para sua mãe com bastantes recursos. Póde confiar-m'o; amal-o-hemos todos tres. Imagine que eu, ma-

goado com a abnegação de meu padrinho—que nunca me permittiu dar-lhe meio por mil dos meus haveres — quero vingar-me em beneficiar este seu afilhado. Eu tenho no coração muito amor sem destino. Não amei pae nem mãe. Tive esposa e filho. Todo o amor que lhes consagrei está para ser dado a um ente que não seja esposa ou filho, porque essa felicidade não se repete.

*

* *

Alvaro Affonso da Granja sahi do Arco para o Rio de Janeiro em 1863. Ia nos doze annos.

O brazileiro tinha propensões desacostumadas nos homens gravidos e pezados de dinheiro. Procurava atar os elos da realidade ás commoções da vida idealizada nas novellas. Em Lisboa, quiz ir ao parlamento para ver o recentissimo visconde de Agilde, o pai do seu pupillo.

Entrou na galeria do povo com o menino. Perguntou a um visinho:

—Faz favor de me dizer qual d'estes deputados é o visconde de Agilde?

—É aquella besta que acolá está fallando com outra besta. . .

E citou o nome da outra, que eu delicadamente não repito, se bem que não receio que ella me leia.

Alvaro não tinha de memoria a classificação zoologica d'aquellas especies parlamentares. Veio, porém, a saber que o visconde de Agilde era um sujeito de bigode encerado, luneta de um vidro, calvo, de feições duras, trigueiras e descarnadas.

—Elle pediu a palavra—notou o informador, e continuou:—Quanto quer o senhor apostar que o visconde diz tres asneiras em duas palavras?

—Não aposto, porque já ouvi dizer quatro—respondeu Alvaro.

—Então o senhor, por mais que me digam, é do Porto, e conversa com os janotas do Suisso? Espere, lá vae o javardo grunhir.

O visconde, d'esta feita, deixou desairado o critico que era da opposição. Ora este critico era aquelle poeta de Basto, que projectava romançar o abbade, e conseguira ser correspondente politico de um jornal portuense.

O visconde pedia estradas no Minho. Disse com soffrivel pronuncia ingleza que Braga era um dos nossos *rotten-boroughs* (burgos-podres) dos quaes o governo não fazia caso. Disse que Basto estava encravado entre serras intransitaveis. Perguntou ao presidente se estavamos na idade media.

—Vê o asneirão?—observou o de Refojos—
Pergunta se estamos na idade media.

—Deixe ouvir, se faz favor.

O orador observou que nas trevas da idade media o rico-homem dispensava estradas, por que vivia circumscripto no seu solar torreado, sem fazer parte do systema arterioso da nação.

—Que burro!—observou o correspondente do *Nacional*, tomando notas—que dois burros é aquelle homem!

O discurso acabou de repente, quando começava a ter graça. O orador, perorando, repetiu que o Minho sem estradas era o melhor membro da nação, mas gangrenado, putrido, paraplégico.

—Onde mora o visconde, sabe dizer-me?— perguntou Alvaro.

—Em Andaluz, no palacio do conde de Cabril. O senhor é pretendente?

—Nada. Sou brasileiro.

—Ah! Quiz-m'ó parecer no sotaque... Provavelmente é do Minho, e quer comprar ao visconde alguma das quintas que lhe restam... Se é isso, vá, que eu sei que elle perdeu em casa do marquez de Niza 500 libras a noite passada... Está ali está sem nada. Teve oito contos de renda ha dez annos; hoje não tem tres e tem seis filhos.

No dia seguinte, os dois Alvaros passeavam no largo de Andaluz; e, quando viram sahir de uma cocheira o coupé que entrou no vasto portico do conde de Cabril, avisinham-se do pateo.

O filho de Thomazia era de todo estranho ás excentricidades do seu amigo, quando este lhe disse :

—Vaes ver teu pae...

—O sr. Vasco de Agilde?—perguntou o menino.

—Sim, o visconde...

—Elle não é visconde—emendou Alvaro.

—É visconde desde antes de hontem.

Entraram, quando o deputado reeleito descia a escada com um pretendente de cada lado e dois no couce. Elle vinha coberto, com o paletó alva-dio no braço, e um charuto apertado entre os quatro dentes incisivos. Parecia vesgo por causa da luneta pensil de um só vidro sem aro que o obrigava a convergir estrabicamente o olho esquerdo. Resmoneava uns monosyllabos, e dava aos hombros, escutando com fastio um dos importunos.

Quando viu o desconhecido ao lado da carruagem, perguntou, gesticulando de modo que os pretendentes sahiram :

—Que pretende o senhor ?

—Comprimentar v. ex.^a pela energia do discurso que hontem tive a fortuna de escutar, pois que, tendo eu sido creado em Basto, muito me congratulo com os meus conterraneos tão distinctamente representados.

—Obrigado . . . Faço o meu dever—respondeu o visconde com agraciado aspeito.

—E ao mesmo tempo, ex.^{mo} senhor, na minha passagem para o Rio de Janeiro, onde residido, tenho a honra de deixar o meu nome lembrado a v. ex.^a, para que se um dia, se abrirem estradas em Basto, v. ex.^a me considere tributario de 12 contos de réis para esse grande impulso civilizador.

—Oh!—exclamou o deputado—é mui louvavel patriotismo ! Aperto-lhe a mão de patricio, e lamento que Portugal esteja tão escasso de homens da sua tempera. D'onde é ?

—Fui creado em Pedraça, sr. visconde, sou afilhado do sr. frei Alvaro.

—Ah! . . . do abbade . . . Como passa elle ?

—Robusto ainda com os seus 64. Recordo-me de ver a v. ex.^a, quando em menino estudava logica com meu padrinho.

—Sim?

—Perfeitamente me recordo; e v. ex.^a talvez se lembre de um rapazito que lá chamavam o *Engeitado*...

—Tenho uma idéa de um pequeno que subia ás cordeiras e nos deitava cerejas...

—Era eu.

—O senhor?... Então enriqueceu? Muito folgo... E este menino é seu filho?

—Não, senhor — respondeu Alvaro a meia voz—Este menino é filho de v. ex.^a

O visconde fez dois gestos indecisos entre a surpresa desagradavel e o receio de que os laçaios escutassem.

—Vae commigo para o Rio—proseguiu o brasileiro—e, como a morte por lá é mais frequente, não quiz eu que elle, tendo de morrer na flôr dos annos, fosse d'este mundo sem conhecer seu pae. Eu aprecio muito este lance, porque fui engeitado.

O menino fitava como assustado o rosto do visconde, que tambem o encarava attentamente.

N'este ponto, vinha descendo a viscondessa com tres meninas, clamando com vozes argentinas que retiniam na amplidão do pateo :

—Ainda ahi estás, Vasco? Leva-nos contigo até ao Chiado.

—Sim, filha—disse o marido; e voltando-se para o brasileiro: —Procure-me em occasião mais opportuna.

—Sr. visconde, recebo as suas ordens agora—disse Alvaro, recuando com o menino pela mão.—Ámanhã sahimos no paquete, e não ha razão para que eu torne, visto que o meu intento era simplesmente comprimentar v. ex.^a

A viscondessa estava já ao lado do marido, olhando para o pequeno, quando Alvaro se despediu cortejando-a.

—Quem é?—perguntou ella.

—Um brasileiro de Basto.

—O pequeno é galante. Parece-se com o nosso Heitor. Não achas?

—Não reparei.

D'ahi a minutos, dizia-lhe Leonor:

—Vaes tão calado e triste! Que tens tu, Vasco?

—Que heide eu ter, filha?... É o demonio da politica...

—Estavas tão alegre ao almoço... Ah! uma cousa... Dá-se baile nos annos da Piedade?

—Responderei á tarde. Ainda não sei se o banco de Portugal me reforma a lettra dos cinco contos...

—Mas eu já escolhi o meu vestido e os das pequenas.

—Se escolheste os vestidos, nem por isso é obrigatorio o baile.

—Sim...—redarguiu a viscondessa com disfarçado despeito.—Em todo o caso, não digo nada, por emquanto, á prima Penafiel, nem á prima Ponte que mandaram saber...

—Sim, não digas nada.

—Mas é exquisito...

—O que é exquisito, Leonor?

—Que se fallasse n'isto na *soirée* do primo Fronteira. . .

—Quem fallou não fui eu.

—Consultei-te primeiro.

—Em summa, Leonor—concluiu o visconde com desabrimento —pela vigesima vez te annuncio que estou mal de fortuna, que em vendendo cinco quintas que me restam, a casa de teu pae volve á miseria antiga.

—Á miseria! essa é boa! eu nunca soube o que era miseria. . . Que delicadeza tão provinciana! . . . Pára!—bradou ella ao trintanario, á entrada da rua do Ouro, e saltou do coupé com as filhas.

A mais velha, Maria da Piedade, perguntava baixinho á mãe:

—Ó mamã, o papá disse que nós estávamos na miseria?

—Não, tola.

*
* *
*

Quem vira Leonor de Mascarenhas, no solitario e caduco palacio de Andaluz, dez annos antes, modesta, paciente, sem invejas, escusando-se com os achaques do pae, quando a convidavam para a sala ou para o camarote; disfarçando com o amor filial a mingua do vestido, do chapéu e dos somenos atavios que as filhas das creadas de seus avós esperdiçavam;—quem prediria então que aquelle anjo meigo do lar, assim que respirasse o esbrazeado ambiente das salas, queimaria as azas, e em vez d'ellas se faria uns voadouros de brilhantes farrapos para esvoaçarse ao ponto culminante da elegancia, do fino gosto, da bella extravagancia, do renome de figurino?

Nos primeiros annos era o marido que a in-

stigava envaidecido da primazia que os localistas lhe decretavam, especialmente o *Agapito*; depois eram as amigas invejosas que a rivalisavam apanhando de salto o segredo das modistas mais a ponto informadas do ultimo baile do Louvre; por fim, quando Vasco Pereira cheio de melindres lhe disse a medo que os filhos eram já muitos e os rendimentos desfalcados com a exorbitancia do luxo, Leonor já não podia entregar-se vencida ás suas competidoras, e consentir que a modista divulgasse que a rainha dos bailes abdicára por falta de quatrocentas libras annuaes em que o seu reino estava tributado no balcão da suzerana Lavaillant.

No transcurso de dez annos, a grande casa dos Marramaques adelgaçara-se por maneira que não rendia o lucro dos capitaes levantados no banco de Portugal e no Hypothecario. Os dois irmãos de Leonor exercitavam o communismo em familia, e o conde de Cabril presenteava o principe proscripto com os dinheiros do genro, consentindo todavia que no palacio de Andaluz

se pensasse liberrimamente em politica. Os filhos tresandavam a cocheira e republica, prometendo esfaquiarem os burguezes com vehemencia tal de palavras iracundas que pareciam os dois Gracchos; o genro bamboava-se na redouça de todas as seitas liberaes á espera de cair uma vez sobre a pasta da marinha; quanto ao conde, a Russia movia-se, e não dizia mais nada. Estava idiota, e fazia a côrte ás amas de leite dos netos.

O dinheiro de Vasco Pereira cicatrisára umas ulceras e fizera repercutir outras peores. Elle, por sua parte, lançou-se no jogo como financeiro. Estreiou-se com felicidade n'aquelle systema de supprimentos á quebra das rendas. Teve noites cheias na banca do conde de Farrobo, posto que lhe repugnasse concorrer áquella tavolagem com mercieiros e comicos, como se no estalão das paixões infames não fossem iguaes todos os homens. Depois, atraído pela fôrtauna, passou a emparceirar-se com o marquez de Niza, que esvasiava o estanque das torrentes de ouro que confluíram para elle, atravez de quatro seculos,

desde Vasco da Gama; e, navegador audaz do revolto oceano dos vicios, affrontava o cabo da desesperação como seu inclito avô o cabo da Boa Esperança. Releve-se o gongorismo a uma justa indignação!

*
* *
* *

O visconde de Agilde não melhorou com o fallecimento do sogro em 1868, nem com o estabelecimento dos cunhados em alquilarias e carros de transporte. N'aquelle anno o banco Hypothecario absorveu-lhe tres quintas nas margens do Tamega, e reduziu-o a pouco mais de um conto de renda. Agilde era já propriedade de um brasileiro. Elle mesmo gelou de espanto quando assim, aos 44 annos de idade, se viu desvalido com seis filhos, com a importancia politica perdida, desacreditado em todos os grupos por

que a nenhum era util nem temivel. Os seus constituintes provincianos preferiram-no — ah! crel-o-heis, Pisões? — preferiram-no áquelle Juvenal de Cabeceiras, ao correspondente do *Nacional*, ao mordacissimo informador de Alvaro, em summa ao versista que principiára a popularidade de Vasco por aquelles dois versos:

*Ó bardo de Celorico,
Quem te deu tamanho bico?*

A viscondessa, á volta dos quarenta annos, caiu em si, e praticou o heroismo de vender as suas joias para pagar dividas ignoradas do marido. Dois filhos do visconde, Heitor e Ruy, eram guardas-marinhas, devassos e caloteiros; o mais novo era pensionista no collegio militar. Havia tres meninas: Maria da Piedade era a primogénita, e orçava por dezeseis annos, quando o visconde deliberou transferir-se para uma quinta nos arrabaldes de Braga.

E partiram.

D. Leonor de Mascarenhas estremeceu quando por entre um carvalhal sem folha, n'uma

tarde de vento glacial, em novembro, viu a casa expiatoria onde ia amarral-a a corrente da pobreza. Era um renque de quinze janellas de sacada com portadas vermelhas, peitoril de pau, e caixilhos de vidraças empenados pelo sol e podres da chuva. Por sobre o telhado erguia as suas ameias escuras um simulacro de torre de menagem varada por duas janellas sem portas, mas tapadas por dois molhos de palha painça que, vistos de longe, pareciam-homens de borco a precipitarem-se da torre. Estava aberto um postigo do portão de carvalho; o vento sacudia-o contra o batente, e fazia uma compassada e asperrima toada de matraca. No grande terreiro interior corriam espirrando duas cabras espavoridas, e estacavam ás vezes voltando de esconso para os desconhecidos adventicios as narinas fumegantes. Por uma cancella tosca de passagem para a quinta entrava o cazeiro carregado de herva; e, vendo os patrões, atirou o molho sobre um carro com o cabeçalho ao alto, desbarretou-se, coçou-se e disse:

—Isto por aqui é novidade!

O visconde, para não desdizer da desordem dos seus habitos, nem avisou o cazeiro, nem perguntou se a casa da quinta ainda estava de pé.

Entraram na sala de espera. É como quem entrava na casa da neve nas Rodas do Marão. O coração tremia de frio. As tres meninas olhavam espavoridas para a mãe, aconchegando os capuzes das capas ao rosto. O vento assobiava mugidos nas cavernas dos forros; dois enormes ratos atravessaram a vasta quadra, velozes e de focinho baixo, como dois vadios de boa familia que passaram a noite em orgia, e foram sorprendidos pelo sol alto. Leonor sentou-se em um escano de espaldar brazonado, e não pôde ter as lagrimas. O marido, esquivando-se áquelle espectáculo, passou para o interior da casa, ao passo que o cazeiro ia abrindo as janellas.

Pouco depois, chegaram alguns carros de bahus e mobilia, com creados, que ajuizavam assim dos dominios senhoriaes do patrão:

—Que diabo de casa é esta? Aqui ha lobos!

O escudeiro dizia que não matára ninguém para se sujeitar a tal degredo. A cosinheira, vendo a primeira sala, exclamou:

—O que não será a cosinha!

Esta crise foi-se modificando a pouco e pouco. Parte da casa foi reparada e confortavelmente trastejada. Uma das salas tinha um fogão antigo com columnas de bronze, mandado vir de Italia por D. José de Menezes, arcebispo de Braga. A viscondessa e as filhas passaram ali quatro mezes, chorando sempre as lagrimas azedas que o fumo da lenha lhes estillava dos olhos. O visconde passava os dias na cama, lendo os jornaes da opposição e fumando charutos de vintem com magnanima coragem. Seis mezes depois, embranquecera-lhe o bigode, refegaram-se-lhe as palpebras, e espaparam-se-lhe os musculos faciaes.

Maria da Piedade era a sua filha adorada que o acariciava e de mãos postas lhe pedia que tivesse paciencia. Imaginando que o pae envelhecia e definhava na soledade do seu quarto, pediu-lhe licença para lhe comprar, com o prod -

cto das suas poucas joias, um cavallo que o levasse a passeios.

—De que me servem estas pulseiras e estes broches que me deu a madrinha Lavradio? — dizia ella.—Mande-os vender, meu papá, e compre um cavallo. Depois, se tornar a ser rico, dê-me outras joias, sim?

Elle estreitava-a febrilmente ao coração, e murmurava:

—Como eu vos desgraçei, meus queridos filhos!

Maria da Piedade ameigava-o com pueris carinhos e dizia-lhe:

—Não tenha pena de nós que ainda podemos ser muito ricos.

—De quem esperas tu a riqueza?

—A riqueza é não precisar d'ella, meu papá; não sei onde li isto...

*
* *
*

No anno seguinte, o visconde de Agilde foi a Basto a fim de demandar uns foreiros remissos de Chaves e terras de Barroso. Raposa aos grilos.

Hospedou-se na villa do Arco, e lembrou-se que devia estar ahi Thomazia, a mestra de meninas. Perguntou por ella ao seu procurador.

—Ha seis annos que essa pessoa sahiu de cá —esclareceu o procurador.—Não sei se v. ex.^a sabe que ella mandou o filho para o Brazil. . .

—Sei.

—Levou-lh'o o Alvaro Engeitado, um capitalista que. . .

—Bem sei.

—Depois, quando o abbade de Pedraça morreu, a Thomazia que era para elle como se fosse filha, apezar do que dizia o patife do boticario da Ponte-de-Pé — que já o levou o diabo com

um tiro que lhe deu o irmão da Russa de Gandarella, uma linda moça que o malandro seduziu . . .

Como lhe faltasse a respiração e a grammatica, o procurador tomou folego, e, começando oração nova, continuou :

—A Thomazia cahiu doente, esteve a tocar em thysica, veio cá o filho, levou-a comsigo para o Brazil, e para lá foi, vae em seis annos. Já depois que lá está, mandou uma doação da casa de Agilde a uma creada velha, e tem mandado esmolas a varias pessoas. Ouço dizer que o filho tambem está rico como um porco, porque é socio do outro. É o que consta.

*

*

*

Temos que accrescentar a estas informações que Alvaro Ribeiro, socio de Alvaro Affonso da Granja, falleceu em 1869. Um dos seus legata-

rios e testamenteiros foi o filho de Thomazia. Liquidada a parte do socio, que avultou a duzentos contos — cifra que ninguem hoje em dia reputa riqueza—Alvaro Affonso começou a sentir a infinita tristeza da doença que fere todas as fibras e as vae matando uma a uma, minuto por minuto. Não tinha ainda vinte e dois annos. A mãe perguntava a Deus se do fundo do seu calix de expiação havia de beber ainda a ultima lagrima do filho moribundo.

A medicina mandou o enfermo a ares patrios. Era uma esperanza, que se figurou á pobre mãe remedio seguro. Em março de 1870 desembarcaram em Lisboa. Era primavera, não a dos poetas, mas a primavera de Portugal, fria e nublada. Alvaro Affonso tiritava e aquecia o rosto com as palmas ardentes das mãos.

Alugou e mobilou casa em Lisboa. Thomazia não mostrava desejo de voltar ao Minho. Passeavam em carruagem. A mãe gostava do arvoredo do Campo Grande. Lembrava-lhe Agilde, os castanheiros seculares da quinta de Vasco, as ave-

nidas fechadas de alamos. Tambem o via a elle, no rosto do filho, quanto póde similhar-se um moço alegre e saudavel a outro de olhos mortifcos orlados de manchas azues que davam relevo aos ossos. E afastava-se de Alvaro, a fim de embeber as lagrimas.

Um dia desceram a pé a travessa dos Carros. Alvaro, no largo de Andaluz, parou defronte de um palacio. Reconhecera o pateo da casa em que vira o pae. Lá estava um coupé á porta, como onze annos antes. Estremeceu. Ia ver, segunda vez, o pae. Passados minutos, viu entrar no trem um homem baixo, sobre o redondo, com oculos de ouro, e duas grossas cadeias no collete de velludo azul ferrete. A mãe sentára-se em um banco assombrado por uma arvore enfezada, que a Flora phantasiosa dos lisboetas chama o jardim de Andaluz.

—Não morará elle aqui já?—pensou Alvaro Affonso.

O sujeito dos oculos disse ao cocheiro:

—Vamos em casa do sr. visconde da Gándá-

rinha, heim? e passa vóssê no Chiado onde comprei o guarda-lama e pede elle, heim?

Era lingua de brasileiro, sem duvida nenhuma.

Ficou á porta o guarda-portão em mangas de camisa e collete de listas amarellas e escarlates.

Alvaro perguntou-lhe :

— Quem mora n'esta casa ?

— É o sr. commendador Barcellos.

— É d'elle o palacio ?

— E muito d'elle: comprou-o ao visconde... visconde não sei de quê...

— De Agilde ?

— Isso.

— Onde está esse visconde, sabe ?

— O bolieiro que ali vae no nosso coupé foi d'elle. Acho que o visconde está lá para o Minho. Esta casa foi-lhe penhorada e vendida em praça. Deu cabo de tres milhões o tal banaboia.

— Obrigado — disse Alvaro, chamou a sege, e foi buscar a mãe pelo braço.

— Que estavas tu a conversar com aquelle criado ? Pareces-me mais pallido !

—Não, minha mãe; como me pareceu conhecer o homem que entrou no coupé, fui perguntar-lhe quem era.

Até aos dez annos, Alvaro lembrava-se de ter ouvido sua mãe fallar de Vasco, em conversação com o abbade; mas nem no Brazil nem em Lisboa lhe ouvira proferir tal nome, nem lhe occasionava modo a que elle satisfizesse uma dolorosa curiosidade.

Thomazia lia o *Jornal do Commercio* e sob a epigraphe *Má estrella* viu a noticia da prisão de D. Tello Mascarenhas, por ter anavaldado um fadista na taverna do Dá-Fundo. O localista acrescentava: *Ha fatalidades inexplicaveis. O conde de Cabril, egregio fidalgo dos arraiaes legitimistas, teve tres filhos. Um, D. Nuno, morreu ha dois annos da marrada de um touro no Cartaxo; a filha, D. Leonor, que reinou nos sa-lões do seu tempo, casou com um provinciano perdulario que esbanjou o seu e o alheio: escusamos nomeal-o. O terceiro entrou hoje no Limoeiro, e ali esperará monção de passar á Afri-*

ca entre matadores da sua tempera. Os avós de D. Tello também iam para a Africa, mas na qualidade de governadores como D. Fernão Mascarenhas em 1480, D. Jorge Mascarenhas em 1622, e D. Fernando Mascarenhas em 1628.

Thomazia relia a noticia, com o rosto coberto de lagrimas.

—Que é, minha mãe? — perguntou Alvaro, curvando-se sobre o hombro d'ella.

—Ahi tens, lê!... Deus é severo com todos os culpados... Ahi verás o que o mundo pensa... de teu pae.

E, levantando-se, foi a soluçar para o seu quarto.

Passados instantes, Alvaro entrou serenamente na alcova, poz a mão amavelmente no hombro da mãe, e disse-lhe:

—Se houvesse um meio delicado de eu socorrer... meu pae!...

Ella, apertou-o ao seio, beijou-lhe com arrebatamento as faces, e balbuciou:

—Abençoado sejas tu, meu anjo, meu adorado filho! . . . Vinga, vinga tua mãe!

*
* *
*

Era abril.

O visconde de Agilde assistia aos trabalhos de jardinagem de sua filha Piedade. A viscondessa, sempre a tremer de frio com as mãos forradas em um regalo velho e esfumado, não sahia do fogão. As outras meninas polkavam de chinellos em uma grande sala, cantarolando a musica, muito esbofadas e vermelhas. Paravam ás vezes abraçadas, e achavam-se ridiculas.

O visconde e a filha viram apear de um garrano, na testada do portão, um sujeito mal en trajado.

—Quem é aquelle homem?—perguntou Piedade.

O pae entalou a luneta no olho direito, e disse :

—Algun fôreiro dos executados que vem pedir espera, talvez.

Aproximava-se o adventicio com o velho chapéu de felpo na mão.

—Jesus!—exclamou Piedade—que parencas elle tem com o mano Heitor! . . .

—Quer alguma cousa?—perguntou Vasco Marramaque no tom usual e impertinente d'estes interrogatorios.

—Alguns minutos de attenção, se v. ex.^a m'os concede.

—É sobre negócio de foros?

—Não, sr. visconde.

—Suba. Ficas, Piedade?

—Fico, papá—e não desfitava os olhos do moço que tinha o rosto e o timbre de voz do mano Heitor.

O visconde subiu o escadoz que levava á sala de espera. Alvaro seguia-o. Passou o fidalgo a uma segunda sala, e, entrando primeiro, disse:

—Entre.

Quando entrou, já Piedade, pé ante pé, atravessava o salão, e cingia-se escutando.

— Escutar ! porque ? — pergunta a discreta e positiva leitora. — Presentimento mysterioso ?

— Não, minha senhora ; simplesmente curiosidade, e curiosidade na aldeia que é capaz de nos fazer andar, para encher tempo, a escutar por portas o que dizem os vizinhos.

Eis o que ella escutou :

— Devo dizer a v. ex.^a o meu nome : chamam-me Alvaro Affonso da Granja ; sou filho de Thomazia Affonso, de Agilde.

O visconde não se descompoz, não esbugalhou os olhos, nem expediu os *ahs* aspirados dos grandes espantos.

— Bem . . . — disse elle — é um pequeno que foi para o Brazil . . .

— Ha onze annos. Tive então a honra de ser apresentado a v. ex.^a por Alvaro Ribeiro . . .

— Recordo-me.

— Fui infeliz. Uma docença pertinaz, resultante da constituição fraca, não me deixou tra-

balhar. Voltei pobre e doentissimo. Disseram-me os medicos que talvez ares patrios me restaurassem. Estou na patria, mas careço de meios com que possa tratar-me. Venho, pois, pedir um favor a . . . meu pae . . . Não sei se v. ex.^a consente que eu lhe dê este nome . . .

—Não nego que sou seu pae—respondeu o visconde com fina e placida naturalidade.—Que posso eu fazer em seu beneficio ?

—Permittir-me que eu convalesça ou morra na sua companhia—volveu Alvaro soffrendo o transporte do contentamento.

—Na minha companhia é impossivel. Creio que sabe que sou casado e tenho filhos.

—Sei.

—N'esta casa não ha a felicidade que chamam fortuna, nem sequer a outra que chamam paz. Sou infeliz, ter-lh'o-hão dito ; infeliz em todos os sentidos. Desejo, porém, concorrer para o seu restabelecimento com os meios escassos de que disponho. Está em Braga ?

—No Bom Jesus.

—Em hospedaria ?

—Sim, senhor.

—Lembro-lhe que no hospital de S. Marcos ha quartos particulares com excellentes medicos e optimo tratamento. Eu escrevo a meu primo Magalhães, que é o provedor da Misericordia, e responsabiliso-me pelo pagamento.

—Obrigado a v. ex.^a, mas não venço a repugnancia que me fazem hospitaes.

—Pois então, conserve-se onde está—volveu seccamente o visconde.—Em todo o caso, se eu fizer pouco em seu auxilio, creia que não posso fazer mais.

Alvaro não sentia os raptos que nos dramas desenlaçam situações analogas. A verdade é pouco dramatica. Elle queria desfigurar-se subitamente, manifestar-se rico, sem phrases arredondadas de antemão. Premeditára o que quer que fosse na hypothese de ser bem ou mal recebido; mas o gélido socego com que o pae lhe fallava impunha-lhe moderação no artificio dos arrebatamentos filiaes. De mais a mais enganara-se,

cuidando que o sangue dos filhos, na presença dos paes, golphava aquellas tempestades que os dramaturgos levantam nas scenas do reconhecimento. Sentia-se a fallar com aquelle pae como com qualquer outro visconde. Se Alvaro fosse crendeiro até á parvoice, duvidaria se com effeito Vasco Pereira era seu progenitor, visto que a natureza não gritava.

O visconde, proferidas as ultimas palavras, dera tento que era escutado. Suspeitou da viscondessa. Ergueu-se de impeto, e foi á porta. Viu Maria da Piedade.

—Escutei, escutei, papá; peço-lhe perdão— disse ella, entrando.— O meu papá disse ainda agora que era infeliz em todos os sentidos. Não me queixo; mas esqueceu-se de mim. . . Já me tem dito que eu sou a sua consciencia, e a sua vontade. . . Pois então, se sou a sua vontade, deixe ficar o seu filho n'esta casa. . .

—É impossivel. Não conheces o genio de tua mãe?

—Não se diz á mãe quem este senhor é; di-

ga-lhe que é filho de um seu cazeiro da quinta de Arnosa. Conhece-se que está muito doente —dizia Piedade olhando compadecidamente para o irmão. — Quando o mano Heitor veio do Cruzeiro vinha assim. Precisa de ser tratado com desvelo. Eu encarrego-me d'isso, que sou sempre a enfermeira n'esta casa.

Estas palavras commoveram Alvaro. Sentia agora o coração que estivera atrophiado face a face do pae. Não era a irmã: era a mulher formosa. N'estes conflictos é que a natureza costuma fazer prodigios. Borbulharam-lhe as lagrimas, e disse balbuciando:

—Minha senhora, a sua compaixão e a compaixão de minha mãe ser-me-hiam um divino amparo, se eu pudesse viver.

—Tem mãe? — perguntou Maria da Piedade.

—Sim, tenho, minha senhora.

—Ah! tem?!—e olhou para o pae, como a interrogar-lhe mudamente o coração. — E não póde estar com ella. . . porque são pobres?

Alvaro, abaixando os olhos, fez um gesto affirmativo.

—Deixe estar...—disse ella—tudo se hade remediar... Está no Senhor do Monte, não está?

—Sim, minha senhora.

—Deixa-me lá ir ámanhã, papá? É um passeio... Vou visitar o meu mano Alvaro...—
E estendeu-lhe a mão que elle levou aos labios.
—Tem febre!... que mão tão quente! Ámanhã conversamos, sim?

—Mas que vaes tu fazer ao Bom Jesus?—
interveio o visconde.—Eu sei o que é; mas podes cumprir o teu desejo sem lá ir.

—Posso; mas, se o papá consente, quero lá ir...

—Vae.

—Que caminho segue v. ex.^a?—perguntou Alvaro Affonso.

—Ora *vossa excellencia!* «Que caminho segue a mana Piedade?» é como deve dizer. Vou d'aqui ás primeiras capellas a cavallo na burri-

nha do cazeiro; se me parece dou a volta a cavallo; senão, subo as escadas.

—Eu virei esperal-a ás primeiras capellas—
tornou Alvaro.

—Pois sim; mas veja lá que se não fatigue.

Ouviu-se então no interior da casa uma voz aspera, gritando:

—Não se almoça hoje n'esta casa? onde está mettido o sr. visconde e a Piedade?

—Lá vamos, mamã!—respondeu Maria.

Alvaro, apertando a mão do pae, beijou-lh'a, e disse-lhe:

—O ouro já não póde dar a felicidade a v. ex.^a
Quem tem esta filha, perdeu o direito a esperar
outra riqueza.

*

*

*

Quando Maria da Piedade avistou o portico do Sanctuario, viu parado um coupé com dois

criados na almofada. Perguntou ao escudeiro se conhecia aquelle trem.

—É de um brasileiro que está no Bom Jesus ha oito dias. Ainda hontem á tarde o vi n'este carro na Senhora á Branca. Parece-se muito com o mano de v. ex.^a

—Com o mano Heitor?!

—Sim, minha senhora, principalmente quando veio da Africa ha 6 annos.

Maria insensivelmente soffreu as redeas do jumento, quedou-se a olhar para o escudeiro, e a dizer pausadamente:

—Parece-se com o mano Heitor?!

—É como um retrato. Ha casos assim, minha senhora.

Ia perturbada.

A pouca distancia do coupé, viu abrir-se a portinhola por dentro, e descer Alvaro.

Soltou uma exclamação, e retrahiu-se dos braços que lhe offereciam amparo para apear-se.

—Vejo que minha irmã sómente acceita de bom rosto a mão dos seus irmãos pobrementemente

vestidos! — dizia elle sorrindo. — Tem a bondade de continuar o seu passeio na minha sege?

Piedade desceu, acceitou-lhe o braço, e entrou na carruagem. Na perturbação com que entrara, deixou cair no tapete de zebelinas um lenço branco que continha cuidadosamente atado pelas pontas um voluminho pezado.

Alvaro levantou-o, e, como ella se dêsse pressa em o receber, negou-se a entregar-lh'o.

— Que é isto? saibamos, mana Piedade; o que aqui está parece-me que é a prova real do seu sobrenome—é a *piedade* fraternal—é uma esmola que vae aqui para um irmão doente e pobre, não é? . . .

— Eu pensei que . . . — balbuciou Maria.

— Pensou que já se não faziam romances, principalmente de homens ricos a fingirem-se pobres? Tem razão, mana Piedade, eu sou um desmentido a todos os costumes. Agora, dê-me licença que eu examine todas estas cousas que são minhas—e desatava as pontas do lenço.

—Não veja—acudiu ella—não veja... peça-lhe...

—Não verei; mas guardo-as: isto é meu. Se tenho alguma riqueza que me enche a alma, é isto. Olhe, Piedade, olhe para mim... Não lhe parece que estou melhor? Veja o que é a felicidade! Não me doe o peito, não tenho febre, e até sinto—desculpe-me a prozaica franqueza—sinto vontade de jantar... Tenho saude!... Quer que eu lhe diga tudo que se vae formando na minha intelligencia, na minha consciencia e no meu coração? Entrei aqui ha oito dias sem fé, achava tudo isto uma irrisão da desgraça. Sinto-me agora religioso. Preciso de orar... heide ir ajoelhar-me diante da imagem de Jesus Christo, ha de ir commigo, sim? Peça-lhe que me dê saude, que me deixe viver para poder amal-a, minha querida irmã; peça-lh'o a chorar, como eu estou chorando...

E, soluçando, abafava o rosto no lenço que continha as joias de Maria da Piedade.

Quando apearam no terraço do hotel da Boa

Vista uma senhora gravemente vestida de seda escura avizinhou-se da carruagem.

—É minha mãe—disse Alvaro; e, descendo, beijou-lhe a mão.

*
* *
*

As lagrimas da fé, se Deus não existisse, fariam commover o Nada.

Maria da Piedade e a mãe de Alvaro choraram prostradas á cruz de Jesus Christo. Pediram a saude do filho e do irmão, abraçadas aos pés do Redemptor.

Alvaro restabeleceu-se.

Foi a felicidade que o salvou? foi aquelle amor de irmão, amor indefinivel e santissimo que o distrahiu da idéa da morte, e o encheu das forças vitaes que a sciencia nega ao milagre e concede ao mysterio?

Eu, espirito apoucado, tenho a audacia de me erguer até Deus, e não faço grande conta das sciencias medicas quando me não dizem por-que processo physiologico se salvou o enfermo que ellas me asseveraram moribundo.

Alvaro Affonso da Granja deu pelas joias de Maria da Piedade as quintas do visconde de Agilde penhoradas pelo Banco Hypothecario. Piedade fez presente das quintas a seu pae, com a condição de a deixar viver seis mezes de cada anno em Lisboa com seu mano Alvaro. Thomazia chama-lhe a sua filha; e D. Leonor de Mascarenhas, quando falla de Alvaro, chama-lhe o *bastardo*. O visconde de Agilde nunca mais viu a filha do boticario; mas, se um dia puder furtar-se á vigilancia da esposa, hade ir ajoelhar-lhe aos pés, a confessar a saudade, e aliviar o pezo da vergonha e do remorso.

S. Miguel de Seide, 25 de setembro de 1876.

Res

4995

